

The book cover features a stylized illustration. At the top, a blue-tinted scene shows a person in a forest. Below this, a large red handprint is shown with a white airplane flying out of it, leaving a white contrail. The title 'A GRANDE CAÇADA' is written in large, bold, black letters across the middle, with 'DAN SMITH' in smaller red letters above it.

DAN SMITH
A GRANDE CAÇADA





DAN SMITH

A GRANDE CAÇADA

Tradução

GUILHERME MIRANDA

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

SUMÁRIO

Capa
Rosto
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
A primeira caçada
O território das caveiras
O teste
Primeiro sangue
Hazar
Uma decisão difícil
Tempestade de fogo
Cicatrizes
Quem é você?
A grande caçada
Caçados
Morte na montanha
Da mesma madeira
Feliz aniversário
Cabeça morta
O destino se aproxima
O que a floresta queria
Troféu
Unhas e dentes
O que merecemos
Cachoeira
Nas profundezas
Fantasma na neblina
Outro mundo
Air force one
Sem saída

O plano
Confronto final
Game over
Tradição é tradição
Fotografia
Agradecimentos
Sobre o autor

*Para todos que algum dia pensaram que
não eram bons o bastante.*

A floresta é um juiz severo. Dá a cada um de nós o que merecemos. Precisamos saber ouvir e lutar, com unhas e dentes, pela nossa presa. É isso que fazemos há séculos e faremos nos próximos séculos. Nada é dado de graça.

A PRIMEIRA CAÇADA



ABAIXADO SOB A SOMBRA DAS BÉTULAS, levantei a cabeça para sentir o cheiro da brisa. Um aroma almiscarado de musgo e terra molhada invadiu minhas narinas, mas havia algo a mais no ar, alguma coisa quente e selvagem.

Continuei parado, atento a qualquer movimento.

Ali.

Alguma coisa estava logo à frente, camuflada entre os vários tons de verde da floresta.

Sem tirar os olhos das árvores, peguei um punhado das últimas folhas de outono no chão. Secas e amarelas, joguei-as para cima e deixei caírem sobre mim. Assim o que quer que estivesse na mata não conseguiria me farejar. Eu estava sob o vento. Segurei firme o arco que estava na minha mão esquerda e peguei uma flecha na aljava com a mão direita. A ponta estava afiadíssima.

Encaixei a flecha no arco e dei um passo à frente sem emitir um som sequer. Parei um instante e dei outro passo, avançando devagar. À minha frente, o chão da floresta estava coberto de folhas secas e gravetos. Mas eu era um caçador. O melhor caçador da nossa aldeia. Passaria por cima delas como um fantasma.

Ao pisar o tapete de folhas avermelhadas, mantive as plantas dos pés tocando o chão. O tempo parou. Meu coração batia mais devagar. Meus músculos estavam relaxados e minha mente, calma.

Foi então que avistei. Não muito longe. Um vulto em meio à folhagem.

Era o maior bicho que eu já tinha visto, altivo e imponente, com a cabeça voltada para a minha direção. Suas galhadas eram enormes; a envergadura devia ser do tamanho dos meus braços abertos.

Depois de endireitar minha postura e respirar fundo, ergui o arco e puxei a corda contra minha bochecha. Fechei um olho e mirei, deixando que o ar saísse dos meus pulmões num fluxo constante.

Agora.

Quando soltei a corda, a flecha zuniu pela floresta. Cortou o ar e atravessou a curta distância num instante: um míssil mortal de madeira e pena, disparado numa linha reta e segura.

Mas a flecha esbarrou num ramo que balançava e foi desviada para a direita. Ela girou e se contorceu, batendo no tronco prateado de uma bétula e caindo sobre as folhas como um graveto inofensivo.

— Droga.

Na mesma hora, peguei outra flecha, ajeitei-a na corda, puxei e atirei.

Dessa vez, a flecha atravessou a folhagem, mas perdeu força no momento em que tocou o cervo. Quando atingiu a traseira do animal, ricocheteou e sumiu na vegetação rasteira.

— Ah, não!

Eu me aproximei e disparei novamente. Dessa vez quase acertei o coração do bicho, mas, de novo, a flecha não conseguiu penetrar sua pele.

— Estou morto — eu disse, abaixando o arco. — Nunca vou passar no Teste.

De repente me dei conta da realidade. Eu não era o melhor caçador da aldeia. Não era nem o melhor caçador da minha *idade*. Eu era um caso perdido. Meu arco era mais fraco que o dos outros meninos porque eu não tinha força suficiente para usar nada maior, e minha mira era péssima.

Suspirei com tristeza enquanto caminhava em direção ao vulto atrás das árvores, afastando a folhagem da frente e parando ao lado dele. À distância, parecia de verdade, mas, de perto, o cervo não passava de um monte de galhos e musgo cobertos por um velho cobertor cor de café. Meu pai e eu havíamos montado o bicho um mês antes para que eu praticasse ali no bosque atrás de casa.

Praguejei, coloquei outra flecha no arco e disparei contra o boneco à queima-roupa. A ponta da flecha penetrou o cobertor bem no coração do bicho de mentira.

Balancei a cabeça. Talvez eu me desse bem se conseguisse me aproximar de algum animal. Ou talvez tivesse sorte, ou...

Passos atrás de mim.

Me virei e esperei. Sabia que era meu pai porque reconheci o ritmo e o peso de seus passos. Ele era um homem grande, com uma passada longa, mas leve.

— Oskari — ele chamou, afastando os galhos para me ver. — Praticando de última hora?

Tirei o cabelo da frente dos olhos e encolhi os ombros, tentando ignorar a sensação de pavor crescente pelo que estava por vir. Meu aniversário de treze anos era no dia seguinte, mas, antes que eu virasse homem, precisava enfrentar o Teste.

— Então... — ele hesitou, como se não soubesse muito bem o que dizer. — Todo mundo está esperando. Está pronto para ir?

— Acho que sim. — Mas continuei parado onde estava.

Meu pai me observou por um instante. Então se aproximou e colocou a mão embaixo do meu queixo, erguendo meu rosto para que eu olhasse em seus olhos.

— Tudo bem — ele disse. — Você vai ficar bem.

Assenti e tentei sorrir. Mas eu não tinha a sensação de que ficaria bem.

O TERRITÓRIO DAS CAVEIRAS



MEU ESTÔMAGO REVIRAVA QUANDO DEIXEI O ARCO num canto do quarto e saí de casa.

Meu pai esperava na perua, com o motor ligado, batendo os dedos no volante.

— Venha logo! — ele gritou pela janela aberta. — Precisamos ir.

Fechei a porta da casa e corri para o carro, mas, quando dei a volta para abrir a porta do passageiro, meu pai balançou a cabeça.

— No caminho para o Teste, você vai no banco de trás — ele disse. — Na volta pode sentar na frente como um homem. É assim que as coisas são.

Sem responder, fui para o banco traseiro. Fazia tempo que não sentava ali, e isso só me fazia sentir ainda menor.

Meu pai ligou o motor barulhento e saiu com o carro. Ele me olhou pelo retrovisor e passou os dedos pela barba, como se pensasse em alguma coisa.

— Eu sei que você não quer fazer isso, mas tradição é tradição.

— Eu *quero* fazer — respondi.

Ele abriu a boca para falar, mas pensou melhor e, em vez disso, fechou a janela. Na mesma hora, a brisa fria cessou e ficou quente na parte de trás. O ar estava parado e tinha cheiro de botas velhas.

Atravessando a aldeia, a estrada esburacada estava lotada de carros à nossa espera e, quando passamos, eles buzinaaram e começaram a

seguir em comboio atrás de nós. Tentei não pensar que todos estavam *me* seguindo, iriam ver o *meu* Teste.

— Imite um alce — meu pai pediu.

Respirei fundo, levei as mãos à boca e tentei fazer o som que ele havia me ensinado.

— *Muóig! Muóig!*

Meu pai franziu a testa.

— Bom, é quase isso, mas está parecendo mais um velho roncando. Será que seu cervo está melhor?

Quando tentei fazer o som, porém, parecia um gato se afogando. Meu pai balançou a cabeça e voltou a atenção para a estrada.

Fechei os olhos e desejei estar em outro lugar.

— Desculpe.

— Você vai ficar bem, Oskari — ele disse, pela quinta vez. No entanto, parecia que estava tentando convencer a si mesmo de que eu não seria uma decepção. — Tudo de que você precisa está no quadriciclo. Mas, se lembrar o que ensinei, não vai precisar de nada. No meu tempo, nem havia quadriciclo, apenas nossos pés, e nos virávamos muito bem. Bem, me fale quais são os dois itens mais importantes agora.

— Hum...

— Vamos, Oskari. Os dois itens mais importantes.

— Minha faca.

— Sim.

— E meu kit de fogo.

— Você está com os dois?

— Bem aqui. — Dei um tapinha na faca pendurada no cinto e toquei o bolso da jaqueta, onde estava o tubo à prova d'água que continha meu kit de fogo.

— Muito bem. Enquanto estiver com eles, vai conseguir sobreviver a qualquer coisa, em qualquer lugar. Sempre ande com eles. Nunca os coloque na bolsa e não vá perder, hein? Lá fora, podem ser a diferença entre a vida e a morte.

— É só uma noite — eu disse, tentando parecer corajoso.

— Não importa. Uma noite na floresta já é o suficiente. Qualquer coisa pode dar errado e você sabe disso. A faca e o kit de fogo vão mantê-lo

aquecido, seguro e bem alimentado enquanto precisar. E você terá o arco, claro.

O arco. Só de pensar nele eu sentia um frio na barriga.

Suspirei e olhei pela janela suja da traseira do carro em meio aos solavancos do trajeto. Fazia tempo que a aldeia tinha ficado para trás, perdida entre as árvores, enquanto subíamos pelos contrafortes da montanha mais alta daquele lado da floresta, o monte Akka.

Atrás de nós, o reboque chacoalhava sobre a estrada esburacada, carregando o quadriciclo do meu pai. Preso às correntes, o veículo se agitava, como se estivesse vivo e louco para se soltar. Com a pintura verde lascada, ele era grande, velho e enlameado. Estava em casa desde que eu me entendia por gente, e meu pai vivia fazendo consertos ou trocando peças, porque não tinha dinheiro para comprar um novo.

Havia uma fila de veículos atrás de nós: um conjunto variado de caminhonetes velhas e enferrujadas e peruas quatro por quatro. Algumas estavam cheias de equipamento e cobertas por lonas que balançavam ao vento; outras puxavam trailers velhos, caindo aos pedaços. Eu as observei por um momento e me senti mal ao pensar em todos aqueles homens, homens que subiam a montanha para me ver iniciar o Teste, homens que achavam que eu fracassaria porque não era o mais forte nem o melhor em nada.

Minha mãe sempre dizia que era normal demorar para crescer. Quando eu voltava da escola cheio de machucados, ela me fazia um chocolate quente e dizia que era questão de tempo até eu ficar maior e mais forte que meninos como Risto e Broki, mas que eles nunca seriam tão inteligentes quanto eu. Meu pai sorria e concordava.

— Maior, mais forte e mais esperto — dizia ele. — Um dia, você vai ser mais que um mero caçador.

Mas, agora que minha mãe estava morta, ele quase não sorria mais.

À esquerda da estrada, os rochedos e os incontáveis pinheiros se estendiam para dentro da floresta que se erguia em torno do monte Akka. Lá, a mata exuberante era densa, sombria e cheia de vida. Naquele momento, porém, eu não queria pensar em nada que havia lá, como ursos capazes de arrancar a cabeça de uma pessoa com um só golpe de suas patas, glutões do tamanho de cachorros, com dentes capazes de esmagar ossos. Minha mãe costumava me contar histórias

sobre outras criaturas também, como o *Ajatar*, o Diabo da Floresta, que tinha forma de dragão e podia deixar uma pessoa doente só de olhar para ela. Havia também a história do *näkki*, monstro que vivia nos pântanos e lagos e mudava de forma, esperando para puxar suas vítimas e afogá-las. Tudo historinha, claro, mas eu adorava quando ela sentava na beira da minha cama e falava sobre esses monstros antes de me dar um beijo de boa noite e apagar a luz. Ela conhecia todas as histórias.

— Você está pensando na sua mãe. — A voz do meu pai estava baixa.
— Sempre sei quando você está pensando nela.

Eu não disse nada.

— Também sinto falta dela. — Era quase um murmúrio, como se ele não quisesse admitir.

Do outro lado da estrada havia um desfiladeiro que dava para o nada. Se meu pai dirigisse muito perto da borda, cairíamos da beira do abismo e levaríamos um bom tempo até chegar ao chão.

— Tenho uma coisa para você — meu pai disse. Ele abriu o porta-luvas e vasculhou lá dentro, inclinando-se para o lado, sem tirar os olhos da estrada. Havia de tudo ali: papéis amassados, cartuchos para o rifle, uma faca velha com cabo de osso, pedaços soltos de barbante e um maço de cigarros aberto. Ele pegou, porém, um rolo amassado de papel, que passou para mim, dizendo:

— Tome. Para você.

— O que é isso? — perguntei, estendendo o braço trêmulo para pegar.

O papel estava amarelado, parecia velho. Estava endurecido, com um vinco por ter sido esmagado no porta-luvas, e tinha cheiro de óleo.

Meu pai pegou o maço e tirou um cigarro antes de jogá-lo de volta no porta-luvas e fechar a portinha. Quando acendeu o cigarro e abriu só uma fresta da janela, o vento soprou toda a fumaça no meu rosto. Me afastei para não ser atingido.

— Vamos — meu pai disse. — Abra.

Hesitei por um instante. Então respirei fundo e desenrolei o papel: era um desenho antigo.

— É um mapa? — Reconheci um ou dois lugares marcados nele. Dava para ver a estrada em que estávamos agora e a floresta que se estendia à nossa esquerda. E, no alto dos contrafortes, na base do monte Akka,

estava o Território das Caveiras, nosso destino. Logo abaixo, na margem do mapa, estava nossa aldeia.

— Tem uma cruz vermelha — meu pai falou.

Passei o dedo pelo mapa, sentindo as rugas e saliências do papel velho e endurecido.

— Sim. O que é? — Fixei meu dedo sobre a cruz. Parecia nova, como se alguém a tivesse desenhado com um marcador vermelho recentemente.

— É o nosso segredinho — meu pai disse. — Um lugar onde sempre há cervos. — Ele tirou as mãos do volante e estendeu os braços. — Estou falando de cervos machos, bonitos, com galhadas grandes.

— Um campo de caça secreto? — Estudei a cruz vermelha, já sentindo o mistério do lugar. Lembrei que minha mãe dizia que o cervo seria o meu animal, o que a floresta *ofereceria* para mim.

— Exato. Então vá para lá, espere até o amanhecer e fique sob o vento.

— Tá bom, pai. — Tirei os olhos do mapa e olhei para ele. — Eu sei como chamar cervos.

Mas vi a reação dele. A maneira como arqueou a sobrancelha e desviou os olhos para encarar a estrada.

— O campo de caça secreto fica num grande planalto perto do topo da montanha — ele disse. — Descanse antes de chegar ao pico e suba ao amanhecer. Você vai achar um cervo e passar no Teste.

Descansar. No escuro. Sozinho na floresta do monte Akka por uma noite inteira. Eu não tinha pensado em mais nada nas duas últimas semanas. Sonhava com aquilo e acordava apavorado, com um peso no peito.

Engoli em seco e tentei me sentir forte, por mim e por meu pai. Aquilo era importante para nós dois.

— Pai?

— Hum?

— Quero que você saiba... o Teste... eu vou fazer o melhor possível.

— Eu sei que vai.

Voltei a olhar para o mapa. Então enrolei o papel e o guardei no bolso. Quando ergui os olhos, meu pai ainda me observava pelo retrovisor.

— Mas não sei se meu melhor vai chegar a ser...

— Seu melhor vai ser bom o suficiente. — Meu pai assentiu e abriu um sorriso forçado, mas nós dois sabíamos: *ele* era um herói, uma *lenda*, e qualquer coisa que eu fizesse *nunca* seria boa o suficiente.

Começava a escurecer à medida que a estrada se enveredava por entre as árvores, e meu pai nos guiava cada vez mais para o alto e para dentro dos contrafortes. Continuamos a subir e adentrar aquele mundo verde e marrom, repleto de pinheiros e abetos tão altos que eu precisava pressionar o rosto contra o vidro sujo para ver suas copas. O cheiro fresco e doce que entrava pela janela aberta me lembrava das manhãzinhas na floresta. No último mês, todos os dias meu pai me acordara ao nascer do sol e me levava à floresta atrás de casa para me ensinar a fazer fogueiras e construir abrigos. Ele me fazia perseguir animais, usar camuflagem e disparar uma flecha atrás da outra no cervo de mentira, usando seu arco em vez do meu. No entanto, nunca tive força suficiente para puxar completamente a corda do arco dele, e isso o preocupava tanto quanto a mim.

Meu pai amassou o cigarro no cinzeiro e fechou a janela.

— Quase lá — ele disse.

Senti um friozinho na barriga e me obriguei a concordar com a cabeça.

— Pois é.

Me ajetei para o lado para ficar logo atrás dele e peguei no bolso uma foto que tinha tirado do mural do Chalé de Caça. Mais ou menos do tamanho de um cartão-postal, ela era antiga, assim como o mapa, e tinha um vinco no meio. Eu a desdobrei e olhei para a imagem de meu pai em seu aniversário de treze anos. Com um grande arco em uma das mãos, ele estava curvado sob o peso do urso-pardo que carregava nas costas. Eu duvidava que algum dia chegaria a ser tão forte e corajoso quanto ele.

— Eles vão ver só — meu pai disse, como se soubesse no que eu estava pensando.

Dobrei a foto e guardei-a no bolso no mesmo instante em que ele olhou pelo retrovisor.

— Você tem o cérebro da sua mãe, Oskari. Você é esperto. Muito mais do que eu jamais fui. Não precisa ser o maior nem o mais forte para passar no Teste, já te falei isso.

No entanto, naquele momento, eu não conseguia pensar em nada que fosse mais útil do que ser o maior e mais forte. O mais corajoso, talvez. Um rifle também seria mais útil.

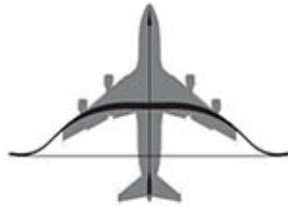
— Não esqueça o mapa — meu pai falou. — Não vá perder, hein!

À frente do comboio, fomos os primeiros a chegar ao topo dos contrafortes e entrar no Território das Caveiras, ao sopé do monte Akka. Sacolejando, subimos por uma grande clareira pedregosa que eu nunca tinha visto, mas sobre a qual os meninos mais velhos já haviam comentado. Era quase inteiramente cercada pela floresta densa e por rochas escarpadas que se erguiam em praticamente todos os lados, menos na parte final, onde havia um despenhadeiro. De lá dava para ver as nuvens espessas que cobriam os picos das outras montanhas. Meu pai dirigiu quase até a beirada, as pedrinhas soltas estalando sob os pneus, e fez uma volta brusca, parando bem em frente ao Território das Caveiras antes de desligar o motor.

No lado oposto da clareira, uma nuvem negra emergia do topo das árvores. Ela ascendia para o céu cinza e se desfazia no que pareciam ser centenas de corvos. Eles rodopiavam e se espalhavam em várias direções antes de descer novamente.

Quando os homens da minha aldeia conversavam sobre aquele lugar, falavam como se fosse um local sagrado, como se fizesse parte deles. E, apesar de alguns amigos meus já terem me falado a respeito e de meu pai ter tentado me preparar, eu nunca teria imaginado que seria daquele jeito.

O TESTE



NO CENTRO DO TERRITÓRIO DAS CAVEIRAS havia uma enorme plataforma construída com troncos secos de bétula e pinheiro. Era como um engradado gigante e, através dos buracos na madeira escura e desgastada, dava para ver a superfície dos grandes seixos lisos e cinzentos dentro dela, usados para sustentação.

Parecia estar lá desde o início dos tempos, como um grande altar, pronto para um sacrifício, e me perguntei quantos meninos já haviam sido levados até lá, esperando para iniciar o Teste. Um círculo de estacas antigas de madeira rodeava o altar: eram mastros de pinheiro da grossura do meu antebraço e da altura do meu ombro. Havia outros espalhados pela área, enfiados na terra aleatoriamente, cada um com uma caveira espetada no topo. Algumas eram pequenas, apenas restos de tetrizes, faisões ou coelhos, mas havia outras mais impressionantes. Dava para ver os restos de um veado, umas raposas e até o crânio de um cervo enorme, com a galhada e tudo. E ali, bem à nossa frente, no mastro mais alto de pinheiro, estava o crânio de um urso.

Gasta e amarelada pelo vento e pela chuva, a caveira de urso estava com a boca aberta como se soltasse um rugido terrível. Como se, mesmo tanto tempo depois de sua morte, o bicho ainda estivesse furioso com o que havia acontecido.

Aquela caveira era pelo menos três vezes maior que a minha cabeça, e os grandes dentes curvos eram do tamanho dos meus dedos. Dentes como aqueles eram capazes de esmagar a cabeça ou arrancar um braço

de uma pessoa. Um urso daquele tamanho podia quebrar todos os ossos do corpo de um homem adulto com a mesma facilidade com que eu quebrava um graveto.

Senti um calafrio ao olhar para a caveira.

Ela me encarou de volta, com aquele olhar oco.

— Aquela é a sua? — perguntei, remexendo no banco e quebrando o silêncio.

— Sim — meu pai respondeu e tocou o dente de urso pendurado no cordão de couro em seu pescoço. — Mas não precisa ser um urso. Hamara trouxe um cervo, nem era macho. E Davi só conseguiu um par de faisões.

Fitei novamente os olhos negros e vazios do crânio de urso e me perguntei o que a floresta me ofereceria. O que eu merecia?

Os outros carros começaram a surgir por entre as árvores atrás de nós, seguindo aos trancos até onde estávamos estacionados. Formaram um semicírculo voltado para o Território das Caveiras e, então, os homens desceram dos veículos. Em questão de minutos, pelo menos vinte deles começavam a trabalhar, como se cada um tivesse uma função.

— Espere aqui. — Meu pai abriu a porta e desceu para a clareira. Por um segundo, o barulho dos homens invadiu o carro, mas quando meu pai bateu a porta os sons foram abafados novamente. Ficar ali me fez sentir diferente de todos os outros, como se eu não fosse um deles.

Meu pai afundou ainda mais o boné na cabeça e fechou o casaco verde sobre o agasalho. Então, caminhou devagar até o último veículo na fila. Era uma perua velha e enferrujada, caindo aos pedaços, com um pequeno trailer preso a ela. Hamara, seu dono, estava em pé ao lado do veículo, com os polegares apoiados no cinto, observando os outros homens trabalharem.

Hamara era o maior homem que eu já tinha visto na vida — meu pai não passava de seus ombros. Uma barba grisalha e desgrenhada cobria a maior parte de seu rosto enrugado, e seu longo e ralo cabelo grisalho descia por trás da touca de lã preta e gasta. Seu casaco de camuflagem estava aberto, deixando à mostra a blusa bege suja, que ficava apertada na grande barriga. No ombro, pendurava um rifle que parecia tão velho e maltratado pelo tempo quanto ele próprio.

Meu pai não gostava muito de Hamara. Sempre dizia que não passava de um velho rabugento, mas era o líder ancião de nossa aldeia e não havia nada que pudesse ser feito.

Eles conversaram por um minuto e, em seguida, olharam na minha direção. Pude ver que meu pai estava nervoso, porque beliscava a pele em torno do polegar esquerdo. Ele sempre fazia isso quando alguma coisa o incomodava. A primeira vez que eu o vi fazer isso foi no hospital quando minha mãe estava doente, e ele havia beliscado até arrancar a pele. Parecia nem notar o sangue.

Hamara me observava com seus olhos penetrantes e sem brilho, e apertou os lábios antes de concordar com a cabeça. Meu pai ficou parado por um segundo, depois baixou a cabeça e voltou para nossa perua.

— Venha, então — ele disse ao abrir a porta. — Me ajude com a barraca.

Quando terminamos de montar a barraca, o Território das Caveiras estava alvoroçado com os homens arrumando os preparativos, mas ninguém ria ou fazia piada. Em vez disso, a atmosfera era solene, e eles falavam aos sussurros enquanto Hamara os mandava cumprir uma ou outra tarefa.

Meu pai foi ajudar Efra a cortar toras de pinheiro para jogar na fogueira, que ardia em um círculo de pedras arredondadas. Alguns montavam abrigos, outros reorganizavam seus trailers ou acendiam tochas e fixavam-nas no chão, embora ainda fosse demorar algumas horas para escurecer.

Era primavera, mas estávamos e numa altitude tão elevada e tão ao norte, acima até do Círculo Ártico, que ainda fazia frio. Todos os homens usavam camadas de agasalhos e casacos que os deixavam maiores que o normal. Eles eram peludos e repugnantes e, embora eu os visse todos os dias, aquele lugar lhes dava uma aparência ainda mais selvagem, como se tivessem acabado de sair da floresta. Eles carregavam rifles sobre os ombros e facas na cintura.

Havia outros meninos também, todos mais velhos que eu, mas não muito. Porém, nenhum deles falava comigo. Mesmo meus amigos, Jalmar e Onni, apenas sorriam e acenavam com a cabeça sempre que eu olhava para eles. Outros, como Risto e Broki, olhavam para mim, sussurravam e passavam o dedo pela garganta.

Coloquei a touca de lã e caminhei até o reboque, fingindo que queria olhar o quadriciclo. Meu pai e eu já tínhamos dado uma olhada nele antes de sair de casa, então eu sabia que estava funcionando bem e que meu equipamento estava na traseira, mas eu não sabia o que fazer com o pouco tempo que me restava. Logo mais, Hamara me chamaria na frente dos outros homens e todos os meus medos se tornariam realidade.

Confirmando meus pensamentos, o som súbito de um tiro cortou o ar. Me assustei com o barulho, alto e penetrante, e olhei para a plataforma enquanto o tiro ressoava pelo Território das Caveiras até desaparecer.

Hamara estava em pé lá em cima, olhando para todos nós, com o rifle na mão direita. Ele havia pousado a coronha no quadril, deixando o cano apontado para a cima. Na mão esquerda, segurava um grande arco de caça. Ele parecia ainda maior, como uma espécie de animal pré-histórico da floresta.

Todos pararam o que faziam e olharam para ele, que disparou outro tiro. O rifle recuou contra seu quadril, mas ele permaneceu imóvel.

Quando o som do segundo tiro se extinguiu, Hamara berrou:

— Oskari!

Meu coração parou por um segundo e minhas entranhas ficaram tensas.

Ao lado da fogueira, meu pai lançou uma última tora nas chamas e correu em minha direção, apontando para o quadriciclo.

Todos os outros homens seguiram para a plataforma.

— Cuidado com os ursos — Davi disse, dando um forte tapa em minhas costas ao passar por mim. Ele era pai de Broki, e eu o odiava tanto quanto odiava seu filho. O tapa me fez perder o equilíbrio, jogando-me contra o quadriciclo, e precisei estender as mãos para não cair. Quando virei, meu pai parou na frente dele, com o machado numa mão.

— O que foi? — Davi estendeu os braços. — Só estava desejando boa sorte para ele, nada de mais.

Meu pai deu um passo à frente, ficando a poucos milímetros dele, com os olhos cravados nos do homem. Sua mão segurava o cabo do machado com tanta força que seus dedos ficaram brancos.

— Estou bem, pai — eu disse, limpando as mãos na calça. — Juro.

A respiração de meu pai ficou pesada, e ele continuou a encarar Davi.

— Você ouviu seu filho — Davi disse, dando um passo para trás. — Ele está bem.

Meu pai cerrou os dentes e balançou a cabeça. Pensei por um momento que ele daria um soco em Davi, mas então outro tiro ressoou e Hamara gritou mais uma vez:

— Oskari!

— Melhor não deixar todo mundo esperando — Davi disse, com um sorriso irônico.

Meu pai engoliu a raiva e deu as costas para ele.

— Venha, filho, vamos tirar isso do reboque.

Ele abriu a tampa do reboque, olhando de esguelha para Davi, que foi se juntar aos outros em torno da plataforma.

— Não se preocupe — ele disse. — Ele é um zero à esquerda.

Eu também, pensei ao montar no banco barulhento do quadriciclo. Sentado ali eu me sentia pequeno e assustado, e imaginava como seria sair dirigindo e deixar tudo aquilo para trás.

— Vamos, Oskari, rápido. Eles estão esperando. E lembre-se de fazer tudo exatamente como eu te ensinei.

— Sim, pai. — Liguei o motor e acelerei. Devagar, desci de ré do reboque.

— Mais rápido.

Pisei um pouco mais fundo e o quadriciclo desceu pela rampa de metal. Por um segundo, perdi o controle e ele desceu rápido demais, afundando as rodas num trecho de barro e fazendo-as girar, espirrando lama à nossa volta. Pisei fundo novamente para sair, mas as rodas giraram mais rápido e afundaram ainda mais, e o motor roncou alto.

— Deus do céu, Oskari! — Meu pai se aproximou para desligar o quadriciclo. — Quantas vezes eu tenho que... — Ele se deteve e fechou os olhos, respirando fundo. Quando abriu os olhos de novo, se voltou

para mim. — Quantas vezes eu tenho que te dizer? Se sobrecarregar o motor, ele vai acabar fundindo. E se fundir, não vamos ter quadriciclo nenhum. Não dá para consertar um motor queimado e não temos dinheiro para comprar outro. Cuide bem dele, Oskari. Tome muito cuidado.

— Desculpe — pedi, descendo do quadriciclo.

Meu pai suspirou.

— Tudo bem. Só... vá até lá e mostre para eles. — Com dificuldade, ele abriu um sorriso com o canto dos lábios, segurou o guidão e, juntos, desatolamos o veículo.

Enquanto isso, olhei para o outro lado da clareira, onde as caveiras pareciam me observar do alto de seus mastros.

Você vai fracassar, suas vozes mortas murmuravam. Você vai fracassar.

As tochas flamejantes em torno da plataforma tremeluziam sob a brisa, e Hamara continuava parado com o rifle apoiado no quadril e o arco na mão, como se esperasse o sacrifício ser levado até ele. Todos os outros homens e meninos tinham virado para ver o que meu pai e eu estávamos fazendo. Alguns riam enquanto eu subia outra vez no quadriciclo, mas cerrei os dentes e ignorei todos eles. Tentei imaginar que não estavam lá enquanto dirigia através da multidão até a plataforma, com o quadriciclo rangendo sobre as pedras.

— Ei, Oskari! — Risto gritou. — Dá para encontrar umas frutinhas perto do pântano.

— Ou, se você não encontrar nenhuma, traz estrume de alce — Broki gritou, provocando risadinhas abafadas.

— Tem um monte de excremento de coelho também! — gritou outra voz.

Mantive o olhar fixo à frente e fingi não ouvir. Tentei repetir para mim mesmo que eles iriam ver só. *Tentei* repetir para mim mesmo que estava com o mapa no bolso, com o campo de caça secreto de meu pai marcado e que todos teriam que engolir o que diziam quando eu voltasse com o maior cervo que eles já tinham visto. No entanto, não sei por quê, isso não me fez sentir mais forte nem mais corajoso.

Ao me aproximar da plataforma, vi que a estrutura de madeira não estava cheia só de rochas cinzentas. Havia crânios ali também, quase

todos muito marrons e amarelados. Pareciam ainda mais antigos. Todos aqueles dentes quebrados e afiados e aquelas órbitas oculares vazias, cercados por tochas bruxuleantes, davam um ar fúnebre ao lugar.

Quando estava bem à frente deles, parei e desliguei o motor, aterrorizado pelo que estava por vir. Continuei sentado por um segundo e depois desci do quadriciclo, perguntando-me quantas caveiras me observavam enquanto eu subia a instável escada de madeira, até chegar à plataforma e parar ao lado de Hamara.

Observei a expressão grave dos homens à nossa frente, sem reconhecer as pessoas porque não conseguia me concentrar em nada. Minha visão estava embaçada. Meu coração batia forte no peito.

Tum. Tum. Tum.

Meu estômago estava pesado e queimava como daquela vez em que eu tinha comido alguma coisa estragada e passara a noite toda vomitando.

Então, vi de relance meu amigo Jalmar, que me fez sinal de positivo, e depois meu pai, que me deu um aceno encorajador com a cabeça. Me voltei para o líder ancião.

Hamara cravou seus olhos frios em mim. Por um longo momento, parecia que ele nãoalaria nem faria nada, mas, por fim, levantou a mão esquerda e me ofereceu o arco tradicional de caça.

Engoli em seco e estendi a mão para pegar, mas ele não soltou. Olhei para o arco, depois para ele, e puxei com mais força. Hamara estreitou os olhos e tirou a mão.

Um murmúrio percorreu a multidão abaixo de nós. Alguém havia sussurrado outra gracinha e, novamente, ouvi as risadas.

O arco era ainda maior que o do meu pai. Era quase da minha altura: quando eu encostava uma ponta na plataforma, a outra chegava até meu queixo. A madeira era pesada e fria, mas o cabo ainda estava quente por causa da mão de Hamara. Aquele era o arco tradicional de caça de nossa aldeia, que ficava guardado no Chalé de Caça e era usado apenas para o Teste. Fazia mais de cem anos que as pessoas de nossa aldeia caçavam com ele — e os meninos se tornavam homens com ele. Em seu Teste, meu pai matou um urso com aquele arco.

Agora era a minha vez de mostrar do que eu era capaz.

Todas as horas de treinamento levavam àquele dia. Todos os dias com dor nos braços e feridas nos dedos, usando arcos maiores e mais fortes, me conduziam àquele momento específico.

“Fique calmo”, disse a mim mesmo. “Fique calmo.”

Fechei os olhos por um segundo. Em seguida, me virei de frente para a multidão e assumi uma postura de força, exatamente como meu pai havia me ensinado. Segurei o arco com firmeza na mão esquerda e respirei fundo enquanto o erguia, curvando os dedos da mão direita ao redor da corda trançada e começando a puxá-la.

O arco rangeu e se curvou, cedendo à minha força.

Mantive o braço esquerdo firme e reto enquanto puxava a corda mais e mais.

Não foi tão difícil quando eu achava que seria. As horas de treinamento haviam valido a pena. Eu estava conseguindo. Eu provaria que todos estavam errados. Eu conseguiria puxar a corda até o fim e...

A dois dedos do meu nariz, o arco pareceu ficar mais tenso e resistir a mim. A corda se recusava a ser puxada além daquele ponto. Rangi os dentes e juntei todas as minhas forças, mas ela não cedeu. Meus braços começaram a queimar. A dor partiu dos antebraços e cresceu até os ombros, enquanto o arco começava a tremer. O pânico ameaçou tomar conta de mim. Eu não conseguia. Eu não conseguia puxar o arco. Não tinha força suficiente.

Vi meu pai olhando para mim lá de baixo. Ele segurava o dente de urso pendurado em seu pescoço com uma expressão mista de pena e vergonha, o que me deu um pouco mais de força. Eu estava decidido a não decepcionar meu pai. Eles iam ver só.

Com um último arroubo de energia, consegui puxar a corda mais três centímetros, até tocar a ponta de meu nariz... mas nada além disso. E não era o bastante. Ela tinha que encostar na minha bochecha. A corda precisava encostar na minha *bochecha*.

Foi nesse momento que percebi que havia falhado.

Senti meus olhos lacrimejarem e não consegui segurar o arco por mais tempo. Meus músculos queimavam, meus braços tremiam e meu pai abaixou a cabeça, envergonhado.

Deixei a corda relaxar e coloquei o arco ao meu lado.

Alguns dos meninos riram baixinho, mas os homens se remexeram, constrangidos. Era a pior coisa que poderia acontecer — se eu não tinha força suficiente nem para puxar a corda do arco, como poderia sobreviver na floresta? E o que a floresta daria a um menino incapaz de puxar o arco tradicional?

Hamara tirou o chapéu e começou a amassá-lo nas mãos enquanto fixava os olhos em mim. Ele abanou a cabeça uma vez e se virou para examinar a multidão, olhando para cada homem, até finalmente pousar os olhos nos do meu pai. Hamara o observou por um momento, depois estendeu a mão e o chamou para subir na plataforma.

Meu pai subiu, seguido por Siffonen e Rysty, dois dos outros homens mais velhos da aldeia. Eles eram enrugados e maltratados pelo tempo, como Hamara, com barbas grisalhas e espessas, e grandes bolsas embaixo dos olhos. Eles se aproximaram sem olhar para mim. Era como se eu não estivesse lá.

— O que faremos? — Hamara perguntou. — É a primeira vez que alguém não consegue puxar o arco.

— O menino volta para casa. — A voz de Rysty era rouca por causa dos anos de fumo, e sua barba, amarelada pelas manchas de tabaco.

— Volta coisa nenhuma — meu pai disse, com firmeza. — Ele precisa fazer isso.

— Já houve exceções. — Hamara baixou os olhos e passou a mão na cabeça. — O filho do Kuusisto não fez o Teste.

— Ele estava numa cadeira de rodas — meu pai disse. — Ele nem *tentou* puxar o arco. Não é a mesma coisa.

Hamara franziu a testa.

— Talvez seja melhor assim. Ele não é forte o suficiente. Se voltar para casa, não vai ter que chorar na frente de toda a aldeia.

— Oskari não chora — meu pai disse. — E mandar o menino para casa não vai poupá-lo da vergonha.

— Nem vai poupar você. — O ancião ergueu os olhos para encarar meu pai.

Ele parecia querer bater em Hamara.

— Ele não vai para casa — meu pai disse. — Você precisa dar uma chance a ele. Treinamos como loucos para isso. E não esqueça quem é o professor. Quando eu tinha a idade dele, trouxe um urso de volta.

— Ele não é você.

— Ele é *meu filho*.

Os homens ficaram em silêncio por um momento, depois voltaram a olhar para mim.

Limpei o nariz com a manga do agasalho e arrumei minha postura.

Hamara balançou a cabeça mais uma vez e deu um forte suspiro.

— Não vou procurá-lo amanhã caso ele se perca.

— Ele não vai se perder — meu pai rebateu. — Ele é esperto. Faça logo seu discurso e mande o menino para a floresta.

Hamara continuou a me observar por um instante, depois olhou para Siffonen e Rysty, que deram de ombros. Hamara consentiu e voltou a colocar o chapéu.

— Certo. Tradição é tradição.

Meu pai cuspiu na mão e a ofereceu para Hamara, que hesitou. Por um segundo, pensei que ele fosse mudar de ideia, mas, em seguida, o velho cuspiu em sua palma e eles apertaram a mão um do outro. A força daquele aperto parecia capaz de quebrar ossos.

Quando terminaram, meu pai apertou meu ombro e desceu da plataforma para se juntar aos demais. Siffonen e Rysty desceram logo atrás dele, deixando-me sozinho com Hamara novamente. A multidão estava inquieta e conversas sussurradas irrompiam aqui e ali.

— Homens! — Hamara berrou, impondo ordem. Esperou que se acalmassem antes de continuar. — Este menino tem o sangue dos caçadores nas veias. Está aqui como todos vocês um dia estiveram. Pronto para preservar nossas tradições. Tem uma noite e um dia para descobrir que tipo de homem ele é. — O ancião olhou de lado para mim e limpou a garganta. — Amanhã, vai nos trazer o que a floresta achar que lhe convém.

— Esterco de alce — alguém murmurou, fazendo Hamara parar e correr os olhos pela multidão com a testa franzida.

— A floresta é um juiz severo — ele continuou, erguendo a voz. — Dá a cada um de nós o que merecemos. Precisamos saber ouvir e lutar, com unhas e dentes, pela nossa presa.

Hamara se empertigou e ergueu o queixo com orgulho.

— É isso que fazemos há séculos e faremos nos próximos séculos. Nada é dado de graça. — Ele hesitou e correu os olhos pela multidão

novamente. — Um menino entra na floresta, mas é um homem que retorna.

Ele pousou a mão no meu ombro e perguntou:

— O que *você* merece? — Com os olhos fixos em mim, ele me entregou uma aljava cheia de flechas. Sem esperar resposta, ergueu o rifle mais uma vez e atirou no ar.

Imediatamente, o Território das Caveiras se encheu com o som de disparos à medida que cada homem erguia sua arma e atirava.

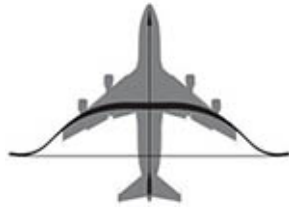
Entre eles, meu pai acenou com a cabeça para mim muito sério. Retribuí o aceno e, em seguida, coloquei o arco nas costas, desci da plataforma e montei no quadriciclo sem olhar para ninguém. Tudo o que eu queria era sair dali. Queria deixar todos eles para trás. Eu não tinha mais medo de ir para a floresta sozinho. Estava louco para fazer aquilo.

Quando virei a chave na ignição, porém, nada aconteceu. Engoli em seco e tentei mais uma vez. Nada de novo. Era como se tudo estivesse contra mim. Até o quadriciclo estava tentando...

O motor ganhou vida e acelerei com tudo. Olhei para meu pai uma última vez, depois engatei a marcha e parti para dentro da floresta do monte Akka.

Meu Teste tinha começado.

PRIMEIRO SANGUE



MELHOR SENSÇÃO DA MINHA VIDA.

O vento batia em meu rosto enquanto eu avançava pela trilha. Era incrível estar sozinho finalmente. Não havia ninguém para rir de mim, ninguém para desapontar além de mim mesmo.

As árvores pareciam um borrão verde-esmeralda quando entrei a toda velocidade nas profundezas da floresta, deixando o Território das Caveiras para trás. O sol descia atrás das árvores. A luz poente sombria e cinzenta era filtrada pelos troncos finos dos pinheiros. A trilha de terra estreita que serpenteava pela mata parecia ser percorrida havia centenas de anos. Raízes de árvores antigas irrompiam pela superfície como costas arqueadas de monstros marinhos, e rochas pontudas se projetavam aqui e ali, mas o quadriciclo passava por cima de tudo, deslizando e sacolejando. Eu me mantinha abaixado para evitar os ramos que se estendiam através da trilha e percebi que estava sorrindo ao dirigir, com o som do motor enchendo meus ouvidos e o arco cerimonial preso às costas. Ele era mesmo muito maior que o meu, mas meu pai tinha me obrigado a carregar o dele enquanto caçávamos juntos, de modo que a sensação não era esquisita.

Decidi dar a volta e subir pela montanha, direto para o lugar secreto de caça de que meu pai tinha falado. Segundo o mapa, ficava a pelo menos uma hora e meia de quadriciclo do Território das Caveiras e mais meia hora a pé, mas imaginei que conseguiria chegar lá pouco antes do anoitecer. Quando chegasse, faria uma fogueira e acamparia

sob o vento, ao sul do lugar marcado no mapa. Eu tinha apenas uma noite e um dia para caçar e sair da floresta com o troféu. Então, de manhã, tentaria encontrar um cervo logo.

Não tive coragem de pensar no que faria se não houvesse nada lá.

Olhei de canto para o relógio e fiquei surpreso ao descobrir que fazia quase uma hora que estava dirigindo, o que significava que eu já tinha atravessado uns vinte ou trinta quilômetros sem perceber. Até que estava indo rápido.

Acelerando pela trilha e sacolejando sobre raízes e rochas, pensei em como seria a sensação de disparar a flecha que mataria o cervo. Me imaginei esfolando o animal, tirando sua cabeça e saindo da floresta com ela amarrada às costas, as grandes galhadas estendidas sobre meus ombros. Hamara não me desprezaria mais. Não me olharia com pena por achar que eu não era bom o bastante. Mas o melhor de tudo seria ver meu pai orgulhoso. No fundo, eu sabia que ele não achava que eu pudesse impressioná-lo, mas ele ficaria muito contente ao me ver com um troféu tão admirável quanto o que a floresta havia oferecido a ele.

Então me lembrei da foto que havia pegado no Chalé de Caça. Diminuí a velocidade e enfiei a mão no bolso para pegá-la. Dirigi com uma mão, segurando a foto com a outra, e olhei para ela por um momento.

Meu pai com a cabeça do urso nas costas.

Ele parecia ameaçador na foto. Seu rosto estava sujo de lama e sangue, sua boca, cerrada, e ele olhava para a câmera como se desafiasse qualquer um a enfrentá-lo. Aposto que não riram dele quando estava na plataforma na véspera de seu aniversário de treze anos.

Estreitei os olhos e cerrei os dentes, tentando imitar sua expressão.

Foi então que um ramo de árvore bateu na minha cara.

Era fino e ardeu muito, me fazendo virar a cabeça numa direção enquanto o quadriciclo ia para outra. O veículo derrapou para fora da trilha, as rodas girando sobre galhos de pinheiro no chão, e deslizou por um barranco suave. O motor roncou alto enquanto eu tentava continuar em cima do quadriciclo e era bombardeado por lama e pedras soltas. Então, o quadriciclo tombou por completo, lançando-me para o chão.

Fiquei no ar por uma fração de segundo antes de cair de lado com uma batida forte, que me fez ranger os dentes e morder a língua. Escorreguei e rolei quatro ou cinco metros pelo barranco, batendo em troncos de árvore, rochas e raízes.

Quando finalmente cheguei ao final e caí com um baque sobre a vegetação rasteira, abri os olhos e vi o quadriciclo escorregando de lado pelo barranco de terra. As cordas elásticas na traseira tinham se soltado e meu equipamento se espalhou pelo chão da floresta, mas esse era o menor dos meus problemas. O veículo era pesado e descia rapidamente em minha direção.

Sem tempo para pensar, virei de barriga para baixo e rastejei, raspando as mãos e os joelhos nos galhos e gravetos que cobriam o chão da floresta. Era quase como tentar rastejar sobre areia movediça. Tudo aconteceu em câmera lenta. A qualquer momento, o quadriciclo me acertaria e eu ia morrer esmagado sob seu peso. Ou ficaria preso embaixo dele, na floresta, sem ninguém para me resgatar.

Então, meu pé encontrou apoio numa raiz, que empurrei com força, lançando-me para fora do caminho do quadriciclo bem na hora em que ele chegou ao final do declive e parou, com o motor ainda ligado.

Por um momento, fiquei de barriga para baixo e com a cabeça no chão, respirando com dificuldade, sem saber se estava vivo. Sentia gosto de sangue, terra e pedras esmagadas. Meus músculos estavam tão quentes por causa da adrenalina que nada doía muito, mas minha mão sangrava com um corte e meu rosto ardia. Quando toquei a bochecha, vi que meu dedo estava manchado de sangue. Tive a sensação de que estaria coberto de machucados no dia seguinte.

No entanto, quando percebi que ainda estava vivo, um pensamento passou pela minha cabeça como um alarme.

O arco!

Eu sentia a tensão da corda em volta de meu peito, mas me ajoelhei para confirmar se ela não tinha se rompido durante a queda. Se alguma coisa acontecesse com o arco, minha vida não valeria mais a pena. Hamara ficaria tão furioso por eu tê-lo quebrado que não seria nenhuma surpresa se cortasse minha cabeça e enfiasse numa daquelas estacas na clareira.

Prendi a respiração e examinei o arco, passando as mãos por seu cabo, apalpando-o em busca de rachaduras ou pontos frágeis. Suspirei aliviado quando percebi que estava inteiro. Tinha alguns entalhes e arranhões, mas nada além disso.

No entanto, não havia muito tempo para sentir alívio, pois o quadriciclo estava virado de lado no chão, com o motor ligado. As palavras de meu pai ecoaram na minha cabeça.

“Cuide bem dele, Oskari. Tome muito cuidado.”

Não tínhamos dinheiro para comprar outro.

Fechei os olhos e prometi que ajudaria meu pai com a lenha na semana seguinte se o quadriciclo estivesse inteiro. Fiz uma oração rápida à floresta ou a quem quer que estivesse ouvindo. Depois, me levantei e lambi o sangue dos dedos enquanto corria até o veículo.

Com um forte empurrão, coloquei todo o meu peso embaixo do quadriciclo e consegui fazê-lo ficar em pé. Desliguei o motor e dei uma olhada para ver se havia algum estrago. À minha volta, a floresta voltava ao normal depois da perturbação. Os pássaros retomaram seus cantos vespertinos e um pica-pau voltou a perfurar uma árvore ali perto.

Aliviado e contente pelo quadriciclo estar intacto, limpei o rosto com a manga do agasalho e comecei a recolher meus equipamentos para prendê-los às cordas elásticas. Consegui encontrar a maioria das flechas que haviam caído da aljava. Então, coloquei-as no lugar e procurei uma árvore com bastante musgo. Encontrei a planta entre duas raízes expostas, crescendo bem verde, e me abaixei para tirá-la do solo preto e fértil com a faca. O musgo saiu sem quebrar, com um forte cheiro terroso. Tirando o máximo possível de terra de sua base, enfiei a planta esponjosa dentro da aljava para manter as flechas firmes. Seria um pouco mais difícil para retirá-las, mas, pelo menos, ficariam no lugar. Prendendo a aljava nas costas, voltei para o quadriciclo.

Foi então que vi.

O cervo era enorme. Estava parado atrás de uma árvore caída a não mais que dez metros. Não parecia nem um pouco incomodado comigo.

O corpo do animal estava parcialmente escondido pelo tronco velho e retorcido, mas sua cabeça e seus ombros eram visíveis. No mínimo da minha altura, talvez mais alto, era saudável e forte, com a pele rija de músculos. Sua cabeça estava voltada para mim, de modo que eu via seus

grandes olhos marrons me observando, suas orelhas alertas e a enorme galhada disposta como uma coroa na cabeça.

Ele era lindo, perfeito em todos os sentidos, e era meu. Um cervo macho, exatamente como minha mãe previa.

Todo o meu corpo se agitou de ansiedade. Meu coração bateu mais forte e senti um formigamento no corpo. Fazia pouco mais de uma hora que estava entre as árvores e a floresta já me oferecia um troféu. Talvez aquela não fosse uma caçada tão desesperada como eu tinha pensado. Se eu matasse aquele cervo, poderia voltar ao Território das Caveiras ainda naquela noite. Só imaginei a cara que Hamara faria.

Sem desgrudar os olhos do animal, levei a mão às costas para tirar uma flecha da aljava.

O animal piscou e virou as orelhas.

Eu me movi o mais lentamente possível. O cervo não sabia o que eu era e estava parado, curioso, mas poderia sair correndo a qualquer momento. Seus músculos estavam tensos, prontos para saltar. Eu precisava fazer aquilo do jeito certo.

Enquanto colocava a flecha na aljava, imaginei como sairia na foto que Hamara tiraria de mim. O rosto pálido e sujo de terra, as mãos manchadas de sangue seco. Eu estaria com o arco numa mão, a faca na outra e a cabeça do cervo amarrada às costas. Meu pai ficaria muito orgulhoso quando Hamara fosse obrigado a colocar a foto no mural para que todos vissem o que eu tinha feito, para que todos vissem que tipo de homem eu era.

Comecei a me lembrar do momento em que estava em cima da plataforma enquanto encaixava a flecha na corda. Pensei que não seria capaz de puxar aquele arco e, por um momento, desejei estar com meu próprio arco. Com ele eu conseguiria... Cerrei os dentes e ignorei esse pensamento. Eu precisava fazer aquilo. Precisava encontrar forças.

Respirei fundo e comecei a puxar a corda.

Um coração firme se reflete em uma mão firme.

O cervo continuou a me observar, mas seus músculos pareceram relaxar. Suas orelhas se contraíram à medida que ele se distraía com outros sons da floresta. Ele parecia estar perdendo o medo de mim.

Até ele sabe que você não consegue puxar o arco.

Não sei de onde vinha aquela voz, ela simplesmente aparecia na minha cabeça.

Apertei os olhos e tentei ignorá-la. Respirei fundo, deixando o ar entrar em meu corpo, como meu pai havia me ensinado, e puxei a corda com mais força.

O mundo, de repente, se aquietou. Não havia nada além de mim, do arco e do cervo. Nada mais existia. Parei de ouvir o canto dos pássaros e o martelar constante do pica-pau. Até o vento foi desaparecendo. A floresta ficou em silêncio, como se todas as criaturas prendessem a respiração, esperando para ver o que estava prestes a acontecer.

O arco rangeu um pouco ao se dobrar. A corda feria meus dedos. Meus músculos começaram a tremer. Soltei um pouco o ar, fechei um olho e mirei, sentindo a adrenalina aumentar.

Só consegui puxar a corda até um palmo de meu nariz. Meus ombros e braços doíam por causa da queda e, naquele momento, queimavam pelo esforço de puxar o arco. Também comecei a tremer e perdi a mira. Precisava disparar a flecha rápido ou não conseguiria atirar em linha reta. Porém, se não puxasse mais, a flecha poderia não ser forte o bastante.

Juntei todas as minhas energias e puxei um pouco mais, mas um barulho distante acabou com aquele momento de calma. Começou como um ronco baixo, mas logo foi aumentando, até virar um estrépito trovejante que fez tudo ao redor irromper num alvoroço frenético. Era como se uma tempestade de raios estivesse caindo sobre a floresta, trazendo confusão e medo.

O barulho era ensurdecador, um estampido alto e mecânico que vibrava dentro da minha cabeça.

Tá-tá-tá-tá-tá.

Um vento forte balançava a copa das árvores violentamente e revirava as folhas secas e gravetos no chão da floresta.

Tá-tá-tá-tá-tá.

O barulho ficava cada vez mais alto e logo se tornou insuportável, dando a impressão de que a floresta rodopiava à minha volta.

O cervo ficou tenso por um segundo e, em seguida, saiu correndo e desapareceu em meio às árvores. Quando olhei para cima e vi o

helicóptero passar, torci o tornozelo numa raiz de árvore e caí de lado, soltando a corda do arco e disparando a flecha no ar.

Lágrimas de frustração encheram meus olhos e gritei para cima:

— Droga! — Brandi o arco para o alto. — Droga!

Levantei com dificuldade enquanto o helicóptero continuava sobrevoando a floresta, deslizando sobre a copa das árvores, e vi partes da pintura preta e branca luzindo sob o poente.

— Droga! — gritei de novo, sem saber como lidar com a raiva e a decepção que me invadiram. Naquele momento, odiei o helicóptero e tudo o que havia dentro dele. Queria que ele caísse e explodisse em um milhão de pedaços.

Quando estava a meio quilômetro de distância, o helicóptero parou. Só consegui ver que sobrevoava uma clareira entre as árvores.

— O que você está fazendo agora?

A máquina começou a descer, desaparecendo de vista. Ia pousar ali, na *nossa* mata, o que me deixava ainda mais furioso. Deviam ser caçadores ilegais.

— Patu — murmurei.

Patu morava na nossa aldeia antes de se mudar para a cidade e montar a Safari Tours. Ele dizia que queria ganhar dinheiro mostrando as paisagens para os turistas, mas todo mundo tinha certeza de que ele trazia pessoas para caça esportiva de cervos e ursos, embora fosse proibida.

Se estivesse trazendo caçadores ilegais, eu tinha que saber. Assim, se não conseguisse sair da floresta com um troféu, pelo menos não estaria de mãos vazias. Eu teria informações valiosas.

HAZAR



EU TERIA QUE IR A PÉ ATÉ O HELICÓPTERO ou os caçadores me ouviriam. Então, corri para o quadriciclo e peguei minha camuflagem na traseira. Eu mesmo a havia feito, usando um grande pedaço de rede coberto de retalhos de diferentes tons de verde. Quando meu pai e eu entramos na floresta para testar, ele passou um tempão tentando me encontrar, até que desistiu. Ele dizia que era a melhor camuflagem que já tinha visto.

Coloquei-a sobre a jaqueta e o capuz e deixei o quadriciclo para trás, atravessando furtivamente a floresta, que começava a escurecer. Eu me movia quase em silêncio, pisando em galhos de pinheiro ou pontas de pedras que irrompiam pelo solo apenas quando inevitável. O arco estava pendurado nas minhas costas, a corda tensa em meu peito. As flechas permaneciam imóveis na aljava. Eu talvez não tivesse sido forte o bastante para puxar o arco cerimonial, mas, pelo menos, sabia lidar com seu tamanho. Mais uma vez, voltei a me sentir grato pela insistência de meu pai para que eu carregasse o arco dele quando caçávamos. Não enrosquei o arco em nenhum dos galhos pendurados.

Depois de alguns minutos, cheguei ao lugar onde as árvores ficavam mais esparsas e, logo à frente, avistei o que procurava. Uma grande campina verde numa clareira ao lado da montanha, cercada pela floresta. Parecia um bom lugar para cervos e, por um momento, me perguntei por que não estava marcado no mapa do meu pai. Fiz uma nota mental para me lembrar disso quando voltasse para casa.

O céu estava cinza e nuvens de tempestade se acumulavam. A luz que adentrava as árvores era enevoadada e esparsa, mas ainda suficiente para ver a clareira. O som distante de um trovão ressoou e o ar pareceu ficar ainda mais frio. Minha mãe teria dito que Ukko, o deus do céu e do trovão, estava ficando irritado.

O helicóptero estava bem no centro da campina, com o motor desligado, as luzes acesas e as hélices desacelerando. O ar crepitava ao redor do escapamento e o vento trazia o cheiro do combustível.

Eu me escondi entre uma samambaia sob as árvores na beira da campina, usando a sombra de um abeto-vermelho como cobertura extra. Perto de mim, dois pássaros roliços deram um grito de alerta e saltaram para a frente e para trás em seu galho. Quando pararam, puxei minha touca de lã até as sobrancelhas e peguei um punhado de terra do chão com a mão esquerda. Cuspi na terra e transformei-a em uma pasta com a qual cobri o rosto, o que fez arder os arranhões na minha bochecha.

Agora eu estava invisível.

Sem piscar, observei quando a porta do helicóptero se abriu e dois homens desceram por ela. Vestindo calças verde-musgo, casacos e botas pretas resistentes, eles não pareciam exatamente caçadores. Pareciam mais soldados.

Um deles ficou parado ao lado da porta como se estivesse protegendo alguma coisa, enquanto o outro saía e levava um par de binóculos aos olhos. Eu me abaixei ainda mais, deitando no chão, enquanto o homem examinava a campina, investigando entre as árvores.

Atrás dele, o piloto abriu a porta da cabine e também desceu. Ele tinha mais ou menos a idade de meu pai, mas era mais baixo e não parecia tão forte. Parou, tirando alguma coisa do bolso, depois se recostou no helicóptero e acendeu um cigarro, observando os outros homens com atenção. Eu o reconheci na hora. Patu.

— O que vocês estão procurando? — ele gritou para o homem de binóculos, em inglês. — Já falei para vocês, não tenho licença para trazer caçadores aqui. Precisamos ir para outros lugares.

A atmosfera estava parada. A campina era bem protegida de todos os lados, e eu estava sob a pouca brisa que soprava, de maneira que ouvi

bem sua voz e senti um pouco do cheiro do tabaco. Mas fiquei surpreso com o que Patu disse. Talvez todos estivessem errados em relação a ele.

O homem com o binóculo o ignorou. Ele continuou a examinar a área, pausando quando se voltou para a minha direção. Seu corpo ficou tenso e ele se endireitou. Abaixou o binóculo por um momento, estreitando os olhos quase no lugar exato onde eu estava deitado.

Congelei.

— Viu alguma coisa? — Patu perguntou. — Porque a única coisa que vocês podem fazer aqui é olhar. Já falei que não tenho...

— Quietos! — disse o homem que guardava a porta.

— Não fale comigo dessa maneira...

— Quietos! — repetiu o guarda.

Os dois se entreolharam por um longo momento. Então Patu baixou os olhos e ergueu o cigarro para dar um longo trago. Antes de terminar, porém, o homem que tinha falado com ele tirou o cigarro de sua boca, jogou-o na grama e esmagou-o com o calcanhar da bota.

— Caramba, qual é o seu problema? — Patu se virou para o guarda, endireitando sua postura. Os homens de nossa aldeia eram valentes e sempre prontos para brigar. Óbvio que ele não tinha gostado nada de receber ordens de alguém de fora.

— Relaxe — disse o guarda. — Fique quieto, faça o que a gente manda e você vai receber o dobro.

Patu hesitou, encarando o guarda por alguns segundos antes de se afastar e acender outro cigarro.

O homem com o binóculo não prestava atenção neles e continuou a vigiar o lugar onde eu estava escondido.

Comecei a desconfiar de que ele pudesse me ver. Talvez minha camuflagem não fosse tão boa. Talvez meu pai só tivesse falado aquilo para não me magoar. Fui tomado por uma onda de medo, mas não entendi por quê. Tudo que eu sabia era que aqueles homens eram caçadores, mas havia algo estranho com eles. A maneira como pareciam soldados e como falavam com Patu... alguma coisa estava errada.

Depois de um tempo, o homem com o binóculo balançou a cabeça e voltou a examinar o resto da floresta. Soltei o ar, e então percebi que estava prendendo a respiração.

Quando ele finalmente abaixou o binóculo, fez sinal para o colega, que pegou alguma coisa no helicóptero e avançou pela campina. Ele parou e abriu uma cadeira no chão, apertando-a com força para que os pés fincassem na grama.

Em seguida, um terceiro homem desceu do helicóptero, e logo ficou claro que era ele quem estava no comando. Era alto e forte, tinha a pele bronzeada e uma barba preta aparada. Usava calças militares iguais às dos outros dois, uma jaqueta de couro preta e luvas que combinavam com ela. Tinha uma enorme faca presa ao cinto e carregava um grande estojo na mão direita.

Ao descer, olhou ao redor, acenou para os dois homens e, então, caminhou a passos largos até a cadeira, em que se sentou, colocando o estojo no colo.

Atrás dele, outros três homens saíram do helicóptero e começaram a descarregar vários engradados de alumínio. Deviam ser umas cinco ou seis caixas, uma delas quase do tamanho do meu quadriciclo. Talvez tivesse até o mesmo peso, considerando a força que faziam para carregá-la. Parecia equipamento demais para uma expedição de caça.

— Olhe, Hazar, se quiser ficar aqui, vai custar mais caro — Patu disse, dirigindo-se ao homem sentado na cadeira. — Talvez mais que o dobro.

Hazar ignorou Patu e passou as mãos pelo estojo que carregava antes de abrir as travas.

— Eu falei que essa não é uma área de caça — Patu continuou. — Se me pegarem fazendo esse tipo de coisa, vou perder a licença, e eu tenho filhos, sabe. Tem gente que depende de mim, sem falar das contas que preciso pagar. Você acha que ter uma máquina dessas sai barato?

Hazar abriu o estojo no momento em que Patu parou atrás dele.

— Puxa. — Patu estava impressionado. — Isso é o que eu chamo de rifle. É para elefantes? Você sabe que não há elefantes aqui, certo?

Hazar não respondeu. Tirou de dentro do estojo o que parecia ser o cabo de um rifle.

— Quanto custa um desses? — Patu perguntou.

Hazar tirou outra peça do estojo e a prendeu na arma com um clique.

— Está certo, então. — Patu juntou as mãos e começou a recuar. — Quer saber? Acho que depois eu volto para buscar vocês. Vou deixá-los aqui por algumas horas e... — Ele se virou e viu os homens de Hazar

jogando uma rede de camuflagem sobre o helicóptero, parecida com a que eu estava usando, mas muito maior. Outros dois tinham aberto a caixa de alumínio maior, de onde tiraram um par de longos e grossos tubos de metal, que pareciam muito com lançadores de foguete dos video games. Mas eu devia estar errado. O que caçadores estariam fazendo com *lançadores de foguete*? Estreitei os olhos, sem saber se estava imaginando coisas e, confuso, observei quando colocaram os tubos nos ombros e apontaram para o céu. Eles viravam os tubos da direita para a esquerda e, então, para a direita de novo, antes de abaixá-los e acenar para Hazar.

— Está tudo pronto, senhor.

— O quê? Ei, esperem aí, o que está acontecendo? — Patu se virou para falar com Hazar. — O que está acontecendo?

— Não se preocupe com o que eles estão fazendo. Você deveria estar muito mais preocupado com você mesmo. — As palavras de Hazar eram frias, quase sem emoção. Ele falava inglês com um sotaque que eu nunca tinha ouvido, e sua voz era grave e imperiosa, ecoando claramente no ambiente que escurecia. Ele tirou outra peça do estojo e a encaixou no rifle.

— O que você quer dizer com isso? — Patu perguntou. Senti um calafrio e tive a impressão de que alguma coisa ruim estava prestes a acontecer.

— Bem... — Hazar parou o que estava fazendo e encolheu os ombros. — Você deveria estar correndo.

— Correndo?

Hazar se levantou e virou para ele.

— Eu sou um caçador.

Patu parecia confuso e deu um passo para trás.

Minha boca estava seca e minha cabeça a mil. Assim como Patu, eu não entendia o que estava acontecendo, mas sabia que não era nada bom. Meu medo por ele cresceu.

— Estou prestes a atirar em você. — As palavras de Hazar eram claras e inconfundíveis, mas, por algum motivo, não pareciam de verdade. Nada daquilo podia estar acontecendo. Devia ser algum tipo de brincadeira.

Hazar observou seus homens ao redor antes de olhar novamente para Patu.

— Não tem absolutamente nada que você possa fazer para me deter, mas minha arma ainda não está montada, então... sua melhor chance é correr.

— Como assim? — Patu balançou a cabeça e deu outro passo para trás.

— Você sabe correr, não sabe? — Hazar sorriu, depois apontou o braço na minha direção e mexeu dois dedos como se fossem pernas. — Sugiro que vá agora. — Ele tirou o cano do rifle de dentro do estojo.

— O que está acontecendo? — Patu olhou ao redor em pânico, percebendo que os outros homens tiravam submetralhadoras das caixas menores.

Patu olhou de volta para Hazar, tão confuso quanto eu. Mil perguntas passaram pela minha cabeça. Lançadores de foguete? Homens que pareciam soldados? Submetralhadoras? E a arma que Hazar estava montando não se parecia em *nada* com os rifles de caça que eu já tinha visto.

— Quem... quem são vocês? — Patu gaguejou e ficou parado por mais um segundo, antes de se dar conta.

Então, virou e saiu correndo.

Eu queria fazer alguma coisa para ajudar. Queria gritar ou... *sei lá*. Mas não havia nada que eu pudesse fazer. Nada mesmo. Os seis homens perto do helicóptero estavam fortemente armados, e eu tinha certeza de que não eram caçadores. Se levantasse a cabeça, eles poderiam me avistar e eu estaria em perigo tanto quanto Patu. A única coisa que eu podia fazer era continuar escondido.

Eu conseguia ouvir a respiração pesada e assustada de Patu e o som de suas botas na grama enquanto ele se aproximava. Conseguia ver seus olhos, arregalados de medo.

Quis que ele corresse mais rápido; eu estava muito tenso.

Atrás dele, Hazar montava a arma sem pressa, encaixando o cano no rifle. Não demonstrava expressão alguma ao posicionar a mira telescópica e carregar os enormes cartuchos.

Patu se aproximava a cada segundo. Estava mais perto das árvores.

“Corra”, pensei. “Corra!”

Faltava bem pouco para que estivesse seguro na floresta.

Hazar travou o rifle.

Quase lá.

O homem levou a arma ao ombro e olhou pela mira telescópica no exato momento em que Patu alcançou as árvores. Ele tombou sobre a vegetação rasteira, fazendo o par de pássaros voar para se esconder, e se jogou atrás de um tronco grosso de pinheiro. Ele dobrou o corpo, arfando enquanto tentava recuperar o fôlego.

Patu estava tão perto de mim que eu quase poderia tocá-lo. Olhei para cima e vi a maneira como seu corpo tremia aterrorizado ao tentar normalizar a respiração. Eu nunca tinha visto alguém com tanto medo assim.

Na campina, Hazar continuava a mirar o cano do rifle, segurando a arma completamente imóvel. Parecia uma estátua.

Quando a respiração de Patu começou a se acalmar, ele se endireitou e sorriu para si mesmo, como se não acreditasse que tinha conseguido fugir. Ele balançou a cabeça e tomou coragem para dar uma olhada em volta da árvore, vendo-me deitado na vegetação rasteira. A princípio, não entendeu o que era. Uma mistura verde e marrom com dois olhos na direção dele. Então, percebeu que era uma pessoa e abriu a boca para falar alguma coisa.

Levei um dedo à boca para que ficasse quieto, mas, naquele exato momento, o ruidoso CRAC! de um disparo ressoou pela campina, e lascas de árvore explodiram à minha volta. Minha reação automática foi fechar os olhos e proteger a cabeça dos fragmentos que voavam em minha direção, ferindo meu rosto e estourando em minha mão.

Houve um alvoroço súbito na floresta enquanto os animais corriam para se esconder, e uma chuva de ramos de pinheiro caiu pelos galhos. Então, os ecos do disparo foram diminuindo e tudo silenciou novamente.

Quando abri os olhos, a árvore atrás da qual Patu estava escondido tinha um enorme buraco na lateral. Hazar estava parado na campina, abaixando o rifle, mas não havia nem sinal de Patu.

Ao me virar, porém, encontrei-o tombado na vegetação rasteira, com o corpo retorcido e um tiro na cabeça.

Eu não queria olhar, mas não pude evitar. Fiquei aterrorizado — seu olhar estava fixo, sem vida, e o sangue escorria da ferida. Por algum motivo, eu não conseguia parar de olhar. Era muito surreal, como se eu estivesse no meio de um pesadelo ou como se tudo aquilo estivesse acontecendo com outra pessoa. Talvez nem estivesse acontecendo mesmo.

Saia daqui!, gritou uma voz na minha cabeça. *Saia já!*

Entrei em pânico, mas consegui sair daquele transe. Foi como acordar subitamente de um pesadelo. Saí rastejando para trás o mais rápido possível, sem fôlego e desesperado para sumir dali. Passei pelas samambaias e rastejei até estar completamente rodeado pela floresta. Então, tomei coragem para ficar em pé, me virei e saí correndo para me proteger. Meus músculos estavam tensionados porque fiquei deitado por muito tempo, mas o medo que eu sentia foi suficiente para fazê-los se mexer.

Eu mal conseguia pensar no que estava fazendo enquanto corria entre as árvores. Tudo que eu queria era chegar a um lugar seguro. Voltar ao Território das Caveiras, voltar para o meu pai.

UMA DECISÃO DIFÍCIL



SAÍ EM DISPARADA PELA MATA FEITO UM ANIMAL ASSUSTADO. Os galhos das árvores batiam em meu rosto e, para me proteger, eu corria com as mãos erguidas, sem pensar em nada além dos olhos mortos de Patu.

Quanto mais eu corria, mais meu peito doía e apertava. Meus músculos estavam dormentes e eu mal sentia os pés que me levavam ao lugar onde estava o quadriciclo.

No entanto, quando cheguei ao barranco onde havia escorregado, o quadriciclo não estava mais lá.

Deveria estar ali, mas não estava. Ou eu tinha ido ao lugar errado.

A luz diminuía. Como estava escurecendo na floresta, eu provavelmente tinha perdido o caminho. Era a única explicação plausível. Estava tão desesperado para fugir do olhar cravado de Patu que não havia prestado atenção aonde estava indo. Só corri para salvar minha própria vida.

Parei e olhei ao redor, sentindo o pânico crescer. Minha respiração ofegante era rápida e dolorida.

Talvez eles soubessem que eu estava ali. Talvez tivessem me visto. Os homens do helicóptero tinham, de alguma forma, chegado antes de mim e levado meu quadriciclo para que eu não escapasse.

Correndo de um lado para outro, vasculhei a área. Tinha que estar por ali. “*Por favor, precisa estar por aqui*”, eu pensava.

Foi então que vi o quadriciclo em meio às árvores logo à frente, estacionado exatamente onde eu o havia deixado. A sensação terrível de

pavor diminuiu um pouco enquanto eu caminhava a passos rápidos até o veículo.

Pelo menos havia uma saída.

O tempo estava fechado, e as primeiras gotas de chuva fria começaram a cair sobre a copa das árvores. Era só uma chuvinha fina, mas o estrondo grave e violento dos trovões e a escuridão das nuvens que se acumulavam sugeriam que ficaria muito pior.

Eu ainda respirava com dificuldade quando montei no veículo e liguei o motor, desesperado para fugir o mais rápido possível. Porém, quando olhei novamente para o barranco, percebi que era íngreme demais para subir de quadriciclo. E, de onde eu estava, também não dava para descer, porque um afloramento rochoso bloqueava o caminho. A única coisa a fazer era desviar um pouco do caminho montanha acima e voltar para a trilha quando o barranco nivelasse novamente.

A chuva começou a ficar mais pesada, e as rodas do quadriciclo giravam em falso e derrapavam no solo úmido. Evitei pensar em Patu caído ou naquele outro homem, Hazar.

Tentei pensar em outras coisas; fugir, por exemplo. Mas o que eram aqueles tubos que os homens tiraram da caixa de alumínio e seguravam nos ombros? Quem era Hazar? E o que eles estavam fazendo na nossa mata? Por mais que eu tentasse me concentrar nessas questões, não parava de pensar no cadáver de Patu. Ele estava todo retorcido, com os braços e as pernas em posições nada naturais.

Balancei a cabeça para esquecer aquela imagem e tentei pensar apenas em chegar em casa. Me concentrei em voltar para a trilha e descer a montanha em direção ao Território das Caveiras.

Mas seria um longo trajeto até lá. Levaria mais de uma hora para subir um trecho tão longo da montanha e logo mais ficaria escuro. À noite, eu teria que dirigir mais devagar, ainda mais na chuva, e demoraria muito mais tempo para voltar. Talvez quatro horas. Talvez mais, dependendo do tempo que levasse para voltar à trilha. Talvez eu escorregasse para fora outra vez. Ou ainda pior: e se Hazar e seus homens ouvissem o motor quando eu passasse por eles na volta? E se viessem atrás de mim com suas armas?

Senti um calafrio só de imaginar.

Lembrei do mapa que meu pai havia me dado e tentei calcular outro caminho para voltar, mas aquela cruz vermelha parecia me chamar. O campo de caça secreto. Não estava a muitos quilômetros da minha localização naquele momento e *com certeza* era mais longe de onde Hazar havia pousado. Eu já estava seguindo naquela direção de qualquer jeito. Poderia encontrar a trilha e chegar bem perto do lugar antes de escurecer completamente. Lá eu estaria seguro, longe de Hazar e de seus homens. Poderia acampar à noite e voltar ao Território das Caveiras ao amanhecer, quando o perigo tivesse passado. Fazia sentido. Eu talvez não sáísse da floresta como um homem, carregando um cervo nas costas, mas, pelo menos, estaria vivo.

Ou, talvez, até encontrasse algo lá em cima. Um cervo ou outro animal. Qualquer coisa serviria. Um tetraz ou mesmo um coelho.

Nesse caso, eu levaria um troféu e contaria o que tinha visto.

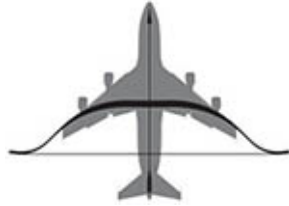
Todos esses pensamentos passavam pela minha cabeça enquanto dirigia para o ponto onde o declive encontrava a trilha novamente. Quando cheguei, parei o quadriciclo e olhei para a pista de terra estreita que serpenteava pela mata sob a luz amarelada, sabendo que poderia avançar um pouco mais e dirigir até o lugar marcado no mapa de meu pai. Depois, olhei o caminho que descia e me lembrei do que tinha visto.

Casa ou campo de caça?

Qual caminho seguir?

Foi a lembrança de Hazar e seu rifle que me ajudou a tomar uma decisão.

TEMPESTADE DE FOGO



O VENTO BATIA NA MINHA REDE DE CAMUFLAGEM, fazendo-a balançar enquanto eu acelerava pela trilha. Por causa do ar frio, lágrimas corriam de meus olhos em direção ao meu gorro. A noite caía, a chuva estava mais forte e o som do quadriciclo ressoava pela floresta. Era como se não existisse mais nada além de mim e dos terríveis pensamentos que me preocupavam. Mas eu precisava esquecer tudo aquilo. Precisava me concentrar na minha tarefa. Precisava chegar a um lugar seguro.

Quando já havia me afastado mais de um quilômetro do helicóptero e de Hazar, acendi os faróis e segui os feixes de luz que cortavam a escuridão crescente. A chuva cintilava sob o clarão, caindo reta e com força sobre minha cabeça e meus ombros. A água batia vigorosamente no quadriciclo e alagava a trilha, que logo se transformaria num rio de lama. Dos dois lados, as árvores passavam como um lampejo e eu sentia o cheiro doce de pinheiro, terra e folhas caídas.

A imagem de Patu cruzou novamente meus pensamentos enquanto eu dirigia, trazendo inúmeras dúvidas. E se eu estivesse fazendo a coisa errada? Será que deveria ter corrido o risco de me aproximar da clareira? Será que deveria ter seguido meu primeiro instinto e voltado ao Território das Caveiras? E se...

Vush!

Minhas dúvidas foram interrompidas por um barulho estranho que vinha do alto, competindo com o ronco do motor do meu quadriciclo. Espiei por uma brecha na copa das árvores bem a tempo de ver um

risco branco de vapor subindo rapidamente para o céu. Logo depois, aconteceu novamente.

Vush!

E mais duas vezes.

Vush! Vush!

Eles vinham da direção do local onde estava o helicóptero, como fogos de artifício gigantes subindo pelo ar, deixando para trás longos rastros brancos. Diminuí a velocidade e olhei com dificuldade através da chuva, protegendo os olhos com uma mão, enquanto as quatro linhas voavam para longe do meu campo de visão, por entre a copa das árvores. Alguns segundos depois, o céu se iluminou com um clarão ofuscante, seguido de um estouro longínquo e de um estrondo aterrorizante. Alguma coisa havia caído no meio da mata, como uma terrível tempestade de raios.

Mas a luz era forte demais e o som não era de trovão. Não aumentou nem se expandiu como acontece em trovoadas. Foi súbito demais. Aquilo devia ser outra coisa. Alguma coisa relacionada a Hazar e aqueles tubos de metal que eu tinha visto.

Lançadores de foguete.

Minhas suspeitas se confirmaram depois de alguns segundos, quando o céu se iluminou novamente. Daquela vez, porém, não tinha sido uma luz branca brilhante, mas um clarão laranja incandescente. No início opaco, um pouco à minha direita, mas cada vez mais brilhante. Foi acompanhado por outro barulho, algo como um bramido, um guincho e um rugido ao mesmo tempo. Era como se um monstro viesse em minha direção sobre a mata, emitindo um ruído arrepiante que me apavorou, testando minha coragem.

O barulho ficava cada vez mais alto e a luz, cada vez mais intensa. Em seguida, ouvi a barulheira de algo se estilhaçando à medida que aquilo, o que quer que fosse, cobria a floresta.

Veio como uma força da natureza — como *Ajatar*, o Diabo da Floresta de que minha mãe falava —, e foi abrindo caminho por entre as árvores, caindo cada vez mais baixo, atingindo os ramos, arrancando troncos da terra como se fossem apenas gravetos. O rugido de sua aproximação era quase ensurdecador. Abafou o ronco do quadriciclo, e meus ouvidos

foram tomados pelo barulho dilacerante. A terra tremeu como num terremoto, e senti o abalo em meu corpo.

Por um segundo, pensei em fazer alguma coisa — aumentar ou diminuir a velocidade ou *sei lá o quê* —, mas esse momento passou quando uma enorme bola de fogo caiu na floresta à minha direita, derrubando as árvores e lançando-as para trás. Faíscas e chamas explodiram na noite quando o objeto atingiu a terra a uns cinquenta metros de onde eu estava, fazendo o chão tremer ainda mais.

Houve um *bum!* e o incêndio irrompeu enquanto aquela coisa se movia violentamente, quase quicando e destruindo tudo em seu caminho. Um buraco gigantesco se formou no chão. A bola de fogo seguiu rolando e ricocheteando entre as árvores à minha esquerda, abrindo caminho entre pinheiros e abetos como se fossem capim.

O ar quente tomou conta da floresta. Galhos de pinheiro em chamas, gravetos chamuscados, folhas soltando fumaça. Lascas de madeira voavam como balas de metralhadora; ramos grossos de árvores zumbiam feito lanças; pinhas estalavam e explodiam como granadas. Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, uma tora gigante desceu como um rolo compressor em minha direção, batendo na frente do quadriciclo e me lançando sobre o guidão, contra as nuvens de fumaça.

Voei por aquele pesadelo de fumaça preta e brasas incandescentes enquanto pensava “De novo não...”. Então, senti uma dor na cabeça e vi uma luz branca. Caí, e o baque foi terrível. Rolei pelo chão da floresta feito um boneco de pano, parando de cabeça para baixo numa grande e imunda poça de água da chuva, enquanto a tempestade de fogo assolava tudo ao meu redor.

CICATRIZ



QUANDO FIZ CINCO ANOS DE IDADE, meu pai me levou à cachoeira do lago Tuonela. Ela tinha pelo menos quarenta metros de altura e a água fazia um som incrível ao despencar do rio, caindo sobre o lago gelado. Ele me levou até o alto, na beira da saliência rochosa que pendia sobre a queda d'água, e ficamos lá, olhando para baixo. Era apavorante estar numa altitude daquelas, admirando a água furiosa e espumante por entre a neblina e as gotículas que espirravam. A água parecia estar fervendo, e imaginei o *näkki*, o monstro capaz de mudar de forma, esperando lá embaixo para me puxar e me afogar no fundo do lago. Eu tinha visto em um livro a imagem de uma lula gigante arrastando um submarino, e foi disso que me lembrei naquele momento. Pensava que o *näkki* havia se transformado em uma lula como aquela e me observava com seus olhos fundos e amarelos, balançando seus longos tentáculos na correnteza, prontos para envolver meu corpo.

— Agora que você tem cinco anos — meu pai falou —, está na hora de começar sua jornada como homem.

Eu não fazia ideia do que ele estava falando.

— Não precisa ter medo, Oskari: você sabe nadar. Você nada muito melhor que eu quando tinha a sua idade.

Olhei para ele e assenti.

— Eu gosto de nadar. Nós vamos nadar?

Meu pai olhava para mim com uma expressão séria.

— Mais ou menos.

Estendi o braço para segurar sua mão, mas ele se afastou e olhou para trás. Fiz o mesmo e vi os outros homens parados sobre as rochas, com Hamara à frente deles. Ele acenou para meu pai, que franziu a testa e retribuiu o aceno.

Tiramos a roupa e ficamos só de shorts, tremendo no ar gelado. Meu pai desenrolou uma corda que trazia em seu ombro e amarrou uma de suas pontas na cintura. Perguntei o que ele estava fazendo, mas ele apenas sorriu e me disse que seria divertido. Quando amarrou a outra ponta da corda na minha cintura, finalmente entendi.

Nós íamos pular.

— Eu não quero — disse a ele. — Por favor. Eu não quero.

Chorei e me segurei em sua perna, tremendo da cabeça aos pés. Implorei para que ele não me obrigasse a fazer aquilo; estava com muito medo da longa queda em meio à neblina, da espuma e do *näkki*, que esperava por mim lá embaixo. Só conseguia pensar que ia afundar e afundar, e nunca mais voltaria para a superfície. Nunca mais veria minha mãe.

Meu pai abaixou a mão e acariciou minha cabeça para me consolar, mas olhava para trás, para Hamara.

— Não precisa ter medo — meu pai disse. — Eu vou te proteger. Vai ser divertido. — Tirando minha mão, ele me afastou de sua perna e se encaminhou para a beirada. — A corda vai nos manter juntos.

Então ele me pegou no colo e pulou.

Nós caímos, caímos e caímos.

Fiquei de olhos fechados durante toda a queda. Uma tensão espantosa pesava em meu peito, e eu sentia que o ar não conseguia entrar em meus pulmões enquanto o vento soprava ao meu redor e as gotas da catarata me acertavam como chuva. Quando finalmente atingimos a superfície borbulhante, senti um frio repentino e meus músculos enrijeceram ao cortar a água.

A força da cascata sobre nós era aterrorizante. Éramos empurrados cada vez mais para o fundo, para a escuridão infinita do lago, como se nunca fôssemos conseguir voltar à tona. Meus pulmões estavam vazios, minha cabeça latejava e entrei em pânico. Abri a boca, desesperado para respirar, mas acabei engolindo água e, naquele momento, afundando no lago borbulhante, achei que fosse morrer.

Pensei que o *näkki* tinha me envolvido em seus tentáculos retorcidos e esmagadores, e que nunca mais me soltaria.

Acordei de súbito, no meio da floresta, com aquela mesma sensação: o mundo parecia coberto por aquela espuma furiosa, meu peito estava pressionado e sem ar e meus músculos estavam tensos como cordas esticadas. A lembrança do lago se esvaía aos poucos, afugentada pelos estrondos da explosão e pela chuva de escombros que continuava a cair sobre mim. Minha cara estava na poça lamacenta e eu engolia água ao tentar respirar, mas, quando me dei conta do que estava acontecendo e de onde estava, ergui a cabeça e expeli a água barrenta pela boca e pelo nariz, tossindo. De barriga para baixo, com a boca bem aberta, consegui respirar, mas alguma coisa muito rígida me acertou bem entre os ombros. Imediatamente, senti muita dor e me encolhi como um bebê, enfiando a cabeça entre os braços, desejando que tudo aquilo acabasse.

Fiquei daquele jeito por muito tempo, esperando que o pior passasse e que os estrondos mais terríveis diminuíssem. Um pouco depois, a floresta silenciou. Nem os pássaros ousavam cantar, e os únicos sons eram o ruído da chuva, o crepitar do fogo e o farfalhar das árvores.

Mesmo assim, mal tinha coragem para me mexer, apesar de saber que não podia passar a noite daquele jeito. Por isso, preparando-me para o pior, abri os olhos e, devagar, me levantei.

A trilha havia desaparecido. Não era possível localizá-la em parte alguma. Em vez dela, parecia haver uma zona de guerra à minha volta.

Alguns metros à minha frente, uma cicatriz gigantesca havia se formado na floresta. Essa era a única palavra que me ocorria para tentar expressar aquele caos: *cicatriz*. Um rastro imenso de destruição cortava o que antes era a trilha e, agora, eu estava cercado por troncos de árvore quebrados e tombados, espalhados pelo chão como fósforos queimados. Aqui e ali, pequenas chamas crepitavam sob a chuva, que naquele momento caía livremente sobre o enorme rasgo deixado na floresta.

A fumaça rodeava árvores despedaçadas, pairando perto do chão ou subindo com a brisa em minitornados. Havia um cheiro forte no ar, mas

não era apenas de fumaça de lenha. Também era possível sentir o que parecia ser plástico derretido, borracha carbonizada e um odor nauseante de combustível queimado. Para onde quer que eu olhasse, centelhas, cinzas e cascas finas de bétula em brasa voavam na escuridão, feito vaga-lumes.

Em choque, cambaleei pela floresta, perplexo diante da força assombrosa que havia causado tudo aquilo, mas também da sua beleza espantosa. Apesar de devastado, o cenário era estranhamente bonito.

Topei a ponta do pé com força em alguma coisa e me abaixei para pegar um pedaço de metal, que chiava quando era tocado pela chuva.

— Ai! — Queimei a ponta do indicador e do polegar e, para não ficar com bolhas, belisquei o lóbulo gelado da orelha.

Chutei longe o pedaço de metal e toquei o arco nas minhas costas para conferir se estava intacto. Satisfeito ao perceber que sim, decidi ir adiante, abanando as mãos à minha frente para tentar afastar as nuvens de fumaça. Pisando chamas que se extinguíam e galhos quebrados, finalmente cheguei ao quadriciclo, que estava de cabeça para baixo como um inseto morto, com um grande tronco de pinheiro em cima dele. Estava esmagado, não dava mais para usar. Três dos pneus estavam furados, e a parte da frente, amassada.

Meu pai ia me matar — isso se eu conseguisse voltar vivo.

Caminhei penosamente até o quadriciclo e dei a volta por ele, pensando se havia alguma maneira de salvá-lo.

— Droga! — Chutei a lateral do veículo, que respondeu com um barulho oco. — Droga! — Cerrei os punhos, ergui a cabeça e gritei para o nada. — Droga!

Para minha surpresa, o nada respondeu com uma luz vermelha piscante.

A estranha luz vermelha parecia flutuar na escuridão sobre as árvores, e levei alguns segundos para perceber que estava ficando mais intensa. O que quer que fosse estava se aproximando, pairando devagar da direita para a esquerda, da mesma maneira que a bola de fogo

quando passou destruindo tudo. Estendi o pescoço, hipnotizado pelo brilho intermitente da luz.

Acendia e apagava. Acendia e apagava. Acendia e apagava.

— Que diabo é aquilo? — murmurei.

A luz desceu, pareceu se aproximar e passar acima da minha cabeça, quando vi que fazia parte de algo maior.

Uma grande forma escura.

Eu estava começando a me perguntar se aquele dia poderia ficar pior. Primeiro o helicóptero e Hazar, depois o... enfim, seja lá o que tivesse acabado de acontecer, algum tipo de acidente ou ataque, eu imaginava.

— E agora você — resmunguei para a luz piscante. — *O que é você?*

A luz não respondeu. Acendia e apagava, se mexendo entre as árvores do outro lado da cicatriz. Ouvi um crepitar de galhos sendo quebrados, seguido por um leve baque.

O que quer que fosse aquilo tinha pousado. E estava perto.

Parte de mim queria ignorar a luz e seguir em frente, mas fiquei curioso. Queria saber o que era aquilo. E, olhando novamente para o quadriciclo, percebi que, de qualquer maneira, não iria rápido a lugar nenhum.

Olhei de volta para o outro lado da cicatriz. A luz vermelha não estava muito distante do meu caminho. Na verdade, estava *mais ou menos* no meu caminho. Talvez fosse minha obrigação descobrir o que era aquilo. Afinal, tinha acontecido bem no meio da nossa mata.

Eu precisava saber.

— Certo — disse. — Vamos descobrir o que é você.

Fui até o quadriciclo e recuperei os equipamentos possíveis. A mochila de acampamento permanecia intacta, então, amarrei-a com força nas costas e levei o arco na mão.

Atravessar a imensa cicatriz não foi nada fácil. Passei por cima e por baixo de troncos de árvores velhas e sulcadas. O ar tinha um cheiro de queimado, o que irritou minha garganta. Tive um acesso de tosse quando cheguei à parte mais cheia de fumaça. Precisei me arrastar através de galhos tortos e afiados que ameaçavam prender minha rede de camuflagem.

Apesar do ar frio da noite, eu suava sob a jaqueta impermeável. Depois de muito esforço, cheguei ao outro lado da cicatriz e pisei num

grande tronco nodoso, observando a luz vermelha piscar para mim em meio às árvores.

Acendia e apagava. Acendia e apagava. Acendia e apagava.

Senti um calafrio e cogitei voltar. Talvez fosse a melhor coisa a fazer. No entanto, ao encarar aquela luz, lembrei as últimas palavras de Hamara antes de eu partir: “Um menino entra na floresta, mas é um homem que retorna”.

Um homem. Eu não podia ter medo.

— Seja corajoso — murmurei. — Seja corajoso.

Respirando fundo para me acalmar, pulei do tronco e adentrei ainda mais a floresta, com os olhos fixos na luz vermelha piscante.

QUEM É VOCÊ?



UMA ESTRANHA CÁPSULA DE METAL Estava aninhada um pouco torta no meio de samambaias, numa área em que as árvores eram mais esparsas. Tinha a forma de um cone com o topo plano, era lisa e reluzente como prata polida e não muito mais alta que eu. Havia uma antena no topo, com uma luz vermelha que rutilava na ponta e outras duas lâmpadas presas nas laterais. Elas piscavam sem parar. Acendiam e apagavam. Acendiam e apagavam.

Uma névoa sinistra havia chegado com a escuridão, e se misturou à fumaça das chamas e brasas, fazendo a luz vermelha varrer a noite como uma mancha de sangue. Atrás do estranho objeto metálico, um paraquedas pendia nos ramos de uma tramazeira, caindo sobre o chão da floresta. Estava preso à parte superior da cápsula por várias cordas que tensionavam e afrouxavam à medida que a brisa soprava pelo tecido. Na cápsula, voltada para mim, havia uma porta com uma janelinha que brilhava como se houvesse luz lá dentro, mas sem sinal de vida.

Abaixando ao pé de um carvalho coberto de líquen, espreitei a cápsula por entre os ramos baixos, pensando que já tinha visto alguma coisa assim antes. Na tv, talvez, ou num video game, não conseguia lembrar. Parecia o tipo de objeto em que as pessoas voltavam do espaço, exceto que, teoricamente, esses objetos eram feitos para pousar na água. Pensei que, talvez, aquele fosse o caso: a cápsula deveria ter pousado no lago Tuonela, mas havia errado o alvo.

Porém, me lembrei dos lançadores de foguete, dos rastros de fumaça e das explosões, e imaginei que aquilo devia ter alguma coisa a ver com Hazar. O objeto *tinha* que ter alguma coisa a ver com ele. Mas o que ele havia abatido? O que quer que tivesse feito aquela cicatriz na floresta devia ser grande, e aquilo era... o quê? Algum tipo de cápsula de escape? Algum *alienígena*?

Essa ideia fez meu coração parar por um segundo, mas não podia ser verdade. Por que alienígenas viriam para a nossa mata? E, aliás, será que alienígenas existiam? Mesmo assim, me abaixei mais e coloquei uma flecha na corda do arco, pronto para disparar no que saísse da cápsula.

Esperei um tempo, achando que algo aconteceria, mas a clareira continuou silenciosa. A chuva caía, virando uma garoa fina sobre as árvores e batendo suavemente na cápsula de metal, enquanto as luzes vermelhas piscavam sem parar. Acendiam e apagavam. Acendiam e apagavam.

Depois de alguns minutos, abaixei o arco e apalpei em busca de uma pedra de bom tamanho. Me aproximei devagar, saindo de trás dos galhos, e lancei a pedra com o máximo de força possível.

Clanc!

A pedra acertou a cápsula com um som oco e metálico, que ecoou por um tempo.

Em algum lugar distante, uma coruja piou, mas fora isso só havia silêncio.

Sem tirar os olhos do estranho objeto, abaixei a mão e procurei outra coisa. Tateei a terra até achar outra pedra pontuda, mas, antes que tivesse tempo de lançá-la, ouvi uma pancada na cápsula.

Dentro da cápsula.

Corri para trás de uma árvore, à espreita, parte de mim achando que um alienígena sairia lá de dentro com algum tipo de explosão.

Nada.

Alguns segundos depois, avancei devagar, parando um momento para escutar e então atirei a pedra. Quase imediatamente, outra pancada ressoou de dentro da cápsula.

Voltei para trás da árvore e atirei mais duas pedras. Elas atravessaram os galhos e atingiram o metal.

Clanc! Clanc!

A resposta foi imediata. Duas pancadas firmes vindas de dentro.

Engolindo em seco e tomando coragem, me aproximei da cápsula devagar, andando quase sem fazer barulho. Minhas passadas eram suaves e apoiava toda a planta do pé no chão, exatamente como meu pai havia me ensinado.

Quando estava perto o bastante, olhei fixamente pela janela brilhante e embaçada e estendi o braço com o punho cerrado. Mantive essa posição por um instante, respirei fundo e bati à porta. A primeira vez foi fraca e não fez barulho, então bati uma segunda vez, com mais força. O metal era liso, lustroso e frio ao toque dos meus dedos.

Uma batida respondeu do lado de dentro e um vulto escuro se moveu pela janela. Tive um sobressalto e dei um passo para trás, surpreso, quando ele continuou a bater. Meu instinto era correr, me afastar o máximo possível daquela coisa, mas outro som vinha de dentro da cápsula, como gritos abafados.

Parei e espiei pela janela.

Mais uma vez, a sombra escura se moveu e, em seguida, uma mão apareceu. Parecia ser uma mão humana, mas não dava para ter certeza — tampouco para ver a quem pertencia.

Estendeu um dedo e escreveu alguma coisa na janela.

ΣΘ††

Eram símbolos que não faziam nenhum sentido para mim.

— Alienígena — murmurei, quase sem acreditar.

Com um passo para trás, segurei o cabo do arco e recoloquei a flecha na corda. Seja lá o que fosse, alienígena ou não, eu o mataria se tentasse vir atrás de mim.

Na janela, o dedo se moveu de um lado para outro algumas vezes, como minha mãe fazia quando me proibia de fazer alguma coisa. Assim que parou, apagou os símbolos e começou a escrever novamente.

Olhei fixamente e me dei conta. Não eram símbolos, eram *números*. 1492. Na primeira vez, estavam ao contrário, espelhados.

Então quem estava lá dentro fez sinal de positivo e desenhou uma seta apontada para o canto inferior direito da janela. Para reforçar o pedido, apontou o dedo na mesma direção da seta.

Olhando a cápsula com mais atenção, vi um painel abaixo e à direita da janela. Era um teclado metálico, com números e letras.

— Um, quatro, nove, dois? — murmurei. — Esse é o código?

Lá dentro, o ser continuava a apontar.

— Certo. — Respirei fundo e assenti. — Seja corajoso, Oskari. Seja corajoso.

Me aproximei da cápsula para digitar os números.

1

Hesitei, com uma dúvida que só aumentava.

4

E se eu estivesse fazendo a coisa errada?

9

E se alguma coisa ruim estivesse lá dentro?

2

Por um segundo, nada aconteceu. Em seguida, ouvi um barulho alto de engrenagem, acompanhado de um estrépito e um chiado, como se alguém tivesse acabado de abrir uma lata gigante de coca-cola. Depois de um momento de completo silêncio, seguiu-se um barulho tão alto e súbito que quase morri de susto. Dei um pulo para trás e corri de volta para as árvores, me escondendo atrás de um monte de samambaias e erguendo o arco, pronto para atirar no horror que estava para sair da cápsula.

A porta deslizou para o lado com uma rajada de ar e uma claridade laranja se misturou à neblina e à fina fumaça que pairavam no ar. Juntou-se com a luz vermelha do alto da cápsula, iluminando e colorindo a escuridão da floresta.

De onde eu estava, assisti a tudo como se estivesse atrás de uma janela suja, e precisei apertar os olhos para ver com mais clareza. No

entanto, era difícil distinguir qualquer coisa; não sabia ao certo o quê eu estava olhando. Então, uma silhueta apareceu na abertura e saiu da cápsula.

Assim que saiu, pisou numa grande poça que havia se formado perto da porta e grunhiu. Em seguida, ouvi um som de sucção, que podia tanto ser algum tipo de fala ou apenas seu pé saindo da poça.

Eu não via nada além de um vulto escuro contornado pela luz vermelha alaranjada, mas parecia ter mais ou menos o tamanho e a forma de um homem. Como não queria correr nenhum risco, continuei onde estava, escondendo-me um pouco mais na vegetação rasteira.

Com um chiado súbito, a porta da cápsula ganhou vida mais uma vez, fazendo a criatura se virar sobressaltada. Ela observou as engrenagens voltarem a fazer aquele ruído e a porta se fechar. Depois disso, a floresta silenciou novamente, e a criatura deu um passo à frente, virando a cabeça. Parou a alguns passos da cápsula e levou a mão ao bolso como se procurasse alguma coisa ou pegasse uma arma.

— Morris? — ela disse. — Morris?

“Está falando inglês? Parece inglês”, pensei.

Ouvi uma faísca e um chiado súbitos, e uma chama azul brilhante se acendeu, me obrigando a virar os olhos.

— Morris?

Quando meus olhos se acostumaram ao brilho, olhei o vulto novamente. Estava com uma mão erguida à frente, segurando a luz incandescente que crepitava e esguichava como um sinalizador. Fumaça subia dela, e a garoa fina refletia seu brilho azul.

— Morris? — a criatura repetiu e deu mais alguns passos em minha direção. — Alguém? — Definitivamente era inglês. Em seguida, a luz azul estalou e apagou, deixando a criatura novamente sob o brilho vermelho e laranja.

Por um momento, ficou parado, nada além de uma silhueta. Então, caiu de joelhos e abaixou a cabeça, como se rezasse.

— Que inferno!

O que ou *quem* quer que fosse parecia perdido e com medo. Aquilo não tinha sido um pouso qualquer, tinha sido um pouso de emergência, que poderia muito bem não ser acidental. Pensei também que, se Hazar e seus homens tivessem causado aquilo, sem dúvida viriam atrás.

Quanto tempo demorariam para chegar ali? Reuni minha coragem e me levantei.

Nas sombras, puxei a corda do arco até a metade, tremendo ao segurar a arma e apontar a flecha na direção da criatura. Respirei fundo, esvaziei o peito e perguntei com minha voz mais grave:

— Quem é você?

A criatura parou de murmurar e se mexeu, erguendo a cabeça e olhando ao redor para descobrir de onde vinha minha voz.

— *O que é você?* — eu perguntei, ainda oculto pela escuridão.

A criatura se mexeu de novo, virando-se na minha direção.

— *De onde você é?* — voltei a perguntar, tentando parecer mais velho e mais forte.

— Quem está falando? — a criatura perguntou, levantando-se com um pouco de dificuldade.

Finquei o pé e segurei o arco com o máximo de firmeza possível.

— Eu perguntei primeiro. De onde você é? O que você é?

— O que eu sou? Do que você está falando? — Ele estendeu a cabeça, vigiando a escuridão.

— *Quem é você?* — repeti. — É melhor falar logo ou eu atiro.

— Atirar? — A criatura levantou os braços. — Não, não atire. Por favor. Não sou...

— Como você sabe falar inglês? — perguntei.

— Eu... hum... — Ele apertou os olhos e deu um passo em direção ao meu esconderijo. — Espere. Estou falando com uma criança?

Segurei o arco mais firme e mantive a corda puxada, desejando poder puxá-la mais, desejando que ela fosse mais letal nas minhas mãos.

— Não sou criança. Você veio em paz? — perguntei. A criatura já não parecia tão alienígena assim, mas isso não significava que era inofensiva.

— Hum, sim — disse. — Sim, eu venho em paz. — Deu outro passo à frente, ainda com as mãos erguidas ao lado do corpo para que eu visse que estavam vazias. — E, hum, só gostaria de dizer que não sou exatamente alienígena ou o que quer que você pense que eu sou. Eu sou... enfim, humano.

Hesitei, sentindo-me um pouco ridículo, mas tentando me convencer de que aquela ainda era uma situação perigosa.

— Na verdade, sou líder do mundo livre.

— O quê? — Juntei toda a força e a coragem que tinha e saí do esconderijo, segurando o arco à minha frente e apontando a flecha para o coração do homem.

Ele deve ter ouvido que eu estava me aproximando, porque recuou e deu um passo em falso, tropeçando. Caiu de costas numa poça de lama, praguejando:

— Droga!

Vendo que estava em vantagem, me aproximei a passos largos e aponte a flecha em direção ao seu peito.

— Opa! Calminha aí, garoto. — Ele ergueu as mãos. — Espere. Abaixei isso, por favor.

— Você falou que é líder do mundo livre. O que quer dizer com isso?

— Ah. Isso. — O homem recuou um pouco e ficou em pé. Dei um passo para trás. — Acho que, falando assim, soa um pouco pretensioso — ele disse, ajeitando a postura.

Agora que estava parado à minha frente, era bem óbvio que não se tratava de um alienígena. Fiquei envergonhado só de ter pensado em uma bobagem daquela. Dava para ver, naquele momento, que ele era alto, negro e tão careca que as luzes laranja e vermelha se refletiam no topo de sua cabeça. Ele usava um terno coberto de lama e, quando olhei para baixo, notei que calçava apenas um pé de sapato.

Ele seguiu meu olhar e forçou um sorriso, mostrando os dentes brancos e brilhantes.

— Eu sei. Tenho que admitir que não estou me sentindo muito presidencial agora.

— Você é presidente? — perguntei, abaixando o arco um pouco.

— Sim. — Ele tocou a lapela do paletó, em que uma espécie de distintivo cintilava sob a luz colorida. — Presidente dos Estados Unidos.

— Como assim? — Quase comecei a rir. — O que o presidente dos Estados Unidos estaria fazendo aqui no meio do nada? Na *minha* floresta?

— Difícil de acreditar, eu sei, mas é verdade.

— Prove.

O homem pensou por um momento, com os lábios cerrados.

— Você não me reconhece? Do jornal, talvez?

Encolhi os ombros.

— Talvez.

— Mas você não está convencido, não é? — Ele suspirou e olhou suas roupas. — Enfim, está escuro mesmo e acho que pouca gente me reconheceria nessa sujeira. Tudo bem, então. Não estou acostumado a ter que mostrar meu documento, mas...

Ele pôs a mão no bolso interno do paletó, e eu ergui o arco uma vez mais, apontando para seu coração.

— Opa! — Ele parou o que estava fazendo e ergueu as mãos outra vez. — Está tudo bem, garoto, relaxa. Só... olha... — Muito devagar, ele segurou a lapela do paletó e afastou-a do peito para pegar algo lá dentro. — Só vou pegar meu documento, está bem? Nada além disso.

Observei atentamente enquanto ele tirava uma brochura do bolso interno. Em seguida, lançou-a em minha direção.

A brochura caiu aos meus pés.

— Você sabe meu nome — ele disse. — Pelo menos diga que você sabe o nome do presidente.

— Alan Moore. Todo mundo sabe.

— Certo. Que bom. — Ele apontou para a brochura. — Dê uma olhada.

— Não tente nada — eu disse, enquanto abaixava o arco e me agachava para pegar a brochura. — Fique onde está. — Peguei e a virei para a luz.

Um passaporte.

Olhei de canto para o homem e abri o passaporte.

Havia uma fotografia dele no lado de dentro, onde também estava escrito seu nome: Alan William Moore. Examinei a foto e olhei para ele novamente. Ele passou a mão na cabeça, como se estivesse arrumando o cabelo, embora não tivesse nenhum. Como na foto e como eu tinha visto na TV.

Não havia como negar que era a mesma pessoa.

— Você sempre leva seu passaporte com você? — perguntei.

— Quando vou para o exterior, sim. Todo mundo precisa levar. Aliás, uma dúvida: em que país estou?

— Finlândia. — Me aproximei e entreguei o passaporte.

— Bom, já é um começo. — Ele estendeu a mão e colocou o documento de volta no paletó. — Em que lugar da Finlândia?

— Monte Akka.

— Estamos em uma montanha?

— Sim.

— Você tem um celular?

Fiz que não.

— Você não tem? — perguntei.

Ele tateou os bolsos, depois colocou os braços em torno do corpo e deu de ombros.

— Acho que deixei na minha mesa. Sua casa é perto daqui, então? Fica em uma aldeia ou cidade?

Fiz que não de novo e olhei para ele de cima a baixo, vendo como seus ombros se encontravam curvados. Suas roupas estavam encharcadas por causa da poça e da chuva, ele parecia ter dificuldade para respirar e tinha só um sapato. Era o maior pobre coitado que eu já tinha visto na vida. Presidente ou não, estava imundo.

— Bom, deve haver algum jeito. De onde *você* veio, então?

— Não podemos ir para lá agora: é muito longe e perigoso.

— Perigoso?

— Sim. Precisamos ir — disse, lembrando tudo que tinha visto nas últimas horas. — Não é seguro aqui. — Parei, mal conseguindo acreditar no que estava acontecendo e no que ia fazer. — Venha comigo.

Ele não se mexeu. Ficou só me olhando, e entendi que pensava o mesmo que todo mundo. Baixo e magro, envolto por uma rede de camuflagem e com uma mochila cheia de bugigangas, eu não parecia grande coisa. Como alguém como eu poderia ajudar alguém como ele?

— Não — ele disse. — Eu vou... Não. Preciso esperar ajuda.

— *Eu sou a ajuda* — disse. — Venha comigo. Precisamos...

— Sem ofensa, garoto, mas ir com você para onde? Você mesmo acabou de falar que sua aldeia é muito longe.

— Para um lugar seguro — falei. — Algum lugar onde podemos montar abrigo. Um pouco mais para o alto da montanha há um lugar. Posso fazer uma fogueira e...

— Não, vamos esperar ajuda aqui. — O presidente olhou para a cápsula de escape atrás dele. — É o melhor a fazer. Tem um transponder ali, ou sei lá como se chama, e a ajuda deve estar a caminho. Olha, garoto, você deve ter boas intenções e acha que sabe o

que fazer, mas é só uma questão de tempo até esse lugar estar cheio de Seals.

— *Seals*? Tipo “focas”? Não sei como focas podem nos ajudar.

— Seals da Marinha. *Sea, Air and Land*. Soldados das Forças Especiais — ele explicou. — Vão chegar a qualquer momento, então é melhor ficar por aqui mesmo. Não posso subir metade da montanha só com um sapato.

— Então seus Seals vão chegar aqui antes dos homens que derrubaram seu avião?

O presidente ficou boquiaberto e pestanejou.

— O que... o que você disse? “Derrubaram”?

— Sim. Pelo menos, eu acho...

— Não. Não, você está errado. Foi um acidente. Algum defeito e...

— Psiu! — Levei o dedo à boca e o interrompi. — Escute. — Inclinei a cabeça para o lado e coloquei a mão em forma de concha atrás da orelha. — Você está ouvindo?

Ao longe, o leve mas inconfundível som de helicóptero se aproximava na escuridão.

A GRANDE CAÇADA



— EU NÃO DISSE? — O presidente parecia ao mesmo tempo aliviado e eufórico. — Eles já estão aqui para me resgatar.

Ele se virou e estendeu o pescoço para olhar o céu, mas não precisou procurar muito. Um helicóptero vindo do oeste sobrevoava a floresta e vinha rapidamente em nossa direção, o som monótono dos motores cada vez mais alto. Abaixo dele, um feixe intenso de luz branca cortava a escuridão e a chuva, iluminando a mata.

— Aqui! — O presidente correu para uma clareira entre as árvores e começou a balançar os braços euforicamente. — Aqui! Socorro!

O helicóptero avançava devagar sobre a cicatriz em brasa, descendo até quase tocar a copa das árvores. Era questão de tempo até nos avistarem, mas eu não tinha certeza de que eles vinham resgatar o presidente. Aquele podia ser o helicóptero que eu tinha visto antes, mas, dessa vez, pilotado por Hazar, em vez de Patu. Quando vi a cápsula pela primeira vez, me perguntei quanto tempo demoraria para que viessem procurar o que haviam abatido. *Não muito tempo* parecia ser a resposta.

— Aqui! — gritou o presidente de novo.

O helicóptero chegaria em segundos. O barulho estava cada vez mais alto. A copa das árvores balançava sob o ar que ele soprava para baixo. Logo estava tão perto que o barulho ficou ensurdecido; os galhos e as folhas secas eram soprados no chão, girando num tufão com as brasas e

a fumaça das chamas. Grãos de terra acertaram minha cara e irritaram meus olhos. Virei o rosto na hora, tentando limpar.

Quando olhei novamente, o paletó do presidente batia ao vento, o holofote se aproximava e, tão claro como se fosse dia, pude ver as palavras gravadas na lateral do helicóptero.

Safari Tours.

Paralisei em meio ao tufão; meu corpo parecia se recusar a mexer.

Senti tudo rodar à minha volta, e uma imagem de Patu me veio à cabeça. Eu o vi correr em câmera lenta, vi Hazar erguer o rifle. Vi a árvore explodir com uma chuva de lascas e o corpo de Patu ser lançado ao chão, morto.

— Não! — gritei. — Não! É ele! — Corri até o presidente, segurei a parte de trás do seu paletó e puxei, tentando arrastá-lo em direção às árvores.

— O que você está fazendo? — berrou, tirando minha mão de seu paletó.

— Não! — gritei de novo, mais alto do que o som do helicóptero que se aproximava. — É outra pessoa, um homem chamado Hazar. Por favor. Você precisa acreditar em mim. Ele é um assassino.

— Assassino? — O presidente olhou para mim, confuso.

O helicóptero estava muito perto de nós. O holofote iluminava as copa das árvores, passando de um lado para outro, e logo mais revelaria nossa localização. Eu não conseguia parar de pensar na arma de Hazar nem no fato de que logo ela estaria apontada para nós, parados naquela armadilha de luz branca.

— Por favor! — eu disse. — Venha para as árvores! *Por favor!*

O presidente olhou para o helicóptero, depois de volta para mim. Devia ter acreditado em alguma coisa, porque assentiu com a cabeça.

— Tudo bem, garoto. Vamos.

Então viramos e corremos, no exato momento em que o feixe passou perto do lugar onde estávamos. Corremos para a vegetação mais densa e nos atiramos sobre a grama.

O presidente caiu com um baque pesado quando o feixe passou sobre nós. A luz intensa continuou seguindo, depois voltou rapidamente para focar a cápsula metálica. Branca e brilhante, a iluminação do helicóptero refletiu no metal e clareou a floresta. As sombras dos

troncos das árvores se projetaram em todas as direções, fazendo parecer de fato que um óvni havia pousado. Uma tempestade de poeira e entulho girava no ar enquanto o helicóptero pairava sobre a cápsula.

À nossa volta, samambaias e brotos se agitavam freneticamente. O barulho era ensurdecedor.

Ao meu lado, o presidente fez menção de se levantar, mas pus a mão sobre suas costas e indiquei que não.

— Espere! — gritei. — Vamos ver quem são eles.

Incerto, o presidente hesitou.

— É melhor garantir — disse a ele. — Apenas olhe. Por favor.

Ele assentiu e voltou a se abaixar entre as samambaias.

Por alguns segundos, nada aconteceu. Depois de um tempo, a porta lateral do helicóptero se abriu e duas cordas foram lançadas para a clareira, se enrolando feito cobras ao tocar o chão. Quatro homens, aqueles que eu tinha visto no fim da tarde, saltaram do helicóptero e escorregaram pelas cordas, dois de cada vez. Quando chegaram ao chão, se soltaram e se espalharam em diferentes direções, abaixando-se e apontando as submetralhadoras para a mata em ângulos diversos.

O presidente parecia confuso. Aqueles homens estavam fortemente armados e pareciam soldados, mas imaginei que ele não estava esperando que os Seals de sua Marinha fossem descer em cordas de um helicóptero da Safari Tours. Ele observou, boquiaberto, enquanto dois outros homens desciam pelas cordas e pulavam.

Reconheci Hazar imediatamente. Estava com o imenso rifle pendurado nas costas, e seu cabelo preto brilhava sob a luz. Ele olhou ao redor e ergueu a mão enluvada para o piloto. Em resposta, as cordas subiram de volta para o helicóptero, as portas se fecharam e a máquina fez uma volta. Foi em direção ao topo das árvores, ergueu a parte dianteira e seguiu para longe, sobrevoando a floresta. Tudo isso não levou mais de um minuto.

Quando o helicóptero se foi, fez-se um silêncio absoluto. Tudo estava completamente quieto e escuro, e não me atrevi a mover um músculo, com medo de ser ouvido.

Meus olhos, porém, se ajustaram rapidamente à escuridão, e vi que os homens na clareira esvaziavam suas mochilas e montavam tripés com

luzes apontadas para a cápsula de escape. Olhei de canto para o presidente. Ele parecia não fazer ideia do que estava acontecendo.

Perto deles, Hazar estava imóvel e observava a área mais uma vez antes de se voltar para o homem que havia descido com ele. O homem tirou das costas uma arma de aparência esquisita. Manuseou-a por um tempo antes de abri-la. Percebi então que não era uma arma, mas um guarda-chuva, que o homem segurou sobre a cabeça de Hazar.

O chefe permanecia parado, observando seus homens montarem as luzes e o que parecia ser uma câmera.

— O que está acontecendo? — o presidente murmurou.

Dei um cutucão nele e levei o dedo à boca, sacudindo a cabeça. O som percorria facilmente o ar da floresta à noite; não podíamos correr o risco de ser ouvidos por aqueles homens.

— A câmera está pronta? — Hazar perguntou devagar, com a voz grave e um sotaque pesado.

— Quase, senhor — respondeu o homem que preparava a câmera, apontando-a para a cápsula de escape.

— Pô, para quê a câmera?

Levei um susto com a pergunta. A pessoa estava perto, não mais de cinco metros de onde estávamos deitados, e quem quer que fosse tinha vindo da floresta, não do helicóptero.

Ficou claro que Hazar também não esperava ninguém, pois seus homens se viraram e apontaram as armas para o lugar de onde a voz tinha vindo.

Grudei ao chão, tentando ficar o mais invisível possível, e dei outro cutucão no presidente, mas ele já tinha feito o mesmo.

— Quem é? — Hazar perguntou baixinho.

— Quem você acha que é? — Um vulto caminhou em direção aos outros homens, mas não dava para ver, pois estava atrás de um grande tronco de pinheiro. Impossível saber quem era, mas a pessoa tinha sotaque americano, parecido com o do presidente.

— Ah, você — Hazar disse. — Você não parece muito bem, está imundo. Foi difícil chegar aqui?

— Fiz o que precisava fazer.

— Como você não apareceu, pensei que seu paraquedas não tinha aberto.

— Abriu, sim — o homem disse. — Os outros não tiveram a mesma sorte. Para quê a câmara?

— Vamos gravar esse momento para a posteridade — Hazar disse. — Ninguém nunca caçou algo maior que isso.

— Tenho vergonha de câmara — o homem respondeu.

Ao meu lado, o presidente avançou um pouquinho, como se ouvisse com atenção ao mesmo tempo que tentava ver por trás do tronco da árvore.

Estendi a mão para impedir, mas ele me ignorou e começou a se arrastar para o lado. Então segurei seu braço com firmeza. O presidente me encarou com uma expressão severa. Estreitou os olhos e cerrou o maxilar, mas assentiu com a cabeça e se abaixou sobre a vegetação rasteira.

— Pronto? — Hazar perguntou.

— Sim, senhor — respondeu o câmara.

Hazar atravessou a clareira para ficar ao lado da cápsula. Estendeu a mão e tocou o metal. O homem que segurava o guarda-chuva o seguiu, protegendo Hazar da garoa fina.

— Este é um momento maravilhoso. — Hazar fechou os olhos. — Merece ser saboreado.

Quando seus olhos se abriram novamente, refletiram as luzes, fazendo-o parecer um demônio da floresta. Por um momento, lembrei das histórias de minha mãe.

— Fale o código — ele ordenou.

O homem escondido atrás da árvore limpou a garganta.

— Mil quatrocentos e noventa e dois.

O presidente ficou tenso ao meu lado. Ele tremia e cerrou os punhos.

Hazar sorriu.

— Em 1492, Colombo navegou o oceano azul. Mil quatrocentos e noventa e dois. Boa sacada. — Ele se virou e digitou três algarismos no teclado.

— Cavalheiros. — Ele olhou para seus homens. — Preparem-se para conhecer o presidente dos Estados Unidos da América.

Depois de brincar com o dedo uma última vez, apertou o quarto algarismo e o som de engrenagem voltou a encher a noite. Em seguida,

veio o longo chiado e, quando a porta destravou e deslizou para o lado, Hazar se endireitou e olhou dentro da cápsula.

— Como assim...?

Contra a luz, deu um passo à frente e parou com uma mão apoiada na porta.

— O quê...? — Colocou a cabeça para dentro. — Onde...? — Deu um passo para trás, confuso. Em seguida, deu meia-volta para encarar o vulto atrás dele. — O que é isso?

— O que você quer dizer?

— Ele não está aqui — Hazar esbravejou.

— Como assim “ele não está aqui”? Onde mais estaria?

— Veja com seus próprios olhos. — A voz de Hazar era ameaçadora. Ele se virou para o lado e apontou a cápsula vazia.

A pessoa hesitou, mas saiu de trás da árvore e caminhou a passos largos para examinar. Só então foi possível vê-lo mais claramente — o terno sujo, muito parecido com o do presidente, e os sapatos, que antes deviam ser brilhantes, cheios de lama. No entanto, estava de costas para nós; seu rosto, oculto.

— Vire — murmurou o presidente ao meu lado.

O homem de terno olhou dentro da cápsula.

— Não faz sentido. Como ele conseguiu sair? Tirei a maçaneta do lado de dentro. Ele não tinha como abrir a porta a menos que alguém...

Hazar fez sinal para um de seus homens, que avançou e bateu com o cabo da arma nas costas do homem de terno, logo abaixo de seu ombro direito. O golpe foi barulhento, e pude ouvir o ar saindo de seus pulmões enquanto ele caía estatelado no chão. De barriga para baixo, gemeu e rolou para o lado.

Outros dois soldados de Hazar avançaram e pararam em volta do homem, apontando as armas para ele.

— Tínhamos um acordo. — Hazar passou a mão na barba e falou entre os dentes cerrados. — Você prometeu entregar o presidente. — Ele parou diante do homem de terno e estourou, como se não conseguisse mais conter a raiva: — ENTÃO ENTREGUE!

— Ele está por aqui — disse o homem de terno. — Eu fiz tudo exatamente como falei.

— Então como você explica a cápsula vazia?

— Alguém deve ter aberto a porta para ele. É a única explicação.

— Aqui? — Hazar olhou ao redor e abriu bem os braços. — No meio do nada?

— Que tal você me deixar levantar para tentar descobrir?

Hazar considerou a sugestão, recuou um passo e mandou seus homens descansarem. Eles abaixaram as armas. O homem de terno se levantou e começou a se mover pela clareira, estudando o chão. Os homens de Hazar ficaram em volta dele, bloqueando nossa visão.

— O que está fazendo? — Hazar perguntou.

— Procurando alguma pista. Qualquer coisa. — Ele parou e se abaixou, passando os dedos na terra úmida.

— Que foi? O que você achou?

— Uma pegada. — O homem se levantou de novo. — Alguém ajudou o presidente a sair *sim*. Alguém usando sapatos pequenos.

— Sapatos pequenos? O que isso quer dizer?

— Normalmente quer dizer que a pessoa tem pé pequeno.

— Não banque o espertinho comigo. — Hazar estalou os dedos e um de seus homens agiu rápido, erguendo a arma. Porém, antes que conseguisse levar a arma ao ombro, o homem de terno tirou uma pistola que parecia ter surgido do nada e atirou duas vezes no peito do soldado.

Os tiros ecoaram pela mata e o soldado caiu, mas ele ainda não havia chegado ao chão quando o homem de terno atravessou a curta distância até Hazar em um segundo e o agarrou, usando o corpo dele como escudo contra os outros soldados. Ele pressionou o cano da pistola sob o queixo de Hazar e disse claramente:

— Foi muito difícil organizar essa caçada para você, seu psicopata milionário. Não porque eu quisesse, mas porque precisava muito da generosa quantia que você tinha me oferecido. Não quero perder essa grana porque você não consegue controlar seu temperamento ou porque meus planos foram destruídos por alguém com pé pequeno. Você está me entendendo?

Hazar apenas assentiu. Seu rosto estava surpreendentemente calmo.

— Mas, para receber esse dinheiro, preciso te entregar o presidente, o que pretendo fazer. Até lá, você tem que me manter vivo, porque, sem mim, nunca vai ter acesso a isto aqui ou às informações que pode nos

fornecer. — Com a mão esquerda, ele tirou um celular do bolso e mostrou para Hazar.

— Antes que você pense besteira, Hazar, o celular não pode ser acessado sem a minha senha. Temos um acordo ou vou ter que te matar agora mesmo?

Em vez de furioso, Hazar parecia impressionado com o ataque do homem de terno. Ele sorriu e estendeu a mão.

— Acho justo. Você sabe argumentar. Então, o que as informações no seu celular dizem? Quanto tempo temos até os americanos descobrirem os erros que cometeram?

O homem de terno tirou a pistola do queixo de Hazar e deu um passo para trás, ainda apontando para a cabeça do homem.

— Não precisa apontar essa arma — disse Hazar. — Você tem minha palavra.

— E quanto é que ela vale? — O homem abaixou a pistola devagar, mantendo-a ao lado do corpo.

Hazar deu de ombros.

— Quanto tempo temos?

— Bom, eu me livrei do transponder, como *disse que faria*, então agora devem estar procurando em algum lugar no mar da Noruega. Temos uma boa vantagem, e eles só vão pensar em procurar por aqui amanhã de manhã, no mínimo. Ninguém virá para cá por enquanto, sugiro que você chame seu helicóptero de volta porque vamos precisar dos outros equipamentos. — O homem guardou a arma. — Vamos fazer o que você veio fazer. Vamos caçar.

— Seguindo as pequenas pegadas? — Hazar perguntou.

O homem de terno assentiu.

— Seguindo as pequenas pegadas.

CAÇADOS



DEPOIS DE VER O HOMEM ATIRAR num dos soldados de Hazar e ouvir o que eles pretendiam fazer, o presidente e eu concluímos que precisávamos sair dali. E rápido.

De barriga para baixo, rastejamos para trás rapidamente e o mais silenciosamente possível. Hazar havia mandado seus homens guardarem a câmera e as luzes; assim, o barulho deles era mais alto que o nosso e, quando Hazar mandou o helicóptero voltar pelo rádio que tirou do bolso, já estávamos em pé e começávamos a fugir.

Corremos por entre as árvores, distanciando-nos o máximo possível deles. Atrás de mim, o presidente arfava, fazendo um barulho capaz de acordar todos os bichos da floresta. Se continuasse assim, aqueles homens não teriam a menor dificuldade para nos encontrar. Bastaria seguir o som da respiração ofegante que, em pouco tempo, estaríamos mortos.

Eu não queria acabar como Patu ou como o soldado da clareira. Meus olhos lacrimejavam enquanto eu corria. Senti meu desespero aumentar: uma sensação de que tudo estava perdido, de que eu morreria ali. Eu tinha vindo à floresta para encontrar meu troféu e, em vez disso, encontraria minha morte. Devia ter voltado ao Território das Caveiras quando vi Hazar atirar em Patu. Mas tomei a decisão errada e, no dia seguinte, meu pai viria me buscar e não encontraria nada. Nenhum vestígio. Ou talvez encontrasse meu corpo entre folhas e galhos caídos. De qualquer jeito, ele ficaria sozinho. Teria perdido minha mãe e eu.

“Não”, pensei ao parar e olhar para trás, esperando o presidente me alcançar. “Não. Eu não vou morrer.”

Meu objetivo não era mais caçar. Não era mais deixar meu pai orgulhoso. Era sobreviver. Era continuar vivo e não deixar meu pai sozinho.

Eu não vou falhar.

— Pare — eu disse, estendendo a mão.

— Como assim? Não. Precisamos...

— Estamos fazendo barulho demais — falei. — Deixando muitas pegadas.

O presidente parou e apoiou as mãos nos quadris, olhando a escuridão atrás dele. Tínhamos quase chegado ao lugar onde a cicatriz atravessava o que antes era a trilha.

— Não estou vendo nada. — Ele ofegava muito. — Precisamos continuar andando.

— Eles têm boa iluminação — eu disse. — O helicóptero tem holofotes.

— O que você sugere? Não podemos ficar aqui, você viu o que eles acabaram de fazer.

Examinei a área, vendo pequenas chamas ainda acesas ao longo da cicatriz à frente. Minha mente funcionava claramente agora que tinha um objetivo. Não ia mais pensar em morrer ou caçar. Eu tinha que me concentrar em fugir. Nada além disso.

— Vamos seguir a cicatriz — eu disse. — Já está tudo um caos; eles não vão ver nossas pegadas.

O presidente olhou para mim, o brilho das chamas refletido em seus olhos. Ele pensou por um momento e concordou.

— Tudo bem, garoto. Parece uma boa ideia. — Ele começou a andar, mas levantei a mão.

— Eu vou na frente — falei. — Coloque seus pés exatamente onde eu colocar os meus, e não pise no barro.

— Vai ser difícil nessa chuva.

— A chuva é nossa amiga agora. Ela vai ajudar a cobrir nosso rastro.
— Voltei a andar, mas parei novamente e o presidente trombou comigo.
— Evite as cinzas também e não ande nas samambaias. As folhas vão

cair e murchar e, se aqueles homens souberem seguir o rastro, vão perceber. Pise nos galhinhos, os marrons. E não pise forte.

— Mais alguma coisa? — O presidente colocou o pé no chão, e ouvimos uma movimentação na folhagem abaixo dele. Ele deu um pulo assustado quando uma perdiz saiu das samambaias, batendo as asas.

Virei para encará-lo.

— Sim. Fique quieto.

Segurei o arco firme e avancei cuidadosamente pela floresta na direção da cicatriz. Passamos devagar pelas últimas árvores, seguindo rastros de animais e espaços entre as samambaias, evitando poças e barro. Ao chegar à cicatriz, subi no tronco de um abeto e virei para ver se o presidente precisava de ajuda. Na minha opinião, ele não parecia ser capaz de viver na mata. Imaginei que estava mais acostumado a ficar sentado em uma sala aquecida, mandando as pessoas fazerem tudo para ele.

— Pode continuar — ele disse. — Eu consigo. — Ao tentar subir, porém, seu sapato escorregou na casca da árvore e, por muito pouco, conseguiu estender o braço e agarrar um galho a tempo de impedir a queda.

— Venha logo — eu disse. — Não temos tempo para isso.

O presidente não disse nada. Apenas me encarou e tentou outra vez, forçando-se para cima do tronco. Ao subir, olhou para mim como se dissesse “Viu? Eu consigo!” e, naquele momento, percebi que tínhamos uma coisa em comum. Nós dois tínhamos algo para provar.

— Muito bem, mas não podemos deixar nenhum rastro, lembra? — Me abaixei e limpei a lama do lugar em que o pé dele havia escorregado.

— O que está acontecendo? — o presidente perguntou, recuperando o fôlego ao olhar para a cicatriz e balançando a cabeça diante das árvores devastadas e das chamas irregulares. — O que aconteceu? Num minuto, eu estava no avião a caminho d...

— Acho que aqueles homens derrubaram seu avião. Já tentei te falar isso.

— Mas como? Não faz sentido. O *Air Force One* é praticamente indestrutível.

— *Air Force One*? Esse é o avião do presidente, não é? O *seu* avião?

Ele fez que sim.

Voltamos a caminhar e contei a ele tudo o que sabia: sobre o momento em que vi o helicóptero pela primeira vez, sobre Patu, sobre os lançadores de foguete e os riscos disparados para o céu.

— Um tipo de lança-mísseis? — ele perguntou. — Mas eles deviam ser fortes. Com alta tecnologia e... Espere um minuto. Nós estamos em uma montanha. Eles devem ter atirado daqui para conseguir uma altura suficiente e derrubar o *Air Force One*. É a única coisa que faz sentido. Lá de baixo nunca teriam atingido a aeronave. Mas por que as medidas defensivas não funcionaram? Por que o avião não se protegeu? O único jeito disso ter acontecido seria se... — Ele ficou quieto.

— Você sabe quem são eles? — perguntei, lembrando que o presidente parecia interessado no homem de terno.

— Terroristas?

— E aquele que saiu da floresta? O homem de terno? Ele disse que fez alguma coisa com a cápsula para você não conseguir sair. Como ele sabia que você estava na cápsula? Como ele sabia que você não tinha morrido na queda? Tem certeza de que não sabe quem ele é?

O presidente parou, mas, quando fiz o mesmo e olhei em sua direção, ele parecia não estar me vendo. Apenas ficou parado, perdido em pensamentos por um segundo antes de piscar e voltar a olhar a floresta.

Fiquei com a impressão de que havia alguma coisa que ele não queria me contar.

— Não acredito que isso está acontecendo comigo — ele disse. — Meu avião foi derrubado, estou sendo caçado e vou ter que subir esta maldita montanha. Para piorar as coisas, só estou com um sapato e meu pé molhado está me matando.

Olhei para seus pés: um sapato preto, que estava quase marrom, e uma meia molhada. Tirei um saco plástico do bolso e me abaixei aos pés dele.

— Ponha o pé aqui.

— O quê?

— Ponha o pé no saco.

Ele passou a mão no rosto molhado e suspirou.

— Não acredito que isso está acontecendo comigo — ele repetiu, enquanto fazia o que eu disse.

Apertei o saquinho e amarrei as alças atrás do tornozelo do presidente.

— Pronto. Agora você tem um sapato.

— É. Quase isso. — Seu rosto parecia mais calmo. — Obrigado, garoto.

— Oskari.

— O quê?

— Meu nome é Oskari.

— Ah, claro. Oskari. Bom, pode me chamar de William. Ou Bill.

— Por que não Alan?

— Acho que minha mãe preferia “Bill”.

— Bill. — Repeti o nome, prestando atenção na sonoridade, mas algo estava errado. — Não. Vou te chamar de Presidente. É mais interessante.

— É, acho que sim. — Ele estendeu a mão. — Bom, prazer em conhecê-lo, Oskari. Obrigado por vir ao meu resgate.

Assenti e apertei sua mão.

— Bem-vindo à Finlândia.

Seu aperto era firme, mas não esmagador e, quando ele soltou minha mão, ficamos parados olhando um para o outro sob a garoa fina que caía.

— Venha — eu disse. — Precisamos continuar.

— Tem razão. Vá na frente.

Andei apressadamente sobre o tronco de árvore, com os braços estendidos para me equilibrar, até chegar perto o suficiente de outro tronco para poder pular sobre ele. Assim, de tronco em tronco, seguimos pela cicatriz por alguns metros, passando por chamas quase extintas e pedaços de metal que soltavam fumaça.

A chuvinha continuava a cair, mas as nuvens tinham se dispersado ao longe e a lua reluzia sobre a montanha. Na cicatriz, sem a cobertura das árvores, havia luz suficiente. Ao longe, porém, a floresta era um breu. Era para aquela direção que precisávamos ir. Lá, eles nunca conseguiriam nos encontrar.

— Deve ter caído aqui — o presidente disse, enquanto andávamos rápido sobre as árvores caídas. Sua respiração ainda estava pesada e parecia ser difícil inspirar. — Meu avião. Um deles, pelo menos.

— Quantos aviões você tem?

— Alguns.

— Não mais — eu disse.

O presidente fez um som parecido com uma risada. Olhei para ele outra vez.

Ele parou e dobrou o corpo, pondo as mãos nos quadris.

— Qual é o meu problema? — ele perguntou. — Sei que não sou a pessoa mais em forma da Casa Branca, mas, poxa, pensei que estivesse melhor que isso. Quando voltar, vou ter que passar mais tempo na academia.

— Estamos no alto — eu disse. — O ar é rarefeito e você não está acostumado.

Ele assentiu.

— Não se preocupe. Vou cuidar de você. — Era surreal, um tipo de sonho esquisito. Ali estava eu, guiando o presidente dos Estados Unidos pela mata, fugindo de caçadores malucos e ainda tendo que ser o mais forte. — Eu vou te proteger.

— Bom, garoto, você parece saber o que está fazendo.

— Oskari — corrigi. — Não “garoto”.

— Verdade. Oskari.

Seguimos pela cicatriz, pulando de tronco em tronco, sem deixar nenhum vestígio de que tínhamos passado por ali. Os galhos quebrados, a chuva, os escombros e as chamas faziam com que fosse impossível nos seguir por aquele caminho. Quando chegamos ao final, pulamos e corremos para a escuridão da floresta, que parecia se estender infinitamente. Eram poucos os raios de lua que atravessavam a cobertura das árvores.

— Pare aqui. — Ergui a mão, mas o presidente deu de cara comigo mesmo assim, jogando-me para a frente.

— Desculpe.

— Preste atenção — eu disse, e percebi que estava parecendo meu pai.

— Por que paramos?

— Temos que esperar um pouco para nossa vista se acostumar com o escuro. Deixe seus olhos desfocarem.

— Como assim?

— Deixe seus olhos desfocarem — eu disse. — Use sua visão noturna.

— Minha visão *o quê?*

— Shh. Esquece. — Deixei que meus olhos relaxassem e não focassem nada. Meu pai dizia que caçadores usavam essa técnica havia anos e que ela funcionava melhor em campo aberto, mas na floresta também dava certo. Sem fixar nada em particular, deixei minha visão ficar um pouco turva. Assim, movimentos inesperados se sobressaíam, chamando mais atenção. Eu já tinha usado a técnica para avistar todo tipo de animal, mas, naquele momento, procurava um animal muito diferente. Tentava descobrir se havia alguém nos esperando na escuridão.

Como não encontrei nada inesperado, coloquei a mão em forma de concha atrás da orelha e virei a cabeça de um lado para outro, tentando ouvir sons diferentes. Uma coruja piou, um bicho correu na grama... e havia outra coisa também.

— O helicóptero está voltando — eu disse.

— Não estou ouvindo nada.

— Coloque a mão em forma de concha atrás da orelha. Você vai ouvir como um morcego.

— Sério? — O presidente me imitou e se virou na direção da cicatriz.
— Caramba.

— Precisamos continuar. — Apanhei um punhado de gravetos de pinheiro e folhas secas do chão, e os espalhei no lugar onde estávamos, cobrindo as marcas que havíamos deixado. — E lembre-se de pisar onde eu tiver pisado.

— Você sabe *para onde* estamos indo? — perguntou, observando a floresta ao redor, que devia parecer muito homogênea para ele.

— Claro.

Avançamos cada vez mais para dentro da floresta, andando por mais de uma hora. Enquanto o helicóptero perscrutava a mata atrás de nós, subíamos a encosta da montanha em direção ao campo de caça secreto do meu pai. Era a melhor coisa a fazer, o único lugar para ir. Quando eu não saísse da floresta no dia seguinte, meu pai e os outros viriam me procurar e seguiriam para lá. Estariam armados e sabiam se virar na

mata. Os homens de Hazar podiam ter armas automáticas, mas eu achava que não tinham muita chance contra um grupo de caçadores como meu pai.

— Você precisa fazer menos barulho — eu disse. — Ande com cuidado.

— Estou me esforçando.

— Olha, você está parecendo um elefante.

— Não estou fazendo *tanto*...

— Tente pisar com o pé plano, de uma vez só. As pessoas acham que devem pisar do calcanhar para os dedos, mas assim existem dois pontos de contato. Tudo que você pisar vai estalar. Um animal só tem um ponto de contato e se move como a névoa. Você precisa fazer o mesmo. E tente não respirar tão alto. — Era estranho estar no controle para variar, mas me fazia sentir bem. Como um homem, em vez de um menino.

Atrás de nós, o helicóptero voava baixo sobre a floresta, com o holofote virando de um lado para outro. Hazar devia ter homens em terra também, seguindo as instruções dele, e me perguntei onde ele estaria. Será que estava na floresta ou no helicóptero, com o rifle a postos?

Na maior parte do tempo, o helicóptero se movia sobre a floresta atrás de nós, deslizando sobre a copa das árvores, mas houve um momento em que o som das hélices ficou mais alto e a máquina veio em nossa direção, como se tivesse avistado alguma coisa e viesse investigar.

— Abaixе!

Nós dois nos jogamos na terra para nos esconder à beira de um córrego estreito.

— Para cá — murmurei, arrastando-me na direção da margem elevada do rio. — Devagar. — Qualquer movimento súbito seria muito mais perceptível.

O presidente me seguiu e ficamos deitados lado a lado, com a cabeça para baixo, encostados na margem enlameada.

— Não olhe para cima — eu disse. — Nossos rostos vão refletir a luz.

— Esse dia está sendo péssimo — o presidente murmurou.

— Pra mim também.

Cobrimos nossos rostos enquanto o helicóptero voava logo acima, entortando o topo das árvores com a corrente de ar. O forte feixe do holofote corria para a frente e para trás, atravessando os galhos, fazendo a água brilhar e iluminando as pedras e a vegetação rasteira. O barulho era enorme e ressoava em minha cabeça, fazendo meu corpo todo tremer. Continuamos completamente imóveis, como se fôssemos parte da floresta.

Depois de um tempo, o helicóptero seguiu caminho, mas achei melhor esperar um pouco para continuarmos. Sentamos à beira do córrego, ouvindo o rumorejar melódico da água nas pedras.

— Dá vontade de fazer xixi — disse o presidente.

— Então faça — falei.

Ele foi atrás das árvores ao lado. Também tive vontade, então fiz o mesmo. Quando terminamos, lavamos as mãos na corrente e seguimos caminho.

— Você tem sorte por ainda ser primavera — eu disse, enquanto caminhávamos. — Mais algumas semanas e o sol nem ia se pôr. Essa fuga ficaria muito mais difícil sem a escuridão.

— A estação do sol da meia-noite — o presidente disse.

— Você conhece?

— É o verão de vocês, não é?

— Meio que sim. Temos três verões. Chamamos de Partida do Gelo, Sol da Meia-Noite e Estação da Colheita.

— É bonito — disse o presidente.

— É?

— Você não acha?

— Nunca pensei sobre isso. Só sei que é mais difícil dormir.

Mudávamos de direção de tempos em tempos, nunca andando em linha reta. Andávamos para trás e em zigue-zague, e até nos pendurávamos em galhos baixos para pular a terra úmida e confundir qualquer rastro que pudéssemos estar deixando. Sempre que possível, eu pisava as pedras salientes no solo. Atrás de mim, o presidente reclamava toda vez que punha o pé ensacado numa dessas, porque as pontas afiadas arranhavam sua pele.

Tarde da noite, saímos da parte mais densa da floresta, subindo a montanha onde as árvores eram mais esparsas, e o terreno, compacto e

mais irregular. Era ali que eu deixaria o quadriciclo antes da caminhada para o campo de caça secreto.

— Eles nunca vão nos seguir até aqui — eu disse, subindo numa saliência rochosa e virando para oferecer ajuda. — Nem vai passar pela cabeça deles que viemos nessa direção.

O presidente olhou para mim.

— Que subimos a montanha em vez de descer? Você é um menino esperto, Oskari.

— Acho que estamos mais ou menos em segurança.

— Mais ou menos? — Ele recusou a minha ajuda e deu um impulso para cima, gemendo com o esforço.

— Eles têm um helicóptero — eu disse.

O presidente conseguiu colocar um joelho na saliência, mas teve dificuldade para subir mais. Então, segurei a parte de trás de seu paletó e o puxei com força. Ele caiu, rolou levemente para cima das rochas e ficou deitado de costas por um momento, ofegante.

— Helicóptero. Verdade. Tem razão.

Quando ele se recuperou, caminhamos em silêncio por um tempo, ambos exaustos, e voltei a pensar em tudo o que tinha acontecido.

— O que é Morris? — perguntei. — Você estava falando isso quando saiu da cápsula. É uma pessoa?

— Morris é o meu guarda-costas particular. — O presidente continuava respirando com dificuldade, porém mais silenciosamente do que antes. — Ele já salvou minha vida mais de uma vez.

— Ele deve ser bem corajoso. Ele é um caçador? — Entramos embaixo de alguns pinheiros mirrados, e segurei um galho que mais parecia um chicote, esperando que o presidente me seguisse.

— Na verdade, não. — Ele agradeceu com a cabeça. — Mas Morris coloca a vida dele em risco para me proteger.

— Por exemplo?

Ele parou sob as árvores e apoiou as mãos nos quadris.

— Bom, quando eu estava em Seattle fiz a besteira de sair em meio à multidão, e uma pessoa apontou uma arma para mim. Morris entrou na minha frente e levou um tiro aqui. — O presidente apontou para o próprio peito. — Ainda tem um pedaço da bala ao lado do coração dele. — Ele mostrou o polegar e o indicador separados por menos de dois

centímetros. — Falaram que era perigoso demais para remover, mas talvez um dia chegue ao coração dele e tire sua vida.

— Então é como se ele já estivesse morto? — perguntei, virando para olhar para ele.

— De certo modo. Eu queria que ele se aposentasse, mas ele não me dá ouvidos. Talvez tenha sido melhor assim; foi ele quem salvou minha vida ao me colocar na cápsula antes do... — Sua voz foi baixando e ele parecia ter percebido alguma coisa.

— Que foi?

Ele levou a mão à boca e olhou fixo para o chão.

— Presidente?

Ele ergueu os olhos.

— Hum? — Seu olhar estava distante; ele parecia ver através de mim. O mesmo já havia acontecido antes, quando perguntei sobre o homem de terno. — Ah, nada, nada. — Ele abanou a cabeça e voltou a andar. Quando voltou a falar, porém, ainda havia dúvida em sua voz, e sua cabeça estava em outro lugar. — Enfim, uma coisa boa de ser presidente dos Estados Unidos é saber que os principais recursos do planeta estão sendo usados para facilitar meu resgate.

— O que *isso* quer dizer? — perguntei.

— Quer dizer que muita gente vai procurar por mim.

— No lugar errado.

— Hum?

— O homem de terno disse que se livrou do seu... como é que você disse mesmo? O negócio do sinal?

— Transponder.

— Isso. Todo mundo vai procurar no lugar errado.

— Mas logo vão perceber — o presidente disse. — Daí virão me procurar aqui.

— Mas só depois do amanhecer. Pelo menos foi o que o homem disse.

— Eu sei o que ele disse. — O presidente parecia irritado. — Também ouvi.

— Acho que foi bom ter te encontrado ou aqueles homens estariam com você agora. E, mesmo que você *tivesse conseguido* sair da cápsula, não teria a menor chance de sobreviver aqui sozinho. Eu conheço a mata; é a minha casa. — Senti um pouco de orgulho. — Com esse arco,

posso conseguir comida para nós e nos proteger. E há ursos nesta montanha — contei para ele. — Posso nos proteger deles também.

— Há ursos aqui? — Ele pareceu assustado e olhou ao redor.

— Muitos.

— E você consegue matá-los com esse arco que está carregando? — o presidente perguntou desconfiado.

— Claro. Este é um arco muito forte.

— Você já matou algum antes?

— Já. Quer dizer... não. Mas meu pai já. Quando ele tinha exatamente a minha idade. — Coloquei a mão no bolso e toquei a fotografia.

— Quantos anos você tem?

— Doze — respondi. — Faço treze amanhã.

— Puxa. Que coisa. Meu filho tem treze — disse o presidente. — E tenho uma filha também. Ela tem onze.

— O que seu filho gosta de caçar?

O presidente riu.

— Hum... nós não caçamos muito.

— Vocês não caçam? — Olhei desconfiado para ele.

Ele encolheu os ombros e abanou a cabeça.

— Enfim, o urso-pardo é o animal mais sagrado para nós — eu disse. — Por isso, depois que meu pai matou um, fizeram uma grande festa em honra do animal para que seu espírito não se aborrecesse. Depois, colocaram a caveira no mastro de pinheiro mais alto para que seu espírito entrasse nos céus.

— Seu pai parece um cara e tanto. Acho que você quer ser igual a ele, não?

— Ele me ensinou tudo o que sabe.

— Incluindo onde fica esse lugar seguro?

— Sim. Estamos indo para o campo de caça secreto do meu pai. Estaremos seguros lá.

Mas, com o helicóptero e todos aqueles homens na floresta, eu não tinha tanta certeza se ele poderia ser tão secreto assim.

MORTE NA MONTANHA



FORA DA ÁREA MAIS DENSA DA FLORESTA, ao redor da parte mais baixa do monte Akka, onde o terreno era mais acidentado e as árvores, mais esparsas, parei para observar os arredores. Deixei que meus olhos desfocassem para avistar qualquer movimento fora do comum, mas não havia nada atrás de nós. Porém, quando virei para olhar o topo da montanha à nossa frente, vi um coelho saltar e parar. Era uma silhueta perfeita, exatamente igual aos alvos que meu pai fazia para praticar.

Fiz sinal para o presidente parar também, peguei o arco e, em silêncio, encaixei uma flecha. Levantei, mirei e puxei a corda. No entanto, assim que comecei a puxar, comecei a ficar com raiva. O arco era grande demais e forte demais para mim. Era quase inútil e me fazia sentir fraco. Rangi os dentes e puxei com toda força, mas, como da outra vez, não consegui trazer a corda até a bochecha.

Disparei mesmo assim.

A corda vibrou e a flecha voou torta. Fez uma curva desajeitada, acertando as rochas à esquerda do coelho.

O animal não perdeu tempo e fugiu. Num momento estava lá, no outro, não.

— Que azar — o presidente murmurou, mas eu o ignorei.

Irritado e envergonhado, abaixei o arco e fui pegar minha flecha. Coloquei-a na aljava e olhei para a floresta atrás de nós. Tínhamos subido uma distância longa: as árvores mais densas estavam lá embaixo e dava para ver o helicóptero vasculhando a floresta. Não era muito

mais que uma pequena luz vermelha, com um feixe branco irrompendo debaixo dele.

Olhei para o presidente.

— Se eu tivesse um arco menor, o *meu* arco, teria acertado. Poderíamos jantar carne de coelho se esse arco idiota não fosse tão grande.

— Tudo bem — ele disse. — Podemos passar um dia sem janta. — Ele veio em minha direção, passando de um seixo para outro. — Além disso, não sou muito fã de coelho. Prefiro hambúrguer. — Ele parou e olhou para baixo, entre duas grandes rochas entalhadas. — O que é isso? — O presidente se abaixou para pegar o que tinha visto. — Um sapato — ele disse, mostrando-o para mim.

— O seu? — perguntei. Havia luz suficiente para ver que era um sapato preto e reluzente, do tipo que o presidente poderia usar. Sem dúvida, não era uma bota de caçador e eu nunca tinha visto ninguém na aldeia usar um sapato como aquele.

— Meu não é.

— É do seu número pelo menos? Talvez seja seu dia de sorte.

— Nem tanto. O tamanho é o mesmo, mas é o pé errado.

— Ah. — Olhei ao redor, curioso para saber de onde o sapato teria vindo, e avistei alguma coisa pendurada numa saliência rochosa na altura da minha cabeça, um metro à direita.

— Fique onde está — o presidente disse.

— Como assim? — Fiquei surpreso. Desde que tínhamos saído do lugar onde estava a cápsula de escape, eu estava dando todas as coordenadas, porque aquela era a *minha* floresta, ele era o forasteiro. Não entendi por que, de repente, *ele* achou que poderia assumir essa posição. Mas, enfim, ele era adulto, e os adultos sempre achavam que sabiam o que era melhor, ainda mais o presidente dos Estados Unidos.

— Falei para ficar onde está. — Ele pôs a mão no meu braço e passou por mim. Foi até a saliência olhando para cima e parou ali por um momento. Quando apoiou no topo, pronto para subir, puxou a mão de volta e olhou para os dedos.

— Que foi? — perguntei.

— Fique aí. — Ele se segurou firme nas rochas e deu impulso para cima, conseguindo subir melhor que das outras vezes.

Por alguns segundos, não falou nada. Eu só ouvia o vento e o som distante do helicóptero. Então, o presidente disse:

— Otis. Meu Deus, não pode ser.

Decidi que ele não estava no comando coisa nenhuma. Aquela era a minha floresta e eu a conhecia melhor que ele, então pulei sobre os seixos e subi as rochas para ver o que ele tinha encontrado.

O homem morto usava um terno igual ao do homem que tinha aparecido na clareira onde a cápsula havia caído. Ele jazia de barriga para cima, com um pé descalço para fora da beirada. Seu corpo estava retorcido de um jeito estranho, com os braços em posições esquisitas e uma perna embaixo dele, mas sua expressão era de quem tinha pegado no sono com os olhos abertos. Não havia sequer um arranhão em seu rosto.

Eu sabia que ele estava morto, assim como Patu e o homem de Hazar.

— Você o conhece? — perguntei.

O presidente estava abaixado ao lado do corpo, com o punho cerrado na boca para se acalmar. Ele engoliu em seco.

— Otis. Membro da minha equipe de segurança.

— Um guarda-costas, você quer dizer? — Respirei fundo e olhei para o outro lado da saliência, onde havia mais silhuetas escuras caídas.

O presidente fez que sim.

— E tem outros, certo?

— Sim.

— São eles ali? — Apontei.

O presidente fitou as silhuetas por um momento. Então se levantou e foi olhar de perto. Fiquei onde estava, sem querer ver mais gente morta.

— Stanley — ele disse, examinando o primeiro homem. — E Clay — continuou, aproximando-se do segundo. Sua voz era um murmúrio embargado. Ele estava em pé, com a cabeça baixa e as mãos no rosto. — O que aconteceu com eles?

O presidente voltou até mim e rolou o corpo de Otis, revelando um paraquedas fechado e amarrado às suas costas. Ele se abaixou e examinou os fechos.

— Deus — ele disse.

— O que foi?

— Meu Deus.

— O que foi? — perguntei outra vez. — Fale, Presidente.

Ele se sentou e balançou a cabeça.

— O cabo está amarrado. Alguém amarrou o paraquedas para não abrir. Eles foram assassinados.

— Como assim? Por quem? — Ao dizer isso, porém, me lembrei do homem de terno falando alguma coisa sobre “os outros”, que não tinham tido a *mesma sorte*.

— Pelos mesmos que estão atrás de mim, acho.

— Mas você não sabe quem são eles, não é? Tem certeza de que não reconhece nenhum deles? Eles falaram que estavam *caçando* você.

O presidente não olhou para mim. Virou o rosto e mordeu o lábio inferior como se estivesse pensando em outra coisa.

— E aquele homem? O Hazar? — perguntei. — Você conhece?

Ele fez que não.

— Os outros, então? Você...

— Oskari, eu sou o presidente dos Estados Unidos; muita gente quer me matar.

Senti um calafrio, como se formigas andassem pela minha pele. Porém, pensei que ficar ali parado em choque não adiantaria nada. “Chorar nunca ajudou ninguém” era o que meu pai teria dito.

— Levante, Presidente.

— Oi?

— Falei para você levantar.

O presidente abanou a cabeça.

— Eles foram mortos, Oskari, você não entende? Eu fui traído. Alguém sabotou o *Air Force One* para que fosse derrubado. Depois sabotou os paraquedas dos meus guarda-costas. Sabotaram a cápsula de escape também, por isso não consegui abrir a porta.

— Eu sei. Ouvi quando o homem de terno falou isso.

O presidente ergueu os olhos para mim.

— Sabe aquela ajuda que eu falei? Não sei se vai chegar.

— Pare de sentir pena de você mesmo. — Mal podia acreditar que estava falando aquilo, mas pude ver que o presidente estava desanimado. Eu precisava que ele recuperasse suas forças para seguir em frente. — Levante, vamos.

— Eles têm armas, Oskari. Eles têm um *helicóptero*. E têm informações também. Quer dizer, como teriam conseguido fazer tudo aquilo?

Olhei para o corpo de Otis.

— E *ele*? Tem uma arma?

— Ahn?

— Esse guarda-costas. Ele tem uma arma?

O presidente pareceu entender o que eu estava sugerindo.

— Sim. Tem, sim. — Ele se virou e respirou fundo antes de colocar a mão dentro do paletó do homem e tirar uma pistola.

— Agora *você* tem uma arma — eu disse. — E eu tenho o meu arco.

O presidente não pareceu muito impressionado com aquilo; depois do meu desempenho com o coelho, até dava para entender. Ele tentou abrir um sorriso, mas foi tão forçado que era óbvio que sentia pena de mim, como se soubesse que já estávamos mortos. Então, seu semblante mudou ao ter outra ideia.

— Celulares — disse. — Eles devem estar com celulares. — Ele se abaixou novamente e, com um pouco de esforço, deitou o corpo de costas. Desviou o olhar enquanto apalpava as roupas de Otis, evitando encarar o guarda-costas. Quando chegou ao bolso da calça, olhou para mim com um ar de triunfo. — Achei! — exclamou, alcançando desajeitadamente o celular no bolso de Otis. Ergueu o aparelho para vê-lo sob a luz e o virou nas mãos, apertando botões freneticamente. — Droga. Está quebrado.

Ele jogou o celular nas pedras e caminhou até o outro guarda-costas, checando seus bolsos até encontrar outro celular quebrado.

— Mais uma tentativa — disse para si mesmo. — Mais uma chance. — Quando o terceiro telefone ligou, ele parecia uma criança. Abriu um enorme sorriso e fiquei muito contente por ele, que realmente parecia acreditar que o celular salvaria sua vida. Poderia finalmente ligar para pedir ajuda e ser resgatado.

Mas sua felicidade durou pouco. Ele começou a chacoalhar o telefone. Virou o aparelho de um lado para outro. Apontou-o para o céu. Abaixou-o em seguida. Ergueu na altura do ombro e começou a pular de seixo em seixo. Depois de um tempo, ficou sem ar e se curvou, desanimado.

— O que foi, Presidente?

— Está sem sinal — ele disse. — Depois de tudo isso, não tem a droga do sinal.

— Bom, estamos *mesmo* no meio do nada. Pensei que talvez os celulares do presidente dos Estados Unidos pudessem funcionar, mas...

— Encolhi os ombros.

Ele levou o celular ao bolso e se sentou, esfregando as mãos no rosto.

— Acho que ser presidente não serve de muita coisa no meio do nada.

— Não muito.

— Aqui sou como qualquer outra pessoa.

— Talvez menos ainda — eu disse.

— Valeu, garoto.

— Bom, você sabe caçar?

— Não. — Ele pareceu se encolher diante da dificuldade da situação.

— Construir um abrigo?

Ele fez que não.

— Sabe fazer uma fogueira? — perguntei.

— Não.

— Então você tem mesmo *muita* sorte por eu ter te encontrado. Sei fazer tudo isso. Além disso, amanhã essa floresta vai estar cheia de caçadores da minha aldeia. E, se eu não voltar, o primeiro lugar onde meu pai vai me procurar é no campo de caça secreto.

— Amanhã pode ser tarde demais. — Ele olhou para trás, em direção ao helicóptero que vasculhava a floresta. — Quem diabos faria isso?

— O helicóptero não ajuda muito. Eles estão procurando no lugar errado. Graças a mim.

O presidente suspirou.

— Se não fosse por mim, Hazar já teria te pegado. — Me senti bem ao pensar que, talvez, eu não fosse tão incompetente para sobreviver na mata. — Já te trouxe até aqui, certo? — perguntei.

Ele assentiu.

— Acho que sim, garoto.

— Meu nome é Oskari, lembra? Não sou um garoto.

— Não. Acho que não mesmo.

— Não se preocupe, Presidente. Vai dar tudo certo, o.k.? — Cuspi na minha mão e a estendi para ele.

O presidente olhou para mim, depois para minha mão.

— Cuspa e aperte — expliquei.

Ele hesitou, mas fez o que eu disse. Apertei o máximo que pude e o puxei, ajudando-o a se levantar.

— Pronto — eu disse. — Agora é uma promessa.

O presidente me olhou de um jeito que me fez sentir forte e orgulhoso como nunca antes. Uma faísca brilhou em seus olhos e notei que aquele era o olhar de um homem que tinha decidido não desistir. Talvez ele achasse que, se eu conseguia ser corajoso, ele também podia ser.

— Obrigado — ele disse.

— Ótimo. — Soltei sua mão e arrumei a mochila nas costas. Voltamos a subir a montanha. Enquanto caminhava, olhei por cima do ombro. — Ah, sabe outro motivo por que você tem sorte?

— Não. Qual?

Apontei com a cabeça para Otis.

— O mesmo número, lembra? Pelo menos o outro sapato vai servir.

DA MESMA MADEIRA



CERCA DE VINTE MINUTOS DEPOIS de Encontrarmos Os Corpos, quando já estávamos um pouco acima na montanha, o som constante do helicóptero mudou e vimos suas luzes entre as árvores, lá embaixo. Por um momento, o barulho diminuiu, depois cessou por completo. O presidente e eu paramos ao mesmo tempo, observando a floresta silenciosa enquanto tentávamos adivinhar o que Hazar e seus homens estavam planejando.

— Estão economizando combustível — o presidente disse. — Não podem manter aquela coisa no ar a noite toda.

— Vão recomeçar quando estiver claro. Ou talvez só tenham decidido nos seguir a pé.

O presidente se virou para mim.

— Eles podem fazer isso? Você acha que encontraram algum rastro? Por isso pousaram o helicóptero? — Havia medo em sua voz. — Será que sabem onde estamos?

— Impossível. — Pensei em tudo que tínhamos feito para cobrir nossos rastros. Nem meu pai teria conseguido nos seguir. — Nós não deixamos rastro algum.

— É por causa do combustível, então — o presidente disse.

— Deve ser — concordei.

Ficamos parados, olhando a mata: um breu que se estendia até o horizonte, onde encontrava o céu azul-escuro. Estrelas reluziam entre as nuvens que passavam. Daquela altura, dava para ver duas cicatrizes a

certa distância uma da outra, brilhando como feridas horríveis na floresta. As chamas ainda queimavam, iluminando a destruição que atravessara as árvores pelo menos por meio quilômetro, terminando em chamas maiores, como pontos finais de frases.

— Aqueles devem ser os caças de escolta — disse o presidente. — Parecem pequenos demais para ser o *Air Force One*.

— Onde será que ele está, então? Não vejo outros aviões.

Ele não disse nada, só balançou a cabeça. Fitamos as chamas antes de retomar a caminhada.

O presidente olhava o celular de tempos em tempos, mas sempre com o mesmo resultado decepcionante.

Quanto mais subíamos, mais o ar ficava frio, e o presidente tremia. Suas roupas estavam molhadas por causa da chuva e sua respiração tinha voltado a ficar ofegante. Ele precisava se aquecer e repousar. Nós dois estávamos cansados, mas continuamos mesmo assim. Subimos com dificuldade pelas rochas soltas, caminhamos entre os pinheiros cada vez mais esparsos, subimos em saliências e seixos. Durante todo esse tempo tentamos não deixar nenhum vestígio de que tínhamos passado por ali.

Quando finalmente alcançamos um planalto aberto e rochoso em uma aba do monte Akka, perto do campo de caça secreto, fui até a beirada íngreme ao lado da montanha para olhar sobre a mata. O vento frio uivava ao meu redor, soprando minha camuflagem e serpenteando sob minha jaqueta impermeável. Observei as cicatrizes bruxuleantes na floresta lá embaixo e, em seguida, o caminho por onde tínhamos subido. Então inspecionei o resto do planalto.

A terra ali era dura e descampada em quase toda a extensão, mas havia algumas áreas de grama e uma ou outra árvore espigada tentando sobreviver no solo pobre. No lado oposto ao que tínhamos subido, o planalto formava uma leve inclinação em torno do monte, em direção ao campo de caça. No lado oposto ao desfiladeiro escarpado que dava para a floresta, os rochedos íngremes do monte Akka subiam em direção ao cume, mas havia uma grande saliência nas rochas que serviria de abrigo.

Meu pai havia me dito para esperar até o amanhecer e ficar sob o vento. Embora eu não fosse caçar naquele momento, levantei a cabeça

para olhar o céu.

O presidente veio ao meu lado e ergueu os olhos. O céu estava mais ou menos claro e a lua era um grande disco, com poucas nuvens, filtrando sua luz prateada.

— Está vendo como as nuvens estão se mexendo? — perguntei. — O vento está soprando sobre a montanha. Quer dizer que estamos sob o vento que passa acima da montanha e do que passa abaixo, na floresta.

— E isso significa...?

— Significa que podemos fazer uma fogueira pequena porque a fumaça não vai para baixo na direção... — Olhei para as árvores abaixo e atrás de nós. — Na direção deles. — O helicóptero tinha desaparecido, mas sabíamos que os homens poderiam estar lá embaixo, talvez nos procurando a pé na floresta.

Falei para o presidente sentar sob a saliência e nos abrigar do vento enquanto eu preparava a fogueira. Não havia muitas árvores no planalto, mas o suficiente para juntar lenha para algumas horas. Em poucas idas e vindas, consegui uma boa pilha de gravetos perto de nosso abrigo. Em seguida, apanhei algumas pedras e as empilhei ao lado dos gravetos.

— Posso ajudar com alguma coisa? — o presidente perguntou. — Estou me sentindo meio inútil.

— Não, Presidente. Não se preocupe.

Ele ofereceu ajuda mais algumas vezes, mas não deixei que fizesse nada. Ele era tão inútil na mata, o que me fazia sentir um especialista. Pela primeira vez eu era melhor em alguma coisa, por isso disse ao presidente para descansar enquanto eu trabalhava. Ele se sentou com os antebraços nos joelhos e a pistola ao lado, observando meus movimentos.

— Seu inglês é muito bom, Oskari — ele elogiou quando levei o último punhado de pedras. — Todo mundo na sua aldeia fala inglês?

— Sim. Mas acho que os mais velhos não falam tão bem.

— Vocês aprendem na escola?

— Isso. E assistimos muitos programas de TV americanos também.

— Claro. O poder da TV. — Ele tremeu de frio quando o vento soprou mais forte. — Então, o que você está fazendo com essas pedras?

— Elas impedem que a fogueira seja vista — eu disse, construindo uma barreira. — Também absorvem e refletem o calor. Daqui a pouco vai ficar quentinho aqui.

— Você sabe mesmo o que fazer, hein? — Ele parecia impressionado.

Quando a barreira estava quase na altura da minha cintura, fiz um círculo pequeno de pedras no nosso lado da proteção e tirei meu kit de fogo do bolso. Uma bolinha de retalhos e algumas raspadas do acendedor foram tudo o que precisei para criar uma chama. Em seguida, alimentei-a com gravetos menores até que ficasse forte o bastante para colocar os maiores.

— Muito bem, Oskari. — O presidente estendeu as mãos para sentir o calor. — Dá para ver que você já fez isso antes.

Eu me recostei em uma rocha, colocando os braços em torno dos joelhos.

— É uma das coisas que faço melhor. Meu pai sempre me pede para acender a fogueira.

— Eu não teria ideia de como fazer.

— É muito fácil, na verdade; só precisa de um bom kit de fogo. Todo caçador precisa de um. — Tirei o tubo plástico do bolso e mostrei a ele. — Este tubinho à prova d'água tem tudo: acendedor, retalhos de algodão, fósforos de tempestade...

— Fósforo de tempestade?

— Só para emergências — disse. — Eles acendem em qualquer lugar e nunca se apagam. Dá para acender, colocar na água, embaixo da terra, onde quiser, porque, quando você tirar, eles continuam acesos.

— Incrível. — O presidente assentiu com a cabeça.

— Olha só. — Destampeí o vidro e peguei a caixinha de fósforos. — Vou mostrar para você.

— Não precisa desperdiçar.

— Não tem problema. — Tirei um dos fósforos. Era mais longo que um fósforo comum e quase todo o comprimento da haste era coberto por uma camada vermelha. Risquei o fósforo na lateral da caixa e ele acendeu imediatamente. Ergui para o presidente ver antes de enfiar no solo aos meus pés. Cobri o fósforo com terra, pisei e enterrei. Quando tirei, a chama voltou a acender.

— Incrível.

Peguei meu copo de água na mochila, e coloquei o fósforo dentro, molhando a chama. Quando tirei da água, o fósforo flamejou, e soprei para que ele reacendesse.

— Viu? Com esse kit e a minha faca, dá para sobreviver em qualquer lugar — disse, jogando o fósforo na fogueira.

— Imagino que o arco também seja útil.

Olhei de canto para o arco encostado na rocha ao meu lado e pensei no que tinha sentido no Território das Caveiras, tentando puxar a corda ao máximo.

— Dá para fazer um arco com a minha faca — eu disse.

— Então por que você não faz? Está claro que esse é grande demais.

— Não, não é — discordei. — Não é grande demais.

— Ah. O.k. — O presidente desistiu do assunto, percebendo que era um tema delicado.

Por um tempo, nenhum de nós falou nada e continuei alimentando a fogueira, até a chama ficar do tamanho ideal. Quando estava pronta, peguei um cobertor fino na mochila e entreguei ao presidente para que ele pudesse tirar suas roupas e estendê-las perto do fogo para secar. Enquanto isso, vasculhei o que tinha recuperado do quadriciclo quebrado e perguntei se ele estava com fome.

Ele fez que sim.

— Acho que estou. Na verdade, não tive muito tempo para pensar nisso, mas, agora que você falou...

Ele parecia um miserável, segurando o cobertor em volta do corpo, provavelmente se perguntando como todo seu mundo havia desmoronado. Num momento, voava em seu avião e, no seguinte, estava ali, na montanha, tentando se esquentar. Ainda era estranho pensar que ele era Alan William Moore, presidente dos Estados Unidos.

— Tenho carne-seca de rena — eu disse, pegando uma trouxa de tecido e mostrando para ele.

— Sério? — Ele fez uma careta. — Rena?

— Você não gosta?

— Nunca experimentei. — Sua expressão era de que também não queria experimentar.

Dei de ombros.

— Tenho linguças também.

— Agora você está falando a minha língua.

— Então vamos comer linguiça de sangue.

— Espere... O que você disse? — Ele se aproximou, como se não tivesse ouvido direito. — Linguiça de *sangue*?

— Isso. Fazemos com sangue de porco.

Ele notou que eu estava sorrindo e apontou para mim.

— Você está tirando com a minha cara, não?

Eu ri.

— Meu pai adora, mas eu nunca gostei muito. Não se preocupe, tenho linguiças tradicionais.

O presidente sorriu e apontou para mim outra vez, me fazendo rir de novo. Tirei algumas linguiças e escolhi alguns gravetos que serviriam como espetinhos. Entreguei um para o presidente e estendemos as linguiças sobre as chamas até que ficassem tostadas. O cheiro era delicioso e fiquei com água na boca enquanto assavam. Depois, nos sentamos sob a saliência perto do calor do fogo, e nos acomodamos para comer.

— Estão gostosas — o presidente disse, abanando a mão em frente à boca porque estavam muito quentes.

— O coelho teria sido melhor.

— Bom, você fez um ótimo trabalho cuidando de mim, Oskari, então, obrigado por isso.

Suas palavras me fizeram sentir bem e olhei para ele, aconchegado sob o cobertor.

— Como é ser poderoso?

Ele quase engasgou, tossindo e balbuciando. Passei uma garrafa d'água para ele e esperei.

O presidente tomou um longo gole, virando a cabeça para trás. Em seguida, passou a mão na boca para se limpar e pigarreou.

— Poderoso? — ele disse, com um sorriso vago. — Você me pegou de surpresa, Oskari. Não estou me sentindo exatamente poderoso neste momento.

— Não, mas... você costuma ser.

Ele ficou sério.

— Bom. Acho que eu diria que o poder é... efêmero. O que significa que não dá para tocá-lo e que é fácil perdê-lo. Por exemplo, algumas

horas atrás eu poderia mandar exércitos para qualquer parte do mundo e invadir territórios estrangeiros, se quisesse. Agora, não posso nem pedir pizza. — Ele suspirou e deu outra mordida na linguiça.

— Eu gosto de pizza.

— Ah, é? — Ele ergueu os olhos para mim. — Alguma preferida?

— Pepperoni.

— Boa escolha. Aposto que é mais saborosa do que linguiça de sangue. E o que você acha de biscoitos?

— Biscoitos são bons.

— E sorvete?

— Gostoso também.

Minha mãe fazia o melhor sorvete de baunilha do mundo. Só de pensar já dava para sentir o gosto.

— Então, quando tudo isso acabar, vou te convidar para conhecer minha casa. Vamos nos divertir muito. Pizza, sorvete e video game. Você gosta de video game, certo?

— Sim.

— Fechado, então. — Ele terminou de comer e se aproximou para pegar outra linguiça. — Desde que seu pai e sua mãe deixem, claro. — Ele espetou a linguiça e levou-a ao fogo. — Você nunca falou de sua mãe, aliás. Ela também caça?

Olhei fixamente para a fogueira e respirei fundo.

— Ela morreu. No ano passado.

— Ah... Desculpe... eu...

— Não é culpa sua — eu disse, sem erguer os olhos. — Por que as pessoas sempre pedem desculpa se isso não é culpa delas?

Ele suspirou.

— Bom, acho que porque elas se sentem mal e gostariam de poder fazer alguma coisa. Talvez, também, porque não têm muito que falar, além disso.

— Não deveriam falar nada, então.

— Acho que você tem razão.

Continuei a contemplar as chamas, observando a maneira como elas se moviam e se curvavam umas sobre as outras. O calor intenso esquentava meu rosto.

— Ela teve câncer na cabeça. Ficou doente por muito tempo e daí... — Cerrei os dentes e contive as lágrimas. Minha voz estava entalada na garganta. — Meu pai continua bem triste. Ele não é mais o mesmo. Pensei que, talvez, se eu conseguisse levar um bom troféu, poderia animá-lo, mas acho que isso não vai acontecer.

Do outro lado da fogueira, o presidente me observava. Estava encostado nas rochas e só desviava os olhos quando alguma coisa passava rastejando no escuro. Ele fitou as trevas do outro lado da fogueira por um tempo; depois, voltou a olhar para mim.

— Você tem irmãos ou irmãs?

Fiz que não e respirei fundo.

— Minha mãe sempre dizia que um só já dava muito trabalho.

O presidente riu baixinho.

— Minha mãe falava algo parecido sempre que perguntavam por que eu não tinha irmãos. Acho que temos uma coisa em comum, não é? — Ele se debruçou para pôr a comida sobre o fogo outra vez. — Então, por que você fez aquela pergunta sobre poder?

— Por nada.

Ele ficou esperando que eu continuasse.

— Meu pai é poderoso — eu disse. — Na verdade, minha família é bem famosa aqui. Talvez você reconheça o nome de meu pai. Tapio. É o nome do deus da floresta.

— Desculpe. Nunca ouvi falar.

Dei de ombros.

— Tudo bem, você não sabe muito sobre caça.

— É verdade.

Tirei a fotografia do bolso e mostrei a ele.

— Esse é meu pai.

Ele examinou a foto por um tempo, mexendo a cabeça.

— E esse é o urso de que você me falou.

— Isso.

— Puxa... é impressionante.

— Na minha aldeia, todos devem caçar alguma coisa no dia do aniversário de treze anos. Ficamos na floresta por uma noite e um dia, e aquilo que caçamos mostra ao mundo o que somos como homens. —

Lembrei as palavras de Hamara e como ele parecia duvidar de que eu conseguisse caçar alguma coisa.

— Era disso que você estava falando quando comentou do “troféu” agora há pouco? — perguntou o presidente.

— Sim.

Ele olhou a foto.

— Então, o que significa matar um urso?

— Que o homem é forte e corajoso.

— E agora é a sua vez?

— Amanhã é meu aniversário. Quando a manhã chegar, serei um homem. “Um menino entra na floresta, mas é um homem que retorna.” Foi o que Hamara disse.

— Hamara?

— Nosso ancião.

O presidente me observou por mais um momento, assentindo com a cabeça como se finalmente tivesse entendido por que eu estava sozinho na mata.

— Acho que estraguei as coisas para você. Sinto muito.

— Minha mãe dizia que o alce seria meu animal, porque indica que o homem que o caça é rápido, inteligente e inde... indep... — A palavra em inglês estava na ponta da língua, mas se recusava a sair.

— Independente?

— Isso.

— Bom, acho que você já é todas essas coisas. — Ele apontou para o arco com o queixo. — E isso aí?

— Preciso usar. É o arco tradicional, o que todos usam. Tem pelo menos cem anos.

— Sério? Não parece tão antigo.

— Ele é bem cuidado.

— Ninguém saberia se você usasse outro — ele disse. — Um que não fosse tão grande.

— Eu saberia.

— Claro que sim. Você é muito honesto, Oskari; é bom que seja assim. Também é mais forte do que imagina. — Ele me devolveu a foto. — Você parece com ele.

— Somos feitos da mesma madeira, meu pai e eu. — Guardei a foto no bolso. — Ele acredita em mim mesmo que todos achem que sou um péssimo caçador. Quando Hamara me deu o arco, não consegui puxar a corda totalmente, e alguns dos meninos riram. Mesmo assim, decidi que me esforçaria ao máximo para deixar meu pai orgulhoso. Mas agora vou ter que ser resgatado e vai ser ruim para nós dois.

— São circunstâncias excepcionais, Oskari.

— Não importa. É preciso ser forte na Finlândia. — Comi outro pedaço de linguiça. — Todo mundo precisa ver que você é forte.

— Bom, você nos trouxe até aqui, longe daqueles homens. Cobriu nossos rastros, fez uma fogueira e um abrigo. Fez comida. Posso contar isso para todo mundo. — O presidente se debruçou e girou o espeto nos dedos enquanto falava. — E em vez de ser forte, você pode só parecer forte. E deixa eu te dizer: sou um especialista nisso. — A luz do fogo se refletia em seu rosto e brilhava em seus olhos enquanto falava. — Poxa, eu só leio livros de autoajuda e como biscoitos. Morris ri da minha cara porque não consigo fazer nem dez flexões.

Ele abaixou os olhos ao dizer isso e percebi que ele pensava nos corpos que encontramos nas rochas.

— Vou te contar uma história — ele começou. — Antes de começar meu último discurso sobre o Estado da União, fiquei com muita vontade de fazer xixi. Então fui correndo ao banheiro, faltando só alguns minutos, e, na pressa, tentei... hum, resolver o problema rápido demais e errei o alvo. Acertei a parte de cima da calça.

Comecei a gargalhar. Não dava para evitar. A ideia do presidente dos Estados Unidos fazendo xixi na calça era ridícula.

— Exato. — Ele deu de ombros. — Acontece com todo mundo, não é? Enfim, segundos depois, precisei sair e subir no púlpito da Câmara do Congresso, que é um salão enorme cheio de gente importante. Os olhos dos Estados Unidos estavam voltados para mim e precisei subir lá com uma mancha considerável na virilha.

— Meu Deus.

— Depois você procura — ele disse. — Preste atenção no jeito como eu seguro os papéis para esconder a área do desastre. Note como eu faço o discurso. Minha voz não treme, meu ânimo não está abalado, eu exijo atenção da sala. Mas, por dentro, estava morrendo de medo.

Estava apavorado. Achava que entraria para a história como o presidente que fez xixi na calça. Mas, por fora, era uma rocha.

— E o que aconteceu?

— Ninguém percebeu. Acabou o discurso. E só duas pessoas em todo o planeta sabem que isso aconteceu. Você e eu.

— Puxa.

— Você não vai contar para ninguém, certo?

— Desde que você não conte que não acertei o coelho.

— Fechado.

Juntos, fingimos que estávamos fechando zíperes invisíveis em nossas bocas, trancando com cadeado e jogando a chave no fogo.

O presidente riu alto e eu ri com ele, mas, depois disso, ele não falou muita coisa. Olhei para ele enquanto terminávamos a refeição e lambíamos os dedos. De vez em quando, a brisa soprava, fazendo o fogo subir e assobiar antes de voltar para o círculo de rochas, mas esse era o único som.

Um tempo depois, estávamos perdidos em pensamentos. O vento bateu mais forte e uma leve rajada de neve começou a cair no ar frio da montanha.

— Neve? — o presidente perguntou. — Na primavera?

— Estamos muito no alto — respondi. — E muito ao norte. Pode nevar em qualquer época do ano.

— Esse lugar é difícil *mesmo*.

Eu sorri.

— Bom, suas roupas já devem estar secas agora. Você devia se vestir.

— Verdade. — Ele deu uma olhada e disse que já estavam secas o suficiente. Vestiu-se e voltou ao mesmo lugar onde estava antes. A pequena insígnia em sua lapela brilhava sob a luz da fogueira e, por pouco, dava para distinguir o azul e o vermelho da bandeira americana.

A expressão do presidente ficou séria e ele mordida o lábio inferior enquanto contemplava as chamas. Passou a mão na cabeça careca.

— Você perguntou como é ser poderoso, Oskari. Então, uma desvantagem é que você nunca sabe em quem pode confiar.

— Pode confiar em mim — eu disse.

— Não estou falando de você. Quero dizer que alguém armou tudo isso — ele disse. — Alguém sabotou os paraquedas dos meus homens.

Tenho a impressão de que foi alguém em quem eu confiava.

— Quem?

— O homem que vimos no lugar do acidente.

— Hazar?

Ele fez que não.

— O homem de terno?

— Acho que sei quem é ele. Custo a acreditar e não consigo entender como ele pôde fazer isso, mas... não. — Ele balançou a cabeça outra vez.

— Não pode ser. — Ficou em silêncio novamente e parecia não querer falar mais nada.

— Acho que talvez você devesse dormir. — Contive um bocejo. — Vou ficar de vigia.

— Eu é que devia fazer isso. O adulto aqui sou eu... — Ele parou, como se percebesse que eu não ia concordar. — Estou te *devendo*.

— Você não me deve nada, Presidente. Eu viria para cá de qualquer jeito. Ficaria acordado a noite toda para caçar. Mas, em vez disso, vou ficar de vigia e, se passar um cervo ou urso por aqui, estarei pronto. — Ergui o arco, mostrando que estava com a arma a postos. — Talvez eu consiga um troféu no fim das contas.

— E se aqueles homens aparecerem?

— Vou ouvir antes que eles nos vejam.

— Bom, então me acorde se ouvir alguma coisa. Vou ficar com isto por perto. — Ele deitou no chão e deixou a arma ao seu lado. Hesitou um pouco, como se fosse sugerir que ficaria de vigia outra vez, mas balancei a cabeça.

— Pode dormir — eu disse.

Ele suspirou, estendeu o cobertor sobre o corpo e se remexeu até achar uma posição confortável.

— Boa noite, Presidente.

— Boa noite, Oskari.

FELIZ ANIVERSÁRIO



O PRESIDENTE RONCAVA MUITO, o que pareceu divertido no começo, mas depois começou a ficar irritante. Ao longo da noite, seus grunhidos e fungadas competiam com o vento que uivava em volta do planalto e trazia a neve. Mas a fogueira permanecia quente e estávamos bem protegidos sob a reentrância na rocha. Apesar dos meus esforços para continuar acordado, meus olhos começaram a fechar. Sacudi a cabeça, dei uns tapinhas na cara e andei um pouco de um lado para outro. Andei pelo ar frio para juntar mais lenha, mas nada afastou o sono. Eu estava exausto e, assim que me sentei, meu raciocínio começou a ficar confuso.

Depois de um tempo, o sono venceu a batalha, trazendo sonhos estranhos. Hamara me olhava com desaprovação enquanto meu pai abaixava a cabeça, envergonhado. O quadriciclo estava esmagado por uma árvore, já sem conserto. Bolas de fogo caíam do céu escuro, e os olhos inertes de Patu me encaravam enquanto eu tentava puxar o arco. Todas essas imagens se misturaram num pesadelo confuso. Foi quando acordei com um som gutural.

Muóig! Muóig!

Um grunhido longo e alto, que me fez abrir os olhos, sobressaltado. Por um segundo, não sabia quem eu era e me levantei cambaleante, segurando o arco que estava em meu colo. O ar da manhã estava fresco e ainda havia alguns flocos de neve no ar. A fogueira tinha se apagado, restando apenas brasas que lançavam um brilho fraco sob a luz do dia

nascente. Com a visão turva, olhei ao redor, lembrando os acontecimentos da noite anterior. A lembrança me atingiu como um soco gelado, como se um punho tivesse agarrado minhas entranhas e começado a apertá-las com força.

Mas havia luz atrás das nuvens grossas, a manhã havia chegado, e isso significava que precisávamos sobreviver só mais algumas horas até meu pai vir nos procurar. Além disso, o homem de terno tinha dito que os soldados do presidente estariam procurando por nós ao amanhecer. O resgate estava a caminho.

Olhei para o presidente, que estava deitado de lado. Eu ainda não conseguia acreditar que o presidente dos Estados Unidos estava bem ali, dormindo embaixo do meu cobertor velho. Quando ouvi o barulho outra vez, porém — aquele grunhido alto e longo —, percebi que não era o ronco dele. O presidente respirava com dificuldade, mas não roncava mais e...

Muóig! Muóig!

Um alce! Era o som do chamado de um alce!

Meu cérebro finalmente voltou a funcionar e me abaixei, olhando pelo planalto, estreitando os olhos para ver através da neve que dançava no ritmo do vento. A camada que tinha caído durante a noite era fina e se acumulava de maneira irregular sobre os sulcos escuros das rochas. Cada inspiração de ar fresco ardia nas minhas narinas e, toda vez que eu expirava, um vapor enevoadado envolvia meu rosto. Continuei examinando o terreno, mas não havia nada além de grama suja e de algumas poucas árvores esparsas com galhos espigados. No entanto, um alce estava por ali em algum lugar. Então, saí abaixado de nosso abrigo e encaixei uma flecha no arco.

Meu coração estava acelerado e esqueci toda a história do dia anterior. Nada mais importava. Havia um alce por perto e eu pretendia caçá-lo. Ele não escaparia de mim como o cervo que tinha fugido do helicóptero. Aquele era o meu troféu e, apesar de tudo que tinha acontecido, eu carregaria sua cabeça nas costas quando saísse da floresta.

Devagar e em silêncio, atravessei o planalto, observando a neve em busca de estrume ou pegadas.

Muóig! Muóig!

Atrás e à esquerda.

Virei em direção ao lugar onde o planalto subia e fazia uma leve curva para o campo de caça secreto e parei, deixando que minha visão desfocasse. Minha respiração ficou mais branda e minha mente, mais calma, enquanto eu tentava encontrar o animal. E, então, ali estava ele: parado uns dez metros acima, no alto de um leve declive rochoso pontilhado de seixos e alguns abetos finos.

O animal era enorme, com fortes patas traseiras e uma leve corcunda nas costas. Olhava para o chão enquanto farejava em busca de comida, e sua galhada se ramificava numa série de pontas letais.

Notei a maneira como os finos flocos de neve caíam encosta abaixo. Perfeito. Eu estava sob o vento. Se continuasse quieto, conseguiria me aproximar o suficiente para atirar. O arco podia ser grande demais, mas eu estava determinado a encontrar força daquela vez. Não podia errar.

Enquanto eu observava, o alce ergueu a cabeça e soltou um grunhido, alto e longo.

Muóig! Muóig!

— Que diabos foi isso?

A pergunta me pegou de surpresa e me virei para encontrar o presidente, parado ao lado da fogueira, com o cobertor sobre os ombros.

— Feliz aniversário — ele disse, e estava prestes a falar de novo quando viu a expressão furiosa em meu rosto. Eu não queria perder tempo falando com ele. Lancei um olhar de advertência e me virei para o alce.

O animal ouviu o presidente e virou sua cabeça volumosa em nossa direção. Estava completamente imóvel, com os músculos tensionados.

Fiz o mesmo. Prendi a respiração, e apenas um pensamento passava pela minha cabeça, várias e várias vezes.

“Fique aí, por favor. Fique aí, por favor. Fique aí, por favor.”

O alce me encarou e eu o encarei de volta.

O tempo parou.

Ele levantou a cabeça um pouco mais e mexeu o focinho como se buscasse algum cheiro. Depois de um momento, inclinou a cabeça para trás, quase tocando as costas com a galhada, e abriu a boca mais uma vez.

Muóig! Muóig!

Então, saiu trotando pela serra e sumiu de vista.

— Não! — murmurei, com um aperto no peito.

Olhei para o presidente atrás de mim, mal conseguindo esconder minha raiva.

Ele balbuciou um “desculpe”, mas não perdi tempo. Não queria perder a caça, não outra vez. Tentando manter a calma, subi o declive atrás de suas pegadas na neve. Porém, elas estavam desaparecendo rapidamente sob os flocos que caíam. Com um pouco de sorte, o animal não iria muito longe e eu conseguiria seguir seu rastro para alcançá-lo.

Sentindo o vento no rosto, subi devagar, mantendo o arco pronto para atirar. Eu dava passos curtos, movendo-me em silêncio e tomando cuidado para não pisar pedrinhas que desceriam ruidosamente pelo declive.

Quando cheguei ao topo da inclinação, me abaixei e levantei o arco. Estava mais eufórico e nervoso que nunca. Eu podia ouvir meu coração batendo, e minhas mãos frias tremiam. Continuei abaixado e me concentrei em acalmar a respiração. Fechei os olhos e tentei relaxar.

Um coração firme reflete em uma mão firme.

Quando comecei a me sentir mais calmo, engoli em seco para molhar a garganta, depois abri a boca e soltei a melhor imitação de alce que já tinha feito. Não tive dúvidas de que era melhor que a do meu pai. Talvez melhor até que a de Hamara. Se o alce estivesse perto, com certeza seria enganado e olharia curioso em minha direção. Ele estaria lá quando eu chegasse à beira do aclive, e eu atiraria. Não poderia hesitar. Não poderia me dar ao luxo de perder mais uma chance.

Gritei outra vez e comecei a puxar a corda do arco, seguindo em direção ao terreno nivelado.

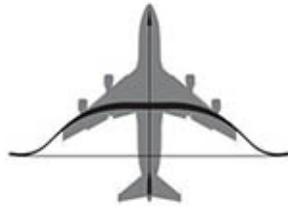
Além da serra, fiquei surpreso ao encontrar uma campina plana cercada por seixos e pinheiros que balançavam ao vento. Nunca tinha ido àquela parte do monte Akka e não esperava ver nada assim num lugar tão alto. A terra era macia e parecia haver uma boa camada de grama sob a neve. Era perfeito para os animais pastarem. Aquele era o campo de caça secreto do mapa. Olhei para a esquerda e para a direita, deixei que meus olhos desfocassem, mas senti um aperto no peito: de

novo, eu tinha perdido a chance. Não havia sinal do alce. Ele não estava lá, e suas pegadas já haviam desaparecido sob a neve.

No entanto, havia outra coisa no meio do campo, uma coisa completamente deslocada.

Estava bem ali, a céu aberto: uma grande caixa branca.

CABEÇA MORTA



DE ONDE EU OLHAVA, parecia um grande freezer horizontal, mas não podia ser. Quem deixaria um freezer no meio do nada?

Fiquei observando todo o campo por um bom tempo, examinando tudo, estava desconfiado de que aquilo fosse algum tipo de brincadeira. Talvez, os outros meninos tivessem descoberto aquele lugar e decidido pregar uma peça. Risto e Broki, provavelmente.

Eu me abaixei na neve e coloquei o arco no colo. Depois, levei as mãos em forma de concha atrás das orelhas. Não ouvi nada além do som do vento batendo nas árvores e do canto ocasional dos pássaros.

Esperei mais alguns minutos, deixando a neve se acumular sobre meus ombros; então, ergui o arco de novo e me aproximei devagar da estranha caixa branca. Não havia nenhuma pegada perto dela, só neve fresca e intocada. Durante todo esse tempo, vigiei de um lado e de outro, buscando qualquer coisa fora do comum.

Ao chegar perto da caixa, vi que era, de fato, o que eu tinha pensado desde o início: um grande freezer branco, com chanfros e arranhões. Era um modelo antigo, com um trinco no lado de fora, como o que meu pai usava em casa para guardar a carne que trazia das caçadas. Era tão grande que um adulto caberia facilmente dentro dele, e comecei a pensar que talvez algum dos meninos pudesse estar lá dentro, pronto para pular e me dar um susto.

Bom, não daria certo. Eu não ficaria assustado e era bem provável que um deles levasse uma flechada se não tomasse cuidado.

Quando estava bem ao lado do objeto, me debrucei e encostei a orelha numa das superfícies, esperando ouvir uma respiração pesada ou alguma risadinha.

Nada.

Olhei ao redor mais uma vez e puxei o trinco para cima com força. A porta destravou na mesma hora. Me preparei para alguma surpresa e abri.

Meu primeiro instinto foi dar um passo para trás, porque o cheiro forte que saiu do freezer era de sangue e morte.

— Eca!

Sem pensar, virei a cabeça e abanei as mãos em frente ao nariz para afastar aquele cheiro repugnante. Mas ele invadiu minhas narinas, meu cérebro e meus pulmões, parecendo preencher todas as partes de meu corpo. Mesmo quando o pior havia passado, tapei a boca com a mão e engoli em seco, tentando me livrar até do gosto que parecia sentir.

Fiquei parado por um momento, com o olhar fixo na mata, e respirei fundo o ar frio, tentando me livrar do odor. Quando me senti um pouco melhor, me aproximei do freezer novamente para olhar o que havia dentro dele.

Uma cabeça de cervo estava disposta sobre blocos de gelo semiderretidos e tingidos de vermelho pelo sangue. Tinha sido colocada num ângulo estranho para que a galhada coubesse, mas com certeza não pertencia a um animal grande ou nunca caberia ali dentro. Um olho estava aparente, mas era morto e inerte, quase não refletia luz. Sua boca, ligeiramente aberta, deixava à vista a língua carnuda e rosada tocando os lábios pretos. Havia uma camada de líquido grosso e sanguinolento no fundo, e flocos de neve caíam sobre ele, ficando vermelhos antes de se dissolver.

Quem quer que tivesse matado aquele animal deixou apenas a cabeça e uma parte do pescoço, de onde pendia uma flecha de madeira. Era exatamente o mesmo tipo de flecha que Hamara havia me dado, com as mesmas penas na ponta.

Tentei entender o que aquilo significava. Era a cabeça de um cervo macho, com galhada e tudo, mas eu não sabia por que estava lá. Não fazia sentido.

Dei um passo para trás e observei as árvores, depois me virei para olhar o declive que eu tinha acabado de subir.

Nada.

De volta para o freezer, examinei a cabeça morta mais uma vez e notei uma coisa presa do lado de dentro da porta.

Uma folha de papel branco, dobrada ao meio e colada com um pedaço de fita adesiva.

Meus dedos frios e duros tremiam quando peguei o papel. Tive uma intuição ruim de que aquilo explicaria o que freezer estava fazendo ali. Alguém tinha colocado aquela cabeça lá conservada no gelo por algum motivo, e eu estava começando a suspeitar que sabia quem e por quê.

Ao abrir a folha desajeitadamente, eu quase não sentia meus dedos. O mundo desapareceu ao meu redor quando reconheci a letra escrita com caneta esferográfica. Apenas três palavras, mas foram suficientes para partir meu coração.

Para Oskari. Papai.

Naquele momento, eu não sentia mais meu corpo. Estava fora dele, flutuando, como se olhasse para mim de cima. Só um garotinho que não conseguia puxar o arco tradicional. Nem meu próprio pai achava que eu conseguiria levar alguma coisa da floresta.

Aquele não era um campo de caça secreto coisa nenhuma. Era a maneira de meu pai mostrar que achava que eu não conseguiria, que só o deixaria envergonhado. Aquela cruz vermelha no mapa marcava apenas o lugar onde eu poderia trapacear.

Tudo naquele Teste tinha dado errado.

Naquele momento, perdi toda a minha força e me encostei no freezer, com lágrimas nos olhos. Meus ombros caíram e deixei a cabeça pender, envergonhado por saber que era um fracasso. Eu me sentia péssimo, muito pior do que já tinha me sentido em toda a vida. Tinha tentado me convencer de que meu pai acreditava em mim, que sabia que eu levaria alguma coisa boa da floresta. Mas agora tudo isso tinha ficado para trás. *Ninguém* acreditava em mim. Meu pai estava tão seguro para me mandar para o Teste unicamente porque tinha dado um jeito de trapacear.

— Oskari?

Limpei o rosto e olhei para o presidente. Ele estava parado na entrada do falso campo de caça, com neve voando à sua volta.

— Oskari? Você está bem?

— Vá embora, por favor. — Dei as costas para ele e vaguei na direção das árvores e rochas do outro lado do campo. Esfreguei os olhos e sentei em uma pedra fria e lisa, encarando a mata lá embaixo, odiando as lágrimas que corriam pelo meu rosto.

O presidente veio atrás, com passos barulhentos e a respiração pesada por ter subido o aclave. Ele sentou ao meu lado.

— Qual é o problema? — ele perguntou.

Sem dizer nada, passei o bilhete para ele. O presidente leu e me devolveu.

— Você viu a cabeça? — perguntei.

— Vi.

— Meu pai colocou ali. Ele matou o cervo para não ser humilhado pelo meu fracasso. — Amassei o bilhete e o joguei no meio da neve. — Nem meu pai acredita em mim. Eu não sou um caçador. Não sou nada.

— Ele devia estar tentando te ajudar.

— Ele acha que sou um fracasso.

— Tenho certeza de que não é verdade.

— É o quê, então? Por que ele faria isso?

— Porque ele te ama e quer te ajudar. Você é filho dele, Oskari.

Continuei a olhar fixo para a mata lá embaixo.

— Ele disse que eu era esperto. Era disso que ele estava falando? Ele acha que isso é ser esperto?

— Olhe aqui.

Suspirei e virei para ele, vendo-o direito pela primeira vez à luz do dia. Ele tinha um rosto gentil e havia algo em seus olhos que me deixou ainda mais triste. Eu não queria que ele sentisse pena de mim.

— Você não é um fracasso — ele disse. — Você me resgatou.

— Qualquer um poderia ter feito isso.

— Mas foi *você* quem fez. Você me encontrou e me ajudou. Me levou para longe daquelas pessoas e cobriu nossos rastros. Quem além de um caçador poderia ter feito isso? Você me protegeu.

Dei de ombros e limpei o nariz.

— Eu acredito em você — ele disse. — Tome. — Ele ergueu o braço e tirou a insígnia da lapela. Em seguida, prendeu-a na gola da minha jaqueta. — Feliz aniversário. Hoje você se torna um homem.

Olhei para a bandeira americana na insígnia e suspirei.

— Não estou me sentindo como um homem.

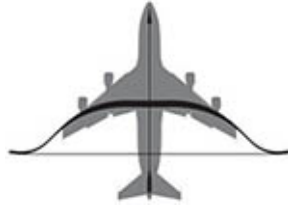
— Bom, você...

Um forte estrondo fez com que nós dois virássemos para olhar um longo risco de fumaça branca vindo de trás, não muito longe de nós. Quando chegou ao alto, explodiu como um fogo de artifício, espalhando um clarão de luz vermelha em todas as direções enquanto descia de volta à terra.

— Aquilo é o que estou pensando? — O presidente não tirava os olhos da luz.

— Sim. — Senti um frio na barriga e me arrepiei. — Eles nos encontraram.

O DESTINO SE APROXIMA



EU SABIA QUE O PERIGO ESTAVA PRÓXIMO, mas não sabia *quão* próximo. Então pulei da rocha e corri até o alto do declive, me jogando no chão de barriga para baixo. Vi os homens de Hazar perto do nosso abrigo. Alguns estavam de guarda, enquanto outros vasculhavam meus pertences.

O homem de terno que tínhamos visto na noite anterior esperava no centro do planalto e, naquele momento, conseguia ver seu rosto claramente. Ele tinha mais ou menos a idade do meu pai, mas era mais alto e tinha o cabelo cortado rente. Era forte e bem-apessoado, com costas e ombros largos. Segurava algo que parecia um celular, e olhou ao redor mais uma vez antes de digitar no aparelho.

— A fogueira ainda está quente — gritou um dos homens de Hazar. — E o equipamento deles está aqui, mas não há pegadas.

— A neve está ficando mais pesada. Estavam aqui há pouco tempo — disse o homem de terno. — A informação confere.

— Morris — disse o presidente quando se abaixou ao meu lado. — Estava no avião comigo. Foi ele quem me colocou na cápsula de escape. Ele deve ter sabotado os outros paraquedas e pulado atrás de mim.

— Seu guarda-costas? — murmurei, incrédulo.

— Um maldito *traidor* — o presidente respondeu entre os dentes. — Eu não queria acreditar...

— Mas como ele conseguiu nos encontrar? — Fiquei olhando para Morris, sem saber se eu tinha mais medo dele ou de Hazar.

— Alguém deve estar ajudando. Alguém está mandando informações naquele aparelho. É a única explicação.

— Mas como alguém saberia onde estamos? — Eu tinha feito todo o possível para cobrir nossos rastros.

— Deve haver satélites sobre a floresta, Oskari, todos apontados para mim.

— Como num video game?

— Sim, acho que sim. E quem estiver olhando o satélite pode informar para Morris o que está vendo. Que inferno. Não consigo acreditar... Aquele homem levou um tiro para me proteger.

Ao longe, o leve *tá-tá-tá-tá-tá* do helicóptero ficou mais alto e um pontinho preto surgiu no céu branco.

— Precisamos ir, Presidente. — Comecei a rastejar para trás. — Venha.

Quando não podíamos mais ser vistos, nos levantamos e corremos em direção às árvores pela neve e pelas rochas, passando pelo freezer. Ao chegar perto da floresta, porém, o presidente se deteve.

— O que está fazendo? — murmurei, com raiva. — Temos que correr!

O presidente balançou a cabeça e levou a mão ao bolso, tirando a pistola que havia pegado do terno do segurança.

— Precisamos nos separar.

— O quê?! — Peguei seu braço, tentando fazer que me seguisse. — Venha. Eles vão chegar a qualquer momento.

— Não faz diferença, você não entende? Veja as pegadas que estamos deixando; você sabe melhor do que eu como elas estão frescas. E se eu estiver certo sobre os satélites, eles vão acompanhar todos os movimentos que fizemos. Dá até para dar tchauzinho para quem estiver observando.

Olhei para o céu. Os flocos de neve caíam em meu rosto.

— Jura?

— Juro. E, se Morris está conseguindo informações sobre nossa localização, não há o que fazer. Agora que está claro, eles podem nos ver em qualquer lugar.

— Mas eles não podem ver através das árvores, certo?

— Acho que não.

— Então vamos para as árvores. Também tem menos neve lá; não vamos deixar tantos rastros. Mais para baixo não vai ter neve nenhuma. Ficamos na floresta e...

— Não. — O presidente soltou o braço. — Vá *você*, Oskari. Use todo o seu conhecimento sobre a montanha e a floresta para correr pra longe daqui o mais rápido possível.

O helicóptero se aproximava: o pontinho preto ficava cada vez maior e o som de seu motor ruidoso estava cada vez mais alto.

— Vá, Oskari, você já fez demais por mim. Não posso obrigá-lo a correr mais riscos.

— Mas e você? — Comecei a entrar em pânico. A qualquer momento, aqueles homens nos encontrariam ali parados.

— Posso cuidar de mim mesmo.

— Não, Presidente, acho que não pode. — Aflito, segurei seu braço outra vez. — Mas e se...

Ele se soltou.

— Se quem está ajudando Morris pode me ver, meu exército também pode. Eles vão estar aqui logo mais, é só uma questão de tempo. — Ele pôs a mão no meu ombro e me olhou seriamente. — Oskari, preciso que acredite em mim, assim como acredito em você.

Pensei se havia algo que eu pudesse fazer para ele mudar de ideia. A verdade era que eu gostava dele e não queria que ele se arriscasse.

Antes que dissesse alguma coisa, porém, o presidente cuspiu na mão e a estendeu para mim, dizendo:

— Obrigado por ser meu amigo, Oskari.

Considereei o gesto enquanto mil pensamentos passavam pela minha cabeça. Talvez ele estivesse certo. Talvez eu devesse me salvar e deixar que ele enfrentasse Hazar sozinho. Afinal, aquela não era a minha luta. De qualquer forma, os Seals chegariam ali a qualquer momento.

Quase sem perceber o que estava fazendo, cuspi na minha mão e apertei a dele.

— Está na hora de ir — disse o presidente.

Mesmo assim, hesitei.

— Agora, Oskari! Vá!

Seu tom de voz me assustou e olhei para ele enquanto me empurrava.

— Vá!

Então saí em disparada pelo campo de caça como se um monstro estivesse atrás de mim. Subi às pressas pelos seixos do outro lado e pulei para a floresta logo abaixo, desaparecendo entre as árvores e deixando meu novo amigo para trás.

Estava tudo tão confuso. Meus pensamentos fervilhavam. A cabeça de cervo. O bilhete. Hazar. Morris. Todas essas imagens rodopiavam na minha cabeça enquanto eu corria sem parar. Meu braço e minhas pernas se moviam automaticamente. Todo o meu corpo queimava com a adrenalina que transbordava em meu sangue, impulsionando meus músculos para que eu corresse ainda mais rápido.

Desviei de galhos e dei a volta por árvores e seixos sem saber muito bem para onde estava indo ou o que estava fazendo. Minhas botas batiam no chão da floresta como um tambor que não parava nunca.

Até que parou.

Uma imagem do presidente me veio à cabeça, como uma fotografia, bloqueando todo o resto. Foi como se eu tivesse dado de cara com um paredão de rocha.

Fiquei ali parado, arfando, com aquela imagem na cabeça.

Me lembrei do presidente, meu novo amigo, envolto num cobertor, cansado, com frio e medo, e soube que a única pessoa capaz de ajudá-lo era eu. Ele disse que havia pessoas a caminho para salvá-lo, mas elas chegariam tarde demais. O presidente precisava que eu fizesse alguma coisa por ele *imediatamente*. Ele precisava de ajuda *imediatamente*.

Toquei a insígnia na gola da jaqueta e lembrei o que meu amigo dissera: *eu acredito em você*. Bom, de que adiantava acreditar se eu estava correndo na direção oposta no momento em que ele mais precisava? Não havia outra esperança para ele: eu tinha que fazer alguma coisa. Nunca deveria tê-lo deixado para trás.

Percebendo o que estava prestes a fazer, olhei para trás, sentindo medo, ansiedade e raiva ao mesmo tempo. Eu tinha pavor daqueles homens armados, especialmente de Morris e Hazar, mas eles estavam na *minha* área e não tinham esse direito. Aquela era a *minha* floresta. A *minha* montanha. E, naquele dia, *eu* era o rei ali. Satélites, helicópteros e armas não serviriam de nada se desaparecêssemos na floresta.

— Estou a caminho — disse, começando a correr de volta. — A ajuda está a caminho, Presidente.

Tudo estava diferente agora que eu corria sem medo. Eu tinha decidido ser o caçador e não a caça, meus sentidos entenderam isso. Minha mente ficou mais calma e consciente de tudo ao redor. Ouvi cada pio de perdiz na vegetação rasteira, cada canto de pássaro. Senti a brisa em meu rosto e o chão sob meus pés.

Quando alcancei os seixos que ladeavam o campo de caça, a neve tinha parado e o céu começava a clarear. Me encostei na rocha fria e cinzenta e ouvi.

Ao longe, o som monótono do helicóptero se aproximava: *tá-tá-tá-tá-tá*.

Contornei a rocha, passando entre dois seixos lisos maiores e subindo num menor para ver sem ser visto. Minha visão do campo de caça era excelente: eu enxergava as rochas e as árvores ao redor, e o freezer no meio.

Mas não via o presidente em lugar nenhum e, por um momento aterrorizante, pensei que ele já tinha sido capturado. No entanto, enquanto eu observava a área, os homens de Hazar subiram pela beira do aclive que levava ao campo. Quatro deles moviam-se em fila pela neve, com armas automáticas apontadas para o alto. Eles se espalharam, empunhando as submetralhadoras de um lado para outro, devagar.

O presidente surgiu de trás de um seixo mais ou menos um metro à minha direita. Ele deu um passo à frente, segurando a pistola com os braços estendidos, apontada à sua frente. Os homens de Hazar viraram suas armas para ele quase imediatamente, mas o presidente não se renderia assim tão fácil.

Ele foi o primeiro a puxar o gatilho.

Não houve um barulho de tiro ou de corpos caídos. Em vez disso, ouviu-se um leve estalido seguido por um momento de silêncio.

Os homens encararam o presidente e, por uma fração de segundo, ele os encarou de volta. Em seguida, virou a pistola para si, olhando para ela como se tivesse sido traído novamente e...

Morris saiu das rochas atrás do presidente.

O guarda-costas se moveu rápido, alcançando meu amigo em meio segundo, talvez. Colocou o braço esquerdo em torno do pescoço do presidente e segurou fortemente a pistola com a outra mão para

desarmá-lo. Antes que tivesse tempo de reagir, o presidente estava sem a pistola, e Morris pressionava o cano da arma embaixo do queixo dele.

— Da próxima vez que for atirar em alguém — disse Morris —, lembre-se de destravar o fecho de segurança.

Ele tirou a arma do queixo do presidente e, com um movimento rápido, soltou o pente da arma, fazendo-a cair no chão. Em seguida, chutou a pistola para o lado e empurrou o presidente para dentro do campo de caça.

Meu amigo cambaleou para a frente, caindo de joelhos, mas não demorou para se levantar e dar meia-volta, encarando seu guarda-costas.

— Por quê? — ele perguntou. — Por que você está fazendo isso?

Morris abanou a cabeça.

— Você é burro demais pra descobrir, não é?

— Pensei que você fosse meu amigo.

— Você não tem amigos — Morris disse. — Você é o presidente dos Estados Unidos. Você *não pode* ter amigos.

— Mas você colocou sua vida em risco por mim. O que aconteceu?

— Isso. — Morris apontou para o próprio peito. — A bala que levei por sua causa. Seu legado está bem aqui, a caminho do meu coração. Eu também tenho família, lembra? Eles vão precisar de dinheiro quando eu morrer... e é só uma questão de tempo até isso acontecer.

— Você podia ter se aposentado. Você tinha essa opção. Eu...

— Dinheiro. Não estou falando de uma pensãozinha miserável, estou falando do tipo de grana que se ganha entregando um homem como você para um homem como ele. — Ele apontou para o céu. — Aquele é o seu destino se aproximando.

— Você está fazendo isso por *dinheiro*? — Sua voz denunciava a decepção por ter sido traído.

— Não é sempre assim?

O presidente balançou a cabeça.

— Pensei que fôssemos amigos.

— Pensou errado.

A cada segundo, o barulho do helicóptero ficava mais alto; estaria ali a qualquer momento. Olhei da esquerda para a direita, tentando pensar em algo, mas, com todos aqueles homens armados, eu estava de mãos

atadas. Não havia nada que pudesse fazer para ajudar. Absolutamente nada.

— Aliás — Morris disse, dando um passo em direção ao presidente —, cadê o seu ajudantezinho? Abandonou você, é?

— Não sei do que você está falando.

Morris ficou a centímetros do presidente e olhou em seus olhos.

— Sabe, sim. O menino que te soltou da cápsula de resgate. Que dirigiu aquele quadriciclo que encontramos. Que acendeu uma fogueira ontem à noite e te deu um cobertor.

— Não sei, Morris. Acho que você é burro demais para descobrir...

Morris o golpeou rápido e com força, acertando-o na altura do fígado. O presidente gritou de dor e caiu de joelhos, mas o guarda-costas não se contentou. Cerrou os punhos e começou a espancar o presidente, atingindo-o várias vezes seguidas enquanto o helicóptero finalmente pousava.

O QUE A FLORESTA QUERIA



O BARULHO DO MOTOR ERA ENSURDECEDOR quando o helicóptero finalmente chegou ao campo de caça e começou a descida para pousar na neve, criando uma tempestade. Os esquis chegaram a tocar o chão, mas subiram novamente mais ou menos um metro para o piloto ajeitar o ângulo antes de pousar. O barulho diminuiu e um cheiro de combustível se espalhou. As pás da hélice desaceleraram, rangendo um pouco ao parar por completo.

Imediatamente, ouvi um tilintar de equipamento e os passos dos soldados, que corriam até o helicóptero de cabeça baixa, embora as pás da hélice já tivessem parado de girar.

Morris ficou onde estava, puxando o presidente pela gola da camisa e deixando-o de joelhos.

— Você está prestes a conhecer quem está atrás de você, *Bill*. — Ele falou o nome do presidente com sarcasmo e desrespeito. — O nome dele é Hazar e é filho bastardo de um dos xeiques de petróleo mais ricos do Golfo. Quer saber? Tenho a impressão de que você não vai gostar muito dele.

— Ele não vai tirar nada de mim. — O presidente parecia forte, mas eu sabia que estava apenas se fazendo de durão. Na verdade, estava cansado e com medo, além de decepcionado por ter sido traído por um homem que considerava seu amigo. Imaginei que devia ser bem pior do que o que eu havia sentido ao encontrar o bilhete do meu pai.

Morris riu.

— Ah, Hazar não quer tirar nada de você. A questão aqui não é ideológica nem política. Nem mesmo religiosa, *Bill*. Ele é apenas um psicopata de primeira classe que acha que é um caçador. O que significa que você está muito encrencado. Veja só: tudo o que ele quer é te matar.

O presidente não respondeu nem fez nada. Permaneceu ajoelhado na neve com a cabeça caída e o queixo quase encostado no peito. O vapor de sua respiração o rodeava. Estava exausto e abatido; talvez soubesse que ninguém viria resgatá-lo. Tinha sido capturado e teria que enfrentar o que viesse em seguida.

Observei o campo ao redor, tentando pensar em alguma coisa, *qualquer* coisa, que eu pudesse fazer para ajudar, mas estávamos no meio do nada e tudo que eu tinha era meu arco e minha faca. Talvez se eu pensasse em alguma distração...

Quando a porta do helicóptero se abriu, vi Hazar descer. Ele pôs as mãos na lombar e se alongou, virando o pescoço de um lado para outro, como se a jornada tivesse sido desconfortável. Por pouco eu não conseguia ouvir sua jaqueta de couro justa ranger enquanto ele se mexia. Cerrando os dentes, imaginei a sensação de disparar uma flecha em seu coração. Naquele momento, eu odiava aquele homem mais que qualquer coisa. Toda a raiva que já havia sentido na montanha estava direcionada contra ele. Apenas contra ele.

Hazar olhou seus homens ao redor e assentiu com a cabeça, satisfeito. Em seguida, sem se virar para o helicóptero, ergueu a mão direita.

— Meu rifle.

Em menos de um segundo, um dos soldados trouxe a arma, colocando-a em sua mão direita. Hazar fungou, avaliou o peso da arma e atravessou o campo de caça em direção ao presidente.

Atrás dele, um de seus homens desceu do helicóptero carregando um tripé com uma grande câmera. Ele correu até o chefe, seguindo-o alguns passos atrás.

Ao passar pelo freezer onde estava a cabeça de cervo, Hazar baixou os olhos por um segundo, mas não parou. Não parou nem mesmo em frente ao presidente, mas deu a volta por trás dele e mandou Morris dar um passo para o lado.

O homem com a câmera parou a alguns metros de distância de onde o presidente estava ajoelhado e montou o tripé no chão.

— Você conhece a tradição em que o caçador posa para uma fotografia com sua presa? — perguntou Hazar.

O presidente continuou em silêncio.

— Enfim, é bom fazer as coisas da maneira antiga, não é verdade, sr. Presidente? — Hazar colocou a bota nas costas do presidente e o chutou para cima da neve. — Deite.

O presidente tentou se virar para encarar seu caçador, mas Hazar chutou-o com força mais uma vez.

— Deite — grunhiu.

Eu não suportava ver meu amigo daquele jeito, ferido e indefeso. Ele tossia e gemia, contorcendo-se de dor no chão.

Hazar colocou um pé em cima dele e ergueu o rifle com as duas mãos. Lançou os ombros para trás e estufou o peito. A câmera disparou alguns cliques e o soldado acenou para o chefe.

— Tirou uma boa? — Hazar perguntou.

— Sim, senhor.

Naquele instante, me lembrei do mural no Chalé de Caça com todas aquelas fotografias. Lembrei a do meu pai com o urso nas costas, mas, principalmente, as imagens dos outros homens com o arco na mão e o troféu a seus pés. Era isso que estava acontecendo? Uma caçada?

Foi então que entendi. Como se tivesse sido atingido por um raio que afastou as nuvens, entendi o verdadeiro motivo pelo qual o avião tinha caído no *meu* caminho e *me* derrubado do quadriciclo. O verdadeiro motivo pelo qual *eu* havia avistado a luz vermelha e *eu* havia achado a cápsula. O verdadeiro motivo pelo qual *eu* havia encontrado o presidente.

O motivo era o seguinte: a floresta queria.

Minha floresta. Meu presidente.

As palavras de Hamara ecoaram na minha cabeça. *A floresta é um juiz severo. Dá a cada um de nós o que merecemos. Precisamos saber ouvir e lutar, com unhas e dentes, pela nossa presa.*

Naquele momento eu entendia. *Eu* tinha que resgatar o presidente. *Aquele* era o meu Teste. Eu não tinha entrado na floresta para *matar*: tinha entrado para *salvar*.

Só precisava descobrir como.

TROFÉU



— CERTO, VOCÊ JÁ SE DIVERTIU BASTANTE — Morris disse. — Vamos terminar isso logo. Acabe com ele.

Hazar olhou irritado para Morris, respirou fundo e recuou alguns passos. Ergueu o rifle, apoiando-o no ombro, e apontou para a nuca do presidente.

Eu não aguentava olhar. Não queria ver meu amigo ser assassinado, mas me obriguei a não fechar os olhos nem virar o rosto porque sabia que precisava fazer alguma coisa. Era agora ou nunca. Mais alguns segundos e Hazar puxaria o gatilho, então o presidente estaria tão morto quanto Patu.

Não.

Respirei fundo, pronto para gritar a plenos pulmões.

Não.

Eu não tinha nenhum plano além de distrair aqueles homens, talvez fazer que me caçassem pela floresta. Se soubessem que havia uma testemunha, talvez não matassem o presidente. Talvez esperassem até me pegar primeiro, o que não conseguiriam. Eu seria mais rápido e inteligente que eles. Bastava gritar uma única palavra.

Não.

Quando abri a boca, porém, com o grito já na garganta, alguém falou por mim.

— Não. — Hazar abaixou o rifle e balançou a cabeça. — Assim não.

— Quê? — Morris olhou para ele, incrédulo. — Acabe logo com isso. Atire e vamos embora.

— Tenho uma ideia melhor.

— Uma ideia melhor? De que diabos você está falando?

— Não quero o presidente morto. Não ainda. Quero esse homem *fresco*.

— Fresco? — Morris estava confuso. — O que você quer dizer com isso?

Hazar pôs o rifle sobre os ombros e tirou o celular do bolso.

— Graças a Deus existem telefones por satélite. — Ele digitou uma mensagem enquanto falava. — Este funciona em qualquer lugar da Terra, assim como o seu. Entrei em contato com meu taxidermista para saber como proceder com um cadáver humano.

— Como assim? — Morris parecia não acreditar no que ouvia.

— Bom, parece que, para empalhar um homem e montá-lo, o melhor é que o corpo esteja o mais fresco possível. — Hazar continuou digitando, com os olhos fixos na pequena tela.

— Meu Deus, você vai *empalhar* o presidente?

— O que mais eu faria com um troféu de caça?

— Você é maluco.

— E você, meu amigo, é um homem muito rico. — Hazar guardou o celular e olhou para Morris. — Acabei de transferir dez milhões de dólares para a conta bancária combinada. Foi uma boa caçada, obrigado. — Ele virou para o homem com a câmera. — Aquele freezer é um presente que não posso ignorar. Vamos colocar o presidente dentro dele e seguir caminho.

O câmera assentiu, dobrou o tripé e correu de volta para o helicóptero. Guardou o equipamento e voltou com dois outros homens, caminhando em direção ao presidente. Eles o levantaram e o arrastaram até o freezer do meu pai.

— O quê? Não! — O presidente se debateu para se soltar.

— Que inferno. — A raiva de Morris crescia a cada minuto. — Por que você não leva o presidente no helicóptero?

— Não tem espaço — Hazar disse. — Vai ter que ser assim.

— Já atirei num de seus homens. Tem espaço sim.

— Espaço que você vai ocupar agora. — Hazar apontou a arma para Morris. — A menos que você queira ceder lugar para o presidente.

Morris cerrou os dentes e encarou Hazar.

— Então ande logo. Daqui a pouco, este lugar vai estar cheio de Seals.
— Ele pegou o celular do bolso e mostrou a tela reluzente para Hazar.
— Tudo o que podemos ver, eles também podem. Veja!

— Não ligo muito pra isso — Hazar disse, olhando de lado para seus homens. Eles retiraram a cabeça de cervo do freezer e tentavam colocar o presidente no lugar.

— Bom, devia ligar. Quanto mais tempo ficarmos aqui, menor é a chance de fugir.

— Por favor! — o presidente conseguiu gritar. Ele olhou para Hazar.
— Por favor, não...

— Ah, sinto muito, sr. Presidente — Hazar respondeu. — A primeira classe está cheia. — Ele riu da própria piada enquanto seus homens obrigavam o presidente a entrar.

Fiquei olhando, incrédulo, enquanto meu amigo desaparecia dentro daquela caixa branca. Antes disso, porém, ele olhou para o outro lado do campo, procurando Hazar e Morris, e tive certeza de que me viu. Não entendi como, porque eu estava muito bem escondido, mas nossos olhares se cruzaram por alguns segundos. Ficamos parados, ligados um ao outro porque era isso que a floresta queria. Naquele momento, entendi que nossas vidas estavam atadas como as fibras de uma corda, e eu não o perderia. A floresta o havia designado para o meu Teste; eu só precisava lutar por ele.

Então o presidente foi empurrado para dentro do freezer, e os homens bateram a porta sobre ele. Fecharam o trinco e amarraram fitas verdes de carga em torno da caixa branca para que a porta continuasse fechada.

Hazar observou enquanto seus homens desenrolavam um cabo grosso da parte de baixo do helicóptero e o levavam até o freezer. Então, abriu um sorriso para Morris e disse:

— Viu? Não demorou muito.

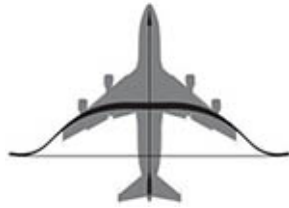
— Com essa carga embaixo, vamos perder velocidade — Morris respondeu.

— Relaxe. Acabamos de empacotar o maior prêmio do planeta. Tente ficar feliz. — Hazar ergueu uma mão e fez um movimento circular antes de voltar para o helicóptero.

— Eu estaria mais feliz se você o tivesse matado de uma vez — Morris resmungou.

Enquanto os homens subiam, o motor voltou a fazer barulho e a hélice começou a girar.

UNHAS E DENTES



A FLORESTA É UM JUIZ SEVERO.

As palavras de Hamara ecoaram em minha cabeça enquanto eu pulava do seixo para a neve e segurava o arco nas costas. A aljava estava presa bem firme e as flechas permaneciam no lugar graças ao musgo.

Dá a cada um de nós o que merecemos.

Nem era preciso me mover em silêncio. Com a hélice do helicóptero girando violentamente no ar e a neve se revirando com o vento, ninguém me ouviria. Então corri até a beira do campo de caça e me mantive fora de vista. Desviando de bétulas e saltando sobre as rochas, margeei a floresta até chegar atrás do helicóptero.

Precisamos saber ouvir...

Parei atrás de dois pinheiros finos idênticos que tinham crescido juntos e me pressionei contra eles. Tirando a faca do bolso, observei o último homem embarcar.

... e lutar, com unhas e dentes, pela nossa presa.

Assim que ele entrou, comecei a correr. Minhas botas não pesavam tanto mesmo no vendaval. Neve, terra e galhos de pinheiro giravam no ar, mas ignorei as nuvens de pedrinhas que acertavam meu rosto. Segurei a faca com força no punho e continuei a correr sem parar.

Meus olhos estavam fixos no freezer. Ele era meu alvo. Eu precisava alcançá-lo antes que o helicóptero decolasse.

A floresta é um juiz severo.

Meus braços eram como pistões; minhas pernas, como cordas de aço.

Dá a cada um de nós o que merecemos.

Rangi os dentes e juntei todas as minhas forças enquanto a porta do helicóptero se fechava.

Precisamos saber ouvir...

O freezer estava a poucos metros. Eu estava quase lá. Não faltava muito.

... e lutar, com unhas e dentes, pela nossa presa.

A alguns passos do alvo, me joguei sobre ele com os braços estendidos.

Alcancei-o com um baque surdo e me arrastei para cima do freezer. Minha rede de camuflagem balançava, e o vento arrancou meu gorro enquanto eu passava a lâmina da faca sob a primeira fita de nylon que segurava a carga. Eu nunca conseguiria cortar o cabo de metal que prendia a caixa à parte inferior do helicóptero, mas talvez as fitas fossem mais fáceis. A faca estava afiada, mas o nylon era forte e precisei deslizar a lâmina de um lado para outro, cortando o material aos poucos.

Os esquis do helicóptero saíram do chão e começaram a subir cada vez mais, estendendo o cabo de aço no ar. Quando o cordão de metal estava quase todo esticado, percebi que não tinha muito tempo. Havia quatro fitas para cortar e só mais alguns segundos para isso. Minha cabeça zunia de medo e ansiedade, e uma dúvida começou a me preocupar. Enquanto corria em direção à caixa branca, não pensei por um segundo sequer que talvez não conseguisse, mas, naquele momento, tive *certeza* de que não conseguiria.

A primeira fita cedeu à faca, estourando bem no meio e voando com o vento soprado pelas hélices. Imediatamente, comecei a cortar a próxima faixa e...

O cordão de aço acima do freezer se esticou mais, balançando a caixa que, numa fração de segundo não estava mais no chão, estava subindo pelo ar. E eu estava bem em cima dela.

Segurei a fita de carga com tanta força que meus dedos ficaram brancos. Olhei a fita e tentei abrir os dedos. Queria soltar para cair na terra em segurança, mas não conseguia. Medo e determinação me mantinham firme lá em cima, e não soltaria a fita por nada. Estava

decidido a ficar com o presidente — a lutar, com unhas e dentes, pela minha presa.

Em questão de segundos já era tarde demais de qualquer maneira. O helicóptero subia cada vez mais rápido.

Sem perceber, levei a outra mão, que ainda segurava a faca, sob a fita de carga até passar o cotovelo. Enganchei todo o braço sob o nylon resistente e segurei pela minha vida enquanto subíamos cada vez mais alto sobre a floresta.

No dia em que meu pai me fez saltar do alto da cachoeira para o lago Tuonela, pensei que fosse me afogar. Pensei que um *näkki* me puxaria para o fundo para me matar. Estava apavorado. Mas o medo que tinha sentido naquele dia não era nada comparado ao que estava sentindo pendurado naquele freezer, que balançava ao vento abaixo do helicóptero. Estava paralisado de medo, como um coelho fica paralisado de medo à noite se você aponta uma luz forte para ele.

Não conseguia mexer um músculo sequer, todos estavam rígidos e tensionados. Meus braços pareciam engessados, segurando-se nas fitas, e minhas pernas eram como um alicate, prendendo o freezer como se pudessem esmagá-lo. Meus olhos estavam cerrados com tanta força que chegava a doer.

O vento batia sem parar, soprando sob minha jaqueta, agitando minha camuflagem, esmurrando o freezer sem parar. Tudo parecia vibrar e uivar, e eu não conseguia ouvir nada exceto a fúria barulhenta daquele vento na minha cabeça.

Continuei desse jeito, balançando violentamente debaixo do helicóptero, com os olhos fechados e nada na cabeça além de medo. Mas esse tipo de pânico não dura para sempre e, por fim, começou a abrandar. Ainda estava assustado, mas não tanto. Ficar com medo não salvaria minha vida nem a do presidente e, quando finalmente voltei a pensar com clareza, abri os olhos.

Na mesma hora, lágrimas correram por minhas bochechas por causa do vento, como na hora em que dirigi o quadriciclo em alta velocidade

pela floresta. Pisquei para clarear minha visão turva, respirei fundo o ar frio e fresco e me obriguei a olhar em volta.

A visão da mata lá embaixo era impressionante. Maravilhosa. Assustadora.

Era a coisa mais incrível que eu já tinha visto. A copa de cada árvore ficava para trás rapidamente enquanto descíamos os declives do monte Akka em direção à floresta, uma infinidade de tons de verde. Não havia neve ali, apenas um tênue nevoeiro que se mantinha perto do chão entre as árvores, como se um imenso fantasma tivesse brotado da terra escura e se espalhado pela floresta. Sem conseguir tirar os olhos da mata, observei as montanhas distantes irrompendo da floresta e abrindo caminho até o céu. Vi nuvens tingidas de laranja pelo sol e córregos que cintilavam como rios de diamantes em meio às montanhas.

Quando ergui os olhos, porém, Morris estava debruçado na janela lateral do helicóptero, olhando diretamente para mim.

A velocidade em que estávamos viajando e o movimento do freezer deixavam seu rosto obscuro e monstruoso. Eu não conseguia distinguir muito bem seus traços, mas ele estava furioso. Seus olhos arregalados pareciam buracos negros, e sua boca estava tensa enquanto apontava uma submetralhadora para mim, pronto para atirar.

Com um estrondo rápido, a arma recuou no seu ombro, fazendo-o tremer. O som do vento e do helicóptero abafou os disparos, tornando-os nada mais que leves estalos, e o balanço do freezer atrapalhou sua mira, mandando as balas para longe. Ele tentou se ajeitar, movendo a arma junto com o freezer, pronto para atirar outra vez, mas vi duas mãos de luvas o segurarem.

Tinha que ser Hazar. Eu teria reconhecido aquelas luvas de couro em qualquer lugar.

Morris se virou para a direita, gritando alguma coisa para Hazar, e tentou se soltar. Houve uma rápida briga até a arma escapar da mão de Morris e cair pela janela, sendo tragada pela névoa que pairava na mata lá embaixo.

Morris fez uma careta para mim e desapareceu dentro do helicóptero, dando lugar a Hazar, que olhou para baixo com um largo sorriso,

apontou para mim e em seguida para a floresta. Ele moveu as mãos como se estivesse me dando tchau e sumiu.

Logo em seguida, o helicóptero se inclinou para a direita e mudou de direção. O freezer balançou na direção oposta, movendo-se num arco. Me segurei com o máximo de força possível quando a aeronave se virou uma segunda vez, jogando a caixa para o outro lado. O cabo de aço que segurava o freezer afrouxou por uma fração de segundo; depois, com um estalo, se estendeu novamente, e quase fui jogado para baixo. Meu braço esquerdo escapou das fitas e escorreguei para o lado, soltando as pernas da caixa branca. Lançado para o outro lado, escorreguei para a lateral do freezer novamente e fiquei pendurado por um braço só. A faca, que eu ainda segurava firme, fez um corte ardido em minha bochecha, mas pouco profundo.

Estavam tentando me derrubar. Eles queriam me matar.

Tomei um forte impulso, lançando-me para cima, e consegui agarrar as fitas com a mão esquerda outra vez. Com grande esforço, me mantive em cima do freezer, mas logo em seguida o helicóptero mudou de rumo mais uma vez, mergulhando em direção à floresta. Nessa tentativa, balancei para o lado de novo e, embora estivesse mais preparado e conseguisse me manter no lugar, sabia que era só uma questão de tempo até cair.

Quando o helicóptero se estabilizou, Hazar estava debruçado sobre a porta, olhando para mim. Ele não sorriu dessa vez, mas fez uma careta e desapareceu de novo. O helicóptero se inclinou novamente, chacoalhando o freezer.

Novamente meu rosto ficou perto da faca, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Não podia soltar as fitas nem a faca. Era uma das minhas posses mais valiosas e também o único meio de soltar o freezer do helicóptero — algo que parecia possível de novo já que estávamos descendo.

As copas das árvores se aproximavam, e eu sabia que aquela seria minha maior chance. Não podia ver o chão por causa da névoa, mas tinha certeza de que, se cortasse as fitas naquele momento, a queda não seria tão grande. Poderia salvar minha vida e a do presidente.

Meus músculos estavam doloridos e minhas mãos ardiam, mas apertei as coxas em torno do freezer e preendi o braço esquerdo, usando

o direito para passar a faca sob uma das três fitas restantes. Puxei a faca para cima com o máximo de pressão possível e comecei a serrar o nylon.

O freezer acertou uma copa de árvore com um baque terrível. Bateu com força, começou a girar, e vi tudo rodar. Meu estômago se revirou, o enjoo e a tontura só pioravam, mas sacudi a cabeça e voltei a cortar a faixa, me segurando firme com o braço esquerdo.

No entanto, o helicóptero voou ainda mais baixo, jogando-me em meio às árvores, onde a névoa girava em redemoinhos por causa das hélices. Galhos arranhavam o freezer, dobrando-se e quebrando. O barulho era inacreditável, como se eu estivesse no centro de um furacão, mas continuei a tarefa. Não havia nada a fazer. Não havia *mais nada* a fazer. Hazar estava determinado a se livrar de mim, mas eu não abandonaria meu amigo, não quando estava tão perto de conseguir.

Entre a névoa e os galhos das árvores, avistei um local mais ou menos perto que seria perfeito para soltar o freezer. O terreno era elevado, não havia árvores e o chão era lamacento. Se as fitas se soltassem quando estivéssemos passando lá em cima, a queda não seria tão grande. Apenas alguns metros. Se tivéssemos sorte, não haveria pedras e o pouso seria suave.

A fita de nylon finalmente cedeu e não perdi tempo para começar a cortar a próxima.

Não faltava muito.

Enfiei a lâmina da faca abaixo dela e comecei a cortar. Os galhos arranhavam minha pele. Meus olhos estavam úmidos, minhas mãos e meu rosto sangravam, mas era como se eu tivesse sido possuído por um demônio. Não estava mais assustado; estava furioso.

— Eu não vou morrer! — gritei a plenos pulmões. — Eu não vou morrer! Eu não vou...

O freezer bateu contra um tronco grosso de árvore, fazendo um barulho terrível, e minhas pernas se soltaram. Fui jogado para a frente, girando. Fiquei encostado no tronco por uma fração de segundo antes de o helicóptero lançar o freezer para a frente, fazendo-o rodopiar entre as árvores. Meu braço esquerdo ficou preso sob a fita de carga e meu ombro parecia ter sido deslocado, mas eu ainda estava firme. No entanto, meu corpo girou para o lado e, quando me virei e ergui o braço

para me lançar sobre a caixa novamente, a faca escapou da minha mão. Escorregou sobre a porta, girou como um pião, deslizou para o lado e caiu.

Consegui me arrastar pelo freezer de barriga para baixo e percebi que toda esperança estava perdida. Sem minha faca, nunca conseguiria libertar o presidente. Como lutaria com unhas e dentes se não tinha minha arma mais importante? Tudo que eu podia fazer era esperar até que passássemos sobre a elevação no terreno e me jogar para tentar me salvar.

— Desculpe, presidente — eu disse, encostando a bochecha ensanguentada no topo do freezer. — Preciso ir.

Olhei para o helicóptero uma última vez. Hazar me encarava com um sorriso medonho no rosto. Ele acenou novamente, mas alguma coisa chamou minha atenção: um reflexo rápido de luz. Minha faca. Bem ali, encaixada na lateral do freezer, presa sob a última fita.

Ainda era possível!

Estávamos quase acima do terreno enlameado, mas ainda dava tempo.

Eu me puxei para a frente e estendi a mão para a lateral, tocando o cabo da faca com a ponta dos dedos.

Só mais um pouquinho.

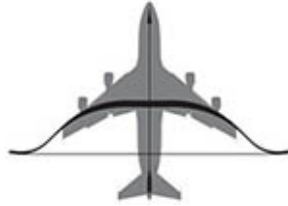
Estendendo o braço o máximo possível, envolvi os dedos ao redor do cabo e virei a faca para que a lâmina ficasse contra o nylon. Pressionei com força e puxei na minha direção, sentindo-a furar a ponta da faixa. Na mesma hora, forcei a faca para baixo de novo e as fibras se soltaram à medida que o aço afiado cortava uma tira do nylon.

O freezer bateu em outra árvore, girando para a esquerda e balançando para trás. Bateu também em galhos menores, mas segurei firme com o braço esquerdo e virei a faca para que sua ponta ficasse encaixada contra a fita de plástico duro da caixa. Ignorei o enjoo e os arranhões, puxei a lâmina para cima uma última vez.

Senti um alívio. Ficamos suspensos no ar por uma fração de segundo.

E então despencamos em meio à neblina.

O QUE MERECEMOS



A QUEDA FOI TÃO RÁPIDA E SÚBITA Que senti como se parte do meu corpo tivesse ficado em algum lugar lá em cima. Uma vertigem arrasadora tomou conta de mim e nem pensei no que aconteceria quando chegássemos ao chão. Tudo em que conseguia pensar era que tinha conseguido. Tinha vencido. O freezer havia se soltado e o presidente estava livre de Hazar e Morris.

Nossa queda foi como o pouso de um avião, para baixo e para a frente ao mesmo tempo, levados pela inércia do movimento do helicóptero que nos arrastava. No entanto, não estávamos a caminho de uma pista de pouso, mas de uma escarpa cheia de lama entre as árvores. E o freezer não tinha sido feito para voar, tampouco para pousar.

Eu estava todo esticado em cima dele enquanto caíamos entre as árvores, mas a caixa era muito mais pesada que eu e não tinha como me segurar. Por causa do peso, ela também parecia mais rápida que eu, e nos separamos numa área onde as árvores ficavam bem perto umas das outras e a floresta era um denso emaranhado. O freezer atropelou galhos que estavam pelo caminho, atrapalhando sua queda e fazendo-o rodopiar. Caí logo atrás, colidindo com um galho de árvore que acertou meu peito como um bastão de beisebol, ferindo minhas costelas e me deixando sem ar. Parei subitamente e, no instante seguinte, caí como uma pedra entre os ramos menores. Não dava para me segurar em nada durante a queda: meu rosto e minhas mãos ardiam por causa dos arranhões e cortes que se espalhavam pela minha pele.

Atingi o chão com um estalo dolorido e escorreguei de barriga para baixo enquanto o freezer desaparecia de vista, enroscando-se, rodopiando e tombando por entre as árvores.

O helicóptero passou acima de nós com seu ritmo ruidoso e surdo, desaparecendo ao longe até não ser mais que um leve rumor e sumir por completo. A floresta estava em silêncio, exceto pela chuva de ramos de pinheiro acima de mim e pelo som da minha respiração. Havia uma ferida feia na minha bochecha, minhas costelas estavam machucadas, minha pele estava toda cortada e arranhada e meus músculos doíam muito, mas eu havia sobrevivido.

Eu me sentei e olhei ao redor, pasmo.

— Caramba. Estou vivo.

O que tornava tudo aquilo ainda mais inacreditável era que meu punho direito ainda estava cerrado em volta do cabo da faca, e o arco e as flechas permaneciam firmes nas minhas costas.

Meus braços e pernas doeram quando tentei me levantar, e meu rosto ardia por causa do corte. O sangue corria por minha bochecha e meu pescoço, e meu corpo todo estava fustigado pela dor, mas me forcei a ficar em pé e tirei o arco das costas.

— Ainda está inteiro — murmurei enquanto dava uma olhada nele. — É um milagre. — Ergui os olhos, sem ver nada além da neblina, e gritei para a floresta: — Obrigado.

O fato de que o arco e as flechas estavam seguros e eu tinha conseguido resgatar o freezer só podia significar uma coisa: eu estava certo sobre o presidente ser meu troféu. Alguma coisa na floresta estava me protegendo, me ajudando a levar aquela oferta.

Porém, eu não tinha muito tempo. Não demoraria muito para que Hazar percebesse que o presidente havia desaparecido, e o helicóptero voltaria a qualquer momento. Eu precisava encontrá-lo antes deles.

Com as pernas enrijecidas, cambaleei em direção à encosta enlameada que eu tinha avistado lá de cima. A névoa fantasmagórica pairava por entre as árvores, como se eu estivesse em um mundo alienígena. Mas eu sabia para onde ir e sabia que estava perto. Abri caminho pela floresta, lutando para ficar em pé enquanto afastava os galhos espalhados e atravessava densas samambaias, até sair do meio das árvores.

Foi um alívio estar numa área sem árvores e galhos me arranhando e ver a encosta enlameada logo à minha frente, uma longa mancha escura que se estendia da esquerda para a direita, coberta de névoa. Inclinando-se do outro lado, a encosta subia seis ou sete metros, dando a impressão de terminar em um abismo do outro lado. Não dava para saber o que havia para lá do topo. Podia ser tanto uma colina suave como um despenhadeiro.

— Presidente? — chamei enquanto pisava o barro. — Presidente? Nada.

— Presidente?

Ao longe, ouvi o som do helicóptero. Hazar estava voltando.

— Presidente! — gritei enquanto meu desespero crescia. A neblina podia nos ocultar, mas, se descessem bastante, as hélices giratórias dissipariam a névoa e estaríamos à vista. E os satélites do presidente? Funcionavam através da neblina?

— Presidente? — Eu precisava encontrá-lo antes que eles voltassem.

Escorregando, esqueci minhas dores e machucados e cambaleei pelo barro, olhando de um lado para outro em busca da caixa branca.

— Presidente?

Então avistei um longo trecho plano em que a lama escura parecia ter sido empurrada. O freezer devia ter caído ali e subido a leve inclinação no sentido do topo. Corri naquela direção sem perder tempo, movendo-me o mais rápido que conseguia, seguindo a trilha aplainada pelo freezer. O chão mole e úmido era escorregadio e segurava meus pés. Então me curvei, colocando as mãos nos joelhos para obrigar minhas pernas a se moverem com mais força. Quase não havia atrito no terreno, e minha bota pesava com a lama grossa, dificultando qualquer movimento, mas continuei me esforçando e subindo devagar.

Ao chegar perto do topo, comecei a ouvir outro som, que competia com o barulho do helicóptero se aproximando. Em algum lugar ali perto, havia uma queda d'água.

Claro! O rio.

Devíamos estar perto do lago Tuonela. Enquanto estava preso ao helicóptero não pude vê-lo porque as árvores o ocultavam, mas fazia sentido que estivesse por ali e aquele era o barulho do rio que o

alimentava. Ele corria rápido e desaguava no lago como uma tempestade branca e espumosa de toneladas e toneladas d'água.

Parei.

Se o freezer tivesse caído pela beira da encosta, poderia ter deslizado até a outra margem do rio. Poderia ter tombado na correnteza e sido levado em direção à catarata. O presidente não teria como sobreviver àquilo. Teria se afogado com certeza.

— Presidente!

Com um novo rompante de energia, tentei me mover com mais força, lutando para subir até o topo do aclave. Chegando lá, observei o rio estrondoso logo abaixo. Ele corria sob a neblina, margeado por lama, rochas e troncos deteriorados, sem parar para nada ou ninguém.

E lá, de ponta-cabeça à beira do rio, a poucos passos da água, estava o grande freezer branco.

— Presidente!

Comecei a correr, mas, sem firmeza nos pés, escorreguei e caí de barriga para baixo. Continuei a descer a ladeira daquele jeito mesmo, como num tobogã. A lama grossa e grudenta se acumulava em meus ombros e meu rosto. Quando parei, minha boca estava cheia de barro, e minhas roupas e botas, enlameadas. O peso da lama dificultou quando fui me levantar, mas fiz força, limpando o rosto e cuspiendo a terra enquanto andava cambaleante até a caixa do presidente.

De cabeça para baixo, o freezer ainda estava coberto de terra e manchas de sangue. Os cantos tinham sido esmagados, e as laterais, amassadas e arranhadas pela queda. Imaginei como ele devia ter se sentido lá dentro, batendo de um lado para outro, sem saber o que estava acontecendo. Devia estar aterrorizado. Mas, ao me aproximar e ver o tamanho do estrago, me questionei se ele havia sobrevivido àquele tormento.

— Por favor, não esteja morto — murmurei. — Por favor, não esteja morto.

Ainda mais perto, o barulho do rio tomou conta do ambiente, misturando-se ao som das hélices do helicóptero que se aproximava.

— Por favor, não esteja morto.

Quando cheguei ao freezer, coloquei as duas mãos na lateral, enfiei os pés na lama e empurrei com toda a força possível para virá-lo. No

começo nem se moveu, mas, com um balancinho e um pouco mais de força, consegui virá-lo, primeiro de lado, depois para cima.

Destranquei a velha trava e abri a porta.

O presidente estava encolhido no gelo e na água ensanguentada no fundo do freezer, como um animal morto. Estava exausto e machucado, com o nariz sangrando.

— Presidente? — murmurei. — Por favor, não esteja morto.

Ele abriu os olhos.

— Oskari? — Coberto de lama daquele jeito, eu devia estar parecendo uma criatura da floresta. — É você? O que aconteceu?

— Presidente! — Eu mal conseguia conter minha euforia. — Você está vivo! — Eu queria pular de um lado para outro, mas não tinha tempo para isso. — Venha, rápido, vou tirá-lo daí.

— Não sei se consigo me mexer — ele murmurou.

— Claro que consegue. Eu te ajudo. Rápido, antes que eles voltem.

Estendi os braços dentro do freezer e peguei suas mãos, ajudando-o a se sentar.

— Parecia que eu estava numa máquina de lavar, não num freezer.

— Quebrou alguma coisa?

Ele abanou a cabeça.

— Acho que não.

— Eu descobri — disse, sem conseguir conter o entusiasmo. Precisava contar o que tinha entendido, por que nosso encontro era tão importante. — Eu descobri.

— O quê? Do que você está... — Ele colocou as mãos no rosto e gemeu. — Meu Deus. Está tudo doendo.

— Eu sei por que te encontrei. Entendi quando estava lá em cima. — Apontei para o céu, com a adrenalina dos últimos minutos correndo pelo meu corpo, aumentando minha euforia. — A floresta dá a cada um de nós o que merecemos. São essas as palavras. E ela me deu alguma coisa *sim*. Uma coisa grande.

O presidente me olhou como se nada daquilo fizesse sentido.

— Você.

— Como assim?

— Você. O presidente dos Estados Unidos. Foi isso que a floresta me deu. *Você*.

— O quê? Não...

— Sim. E eu ouvi as árvores, e lutei com unhas e dentes, e agora vou levá-lo para meu pai e toda a aldeia verem.

O presidente suspirou e se encostou de volta no freezer.

— Por que todo mundo está me caçando?

Olhei para ele por um segundo e estendi a mão novamente para puxá-lo.

— Não, presidente, levante. Precisamos ir. Eles vão voltar. — Apontei para o céu, e o barulho do helicóptero era abafado pela correnteza do rio. — Hazar e Morris estão voltando.

— Para ser franco, não acho que posso continuar mais com isso, Oskari. Estou acabado.

— Não. Precisamos continuar. Eu preciso salvar você. Ninguém vai nos ajudar. Em vez de parecer fortes, precisamos *ser* fortes.

O presidente se sentou e levou as mãos ao rosto. Ele esfregou a pele com força e olhou para mim em seguida.

— Oskari, você é mais homem do que qualquer outro que já conheci.

CACHOEIRA



— VAMOS VOLTAR PARA AS ÁRVORES — o presidente disse, enquanto eu o ajudava a sair do freezer. — Eles não vão conseguir nos encontrar lá, certo? Você pode usar suas habilidades e...

— É muito longe. — Olhei para floresta atrás de nós, do outro lado da grande encosta enlameada, e lembrei como os homens tinham descido do helicóptero em cordas. Se nos vissem correndo na lama, desceriam para nos deter facilmente antes de chegarmos às árvores. Atirariam em mim e levariam o presidente.

— É a nossa única chance — o presidente disse, começando a caminhar naquela direção. — Venha.

— Não. — Eu o detive. — Me ajude aqui. — Segurei seu paletó e o puxei, incitando-o a me ajudar a empurrar o freezer na direção do rio. A espuma borbulhava nas margens, borrifando água fria na nossa cara.

Ele resistiu, observando as árvores atrás de nós e tentando ver o helicóptero que retornava através da névoa.

— Eles estão muito perto — gritei. — Nunca vamos conseguir chegar lá antes que nos vejam.

Sempre o helicóptero. Sempre voltando atrás de nós, como um pesadelo que não acabava nunca.

— Mas...

— Você disse que acreditava em mim! Eu lutei por você com unhas e dentes como devia. Como Hamara disse. Você precisa me ajudar agora. Você é meu amigo e eu sei o que fazer. Te trouxe até aqui, não trouxe?

Ele olhou para mim com uma careta cheia de dúvida e dor. Olhou novamente para o céu ao reconhecer o som monótono do helicóptero, que aumentava cada vez mais.

— Certo — ele disse. — Estou nas suas mãos.

— Então me ajude a empurrar isso para a água. — Encostei o ombro no freezer e enfiei o pé na lama.

— Meu Deus! Você quer usar isso como barco?

— Não! — exclamei. — Nunca sobreviveríamos à cachoeira nisso. Tenho uma ideia melhor.

— Cachoeira?

— Só me ajude a colocar isso no rio — gritei. — Vai ser mais difícil de nos encontrar.

Então o presidente pareceu entender o que eu queria fazer. Se deixássemos o freezer na terra, Hazar e Morris poderiam avistá-lo em meio à lama escura facilmente. Se o jogássemos no rio, ele desapareceria para sempre.

Bastaram alguns empurrões para deixá-lo bem próximo da margem, na beirinha da torrente espumosa. Assim que a água tocou o freezer, este se inclinou e foi puxado pela corrente. A caixa balançou e girou, correndo pela água branca do rio até desaparecer.

— E agora? — perguntou o presidente. — Nos enterramos na lama? Pulamos no rio?

— Quase isso — disse. — Venha comigo. Eu tenho um plano.

Nós dois estávamos mal, cheios de dores e machucados, mas nos apoiamos um no outro enquanto cambaleávamos pela margem do rio, seguindo a direção da corrente. Acima de nós, o helicóptero circulava, voando de um lado para outro à nossa procura.

— Demos sorte com a neblina — o presidente comentou.

— Foi a floresta que mandou — eu disse quando chegamos a um trecho da margem com menos lama. Havia uma graminha esparsa por ali e grandes rochas que direcionavam a água para a cachoeira.

— Você acha mesmo?

— Claro. — Eu tinha que gritar para ser ouvido sobre o barulho do rio, que estava cada vez mais alto. O som do helicóptero que nos buscava estava abafado, mas o presidente não pareceu notar, tão perdido que estava em seus pensamentos.

— Bom, é a única coisa que está nos protegendo agora, mas... — Ele balançou a cabeça e parou.

— Mas o quê, Presidente? — Incitei-o a continuar andando.

— Nada.

— Fale — gritei.

— Eles têm acesso a imagens de satélite. Vi no celular do Morris quando estávamos na montanha. Estava bem na tela, uma imagem aérea com a localização dele, de mim e do helicóptero. Se eles têm isso, também devem ter acesso a imagens térmicas. O que significa...

— Significa que conseguem ver o calor do nosso corpo, certo? Vi isso num video game.

— Claro que viu. Bom, significa que a neblina não vai nos ajudar e... Ah, meu Deus. — O presidente parou. — *Esse é o seu plano?*

Logo à frente, a margem do rio desaparecia. Era como se tivéssemos chegado ao fim do mundo e não houvesse mais nada adiante. Nenhum lugar para ir. Porém, estreitando os olhos para enxergar através da névoa, dava para distinguir aos poucos a superfície do lago Tuonela, uns trinta ou quarenta metros abaixo de nós.

— Vamos pular — gritei.

— De jeito nenhum! — O presidente ficou tenso e começou a dar meia-volta. — De jeito nenhum!

— É tranquilo. — Eu o segurei e fiz com que viesse comigo até a beirada para olhar para baixo. No entanto, não havia muito que ver, pois a água jorrava do rio, caindo em cascata sobre as rochas pretas e desaparecendo na camada de névoa que rodopiava lá embaixo.

— Não podemos pular, Oskari. Vamos morrer.

— Não, não vamos — eu disse. — Prometo.

Puxei seu paletó e o guiei ao longo da beira do despenhadeiro, mandando-o tomar cuidado para não escorregar nas rochas. Continuamos em frente, afastando-nos da queda principal até chegar a uma orla rochosa que se projetava sobre o lago, à esquerda do lugar onde o leito do rio caía sobre a superfície lá embaixo.

— É seguro pular daqui — falei para ele. — Tire o paletó.

— De jeito nenhum. — O presidente abanou a cabeça e deu um passo vacilante para trás. — Prefiro arriscar minha sorte com eles lá atrás.

— Eles vão matar você. — O barulho da cachoeira era como um trovão, quase não dava para ouvir minha voz.

— *Isso é que vai me matar. Se eles* quisessem me matar, já teriam matado. Prefiro arriscar minha sorte.

— Eles vão *me* matar — gritei. Enquanto falávamos, tirei o arco e a aljava das costas e desamarrei minha rede de camuflagem, colocando-a no chão. Tirei a jaqueta e peguei o kit de fogo do bolso, jogando-o para o lado.

— Eles não querem você — ele disse. — Sou eu que eles querem. Se me pegarem, vão esquecer você.

— Eles não vão te pegar — gritei para ele, enquanto guardava o kit de fogo no bolso da blusa. — Eles NÃO VÃO Te pegar! — Abaixei e tirei a faca do bolso. Cortei tiras da rede de camuflagem que serviriam como cordões. — Tire o paletó.

— Essa não é uma boa ideia, Oskari — o presidente gritou na minha orelha.

— Confie em mim. Pulei pela primeira vez dessa cachoeira quando tinha cinco anos. — Amarrei um dos cordões em torno da cintura dele com um nó apertado.

— Como assim? — Ele parecia estupefato.

— Eu pulei com meu pai. Depois fiz isso várias vezes. — Amarrei outro cordão em torno da minha cintura. — Agora tire o paletó.

— Várias vezes?

— Bom... duas. Mas sei que é seguro. Já vi muita gente pular. *Todo mundo* pula quando faz cinco anos.

— Vocês são malucos?!

— Não! Eu te falei: precisamos ser fortes.

— Bom, isso é verdade.

Peguei um terceiro cordão e o amarrei no que estava na cintura do presidente, passando-o embaixo do cinto para ficar mais seguro.

— Quando meu pai e eu pulamos — expliquei —, nos prendemos com uma corda para não nos separar. — Prendi a outra ponta do terceiro cordão com um nó firme na faixa da minha cintura. — Se não tirar o paletó, vai ficar mais difícil para você.

O presidente engoliu em seco e olhou fixo para mim.

— Bom, se você conseguiu com cinco anos...

Enfiei a faca na bainha do meu cinto e apertei o fecho antes de confirmar que o kit de fogo ainda estava no meu bolso. Feito isso, peguei o arco e a aljava, tomando cuidado para que ficassem bem presos. Eu tinha tudo de que precisava para sobreviver.

— E você *jura* que pulou quando tinha cinco anos? — ele perguntou, tirando o paletó e jogando-o no lago, onde não seria encontrado.

— Juro. Agora pule!

Com isso, empurrei-o precipício abaixo e me lancei atrás dele.

NAS PROFUNDEZAS



A CORDA SE ESTICOU ENTRE NÓS ENQUANTO CAÍAMOS. O vento ao meu redor era forte e gelado. Entrava violentamente pelas minhas narinas e pela minha boca aberta, enchendo meus pulmões até eu achar que ia explodir. As gotículas da cachoeira me faziam sentir como se estivesse tropeçando na chuva. O som do vento e da água era ensurdecedor, mas foram só alguns segundos até eu cair no lago.

Bati na água com força, sentindo uma rebentação nas orelhas enquanto afundava. A queda d'água me empurrava para a escuridão fria do fundo, me desorientando com sua espuma. Era impossível saber qual lado era para cima e qual era para baixo. O cordão na minha cintura ficou mais tenso quando o presidente foi empurrado em outra direção e meu peito começou a arder por falta de ar. Eu precisava chegar à superfície, mas não sabia para que lado nadar. Bati as pernas em pânico; elas estavam pesadas por conta da calça e das botas encharcadas, e comecei a pensar que talvez aquilo tivesse sido um erro terrível. Não devíamos ter pulado. Aquilo era um erro e agora morreríamos lá embaixo, afogados no lago sob a torrente da cachoeira.

Girei de um lado para outro à procura da superfície, cercado por bolhas, rochas e a correnteza. Enquanto batia as pernas em direção ao que pensava ser a superfície, senti um puxão súbito: o arco se prendera nas rochas embaixo de mim. O pânico cresceu ainda mais. Eu precisava me soltar.

Tentei mergulhar, retorcendo-me para desprender o arco e, quando consegui, o peso da água me atingiu de novo, empurrando-me ainda mais para baixo.

Meu peito doía. Estava sem ar e minha visão começou a ficar turva. Eu só conseguia pensar no *näkki* que espreitava nas profundezas lá embaixo, observando-me com seus olhos fixos e amarelos. Imaginei que estava subindo com seus tentáculos serpenteantes, enrolando-se nos meus pés e puxando-me para baixo. Eu tinha cinco anos de novo, com medo do monstro do lago, esperneando apavorado. Queria abrir a boca, inspirar, mas não havia ar para puxar. O pânico me dominava, exigindo que eu respirasse, quase me obrigando a abrir a boca, mas eu sabia que, se fizesse isso, só levaria água para dentro dos pulmões. E seria o fim. Seria exatamente como eu tinha imaginado na primeira vez em que pulei com meu pai. O *näkki* viria me pegar e eu ia morrer.

No meu esforço contra a forte corrente da cachoeira, não notei que o cordão estava puxando na minha cintura. Enquanto meus braços e pernas começavam a ficar mais fracos e meu mundo ameaçava chegar ao fim, não notei que estava me movendo pela água.

Estava subindo. Cada vez mais. As bolhas se agitavam ao meu redor.

Era meu pai. Ele estava me puxando para cima. Claro que era. Meu pai, que era tão forte. Meu pai, que tinha matado um urso. Meu pai, que tinha me puxado para a superfície quando eu tinha cinco anos. Ele estava me salvando de novo, puxando-me para fora da água para me levar para casa, onde estava minha mãe.

As mãos me envolviam agora, pegando o capuz da minha blusa, puxando-me para cima e para fora da água.

Emergi e inspirei com uma explosão, abrindo a boca com tudo. Puxei o ar, enviando-o para meus pulmões, aliviado e eufórico por ainda estar vivo.

— Pai! — eu disse, olhando ao redor, zozado e confuso. — Pai?

— Sou eu, Oskari.

O presidente estava ao meu lado, segurando meu capuz com as duas mãos, batendo a água. Seu queixo tocava a superfície do lago, ondinhas batiam em seu rosto e ele cuspiu a água que tinha engolido.

— Achou que fosse game over, hein?

— O arco ficou preso. Eu não conseguia subir. — Memórias longínquas de minha mãe e meu pai e dos tentáculos do *näkki* ainda estavam frescas na minha cabeça, me deixando com uma estranha sensação de decepção e vergonha misturada à alegria de ter sobrevivido.

— Não falei para você se livrar disso? Fazer um menor?

— Eu preciso...

— Eu sei, eu sei.

Flutuamos lado a lado, cortando a água, e olhei para ele.

— Obrigado — eu disse. — Por me salvar.

— Acho que cuidamos um do outro aqui.

— Isso. Foi demais, não foi?

— Demais? Você quase se afogou!

— Eu sei — disse e comecei a rir. Não conseguia explicar bem o porquê. Acho que só estava feliz por estar vivo. O presidente deve ter sentido o mesmo, porque não conseguiu conter um sorriso e, logo depois, começou a gargalhar também. Se alguém nos visse, acharia que éramos malucos.

No entanto, nossa alegria durou pouco, pois, enquanto nadávamos para longe da corrente da cachoeira, ouvimos o helicóptero descer sobre o lago e circular acima de nós, escondido pela neblina.

— Eles sabem que estamos aqui — disse o presidente.

— Imagens térmicas? — perguntei.

— Talvez. Ou estão chutando.

Cortei o cordão que nos unia e nadamos para dentro da neblina.

— Tem umas ilhas pequenas no lago — eu disse ao chegar a uma parte em que a correnteza era mais calma. — Se alcançarmos uma delas...

— Se eles tiverem imagens térmicas, nenhuma ilha vai nos salvar.

— Mas precisamos arriscar, certo? O que mais podemos fazer?

— Rezar?

FANTASMA NA NEBLINA



ERA BEM POSSÍVEL QUE ESTIVÉSSEMOS NADANDO EM CÍRCULOS. Tudo parecia igual. Água, água e mais água. A neblina nos escondia do helicóptero que rodeava, mas também escondia todo o resto e não podíamos nadar para a margem ou para uma das ilhotas do lago se não conseguíssemos enxergá-las. Estava difícil nadar, pois éramos puxados pelo peso das roupas e a água estava fria, o que nos deixava lentos. Se não saíssemos logo dali, era bem possível que congelássemos ou nos afogássemos, e Hazar e Morris poderiam parar de procurar.

— Que horas você acha que são? — o presidente perguntou quando nadávamos lado a lado. — Meu relógio parou.

— Nove e meia. — Olhei para o céu, tentando ver o helicóptero.

— É uma coisa de caçador? — ele perguntou. — Você consegue dizer que horas são só de olhar para o sol?

— Não dá para ver o sol. — Ergui o punho esquerdo. — Mas tenho um relógio à prova d'água.

O presidente cuspiu um monte de água doce.

— Nove e meia, hein? Eu devia estar numa conferência agora, sentadinho com o meu café, salvando o planeta.

— Isso vai ter que esperar.

Continuamos nadando lentamente para atravessar a água. Embora não desse para ver o helicóptero através da neblina e, com o eco ali embaixo, fosse difícil saber de onde vinha o som, ele parecia estar cada vez mais próximo de nós.

— Você acha que eles sabem onde estamos? — perguntei.

— Não sei. Talvez quem estiver olhando aquelas imagens de satélite e dando instruções não consiga nos ver. Talvez a imagem térmica não esteja boa porque estamos tão gelados que não emitimos muitas ondas de calor, vai saber... Acho que eu devia ter prestado mais atenção nessas coisas de satélite.

A ideia de todos aqueles satélites lá em cima, apontando para nós de trás das nuvens, me dava uma sensação estranha. Eu me sentia como um peixinho dourado num aquário, como se fosse impossível fugir daqueles olhos curiosos. Pensei em como eram as imagens térmicas nos video games e na TV e imaginei como estaríamos aparecendo: uma mancha cinza com dois corpos brancos minúsculos, brilhando como se flutuássemos em pleno ar. Torci para que o presidente tivesse razão e a água fria baixasse nossa temperatura, dificultando nossa localização. O problema era que a baixa temperatura também dificultava cada vez mais nossos movimentos para continuar nadando.

— Estou ficando cansado. — Eu estava exausto e não sabia por mais quanto tempo conseguiria nadar.

— Eu também, mas não pare. Aconteça o que acontecer, não pare.

Eu sabia por que ele tinha dito aquilo. Se parássemos, o frio e o cansaço tomariam conta, teríamos câibras e seria nosso fim. Afundaríamos na escuridão e desapareceríamos. Então, enquanto o helicóptero rondava lá em cima, não paramos de avançar pela neblina e pela água, como se fôssemos nadar para sempre. Foi quando uma esperança surgiu na forma de um objeto flutuando inesperadamente pelo lago.

— Olhe — eu disse, tentando erguer a cabeça para ver melhor. — O que é aquilo? — Estava poucos metros à nossa frente, pouco nítido na neblina. — Aquilo é o...? Sim! É o freezer!

Com uma nova explosão de energia, nadamos rapidamente em direção ao freezer e o seguramos, parando para um descanso mais que merecido. Mas, assim que parei, meu corpo todo começou a doer. Eu não tinha pensado muito nisso enquanto nadava, mas agora todos os cortes e arranhões ardiam e meus músculos doíam.

— Não podemos parar — disse o presidente. Então, segurando o freezer, um em cada lado, voltamos a bater as pernas, arrastando-o pela

água e descansando de tempos em tempos. — Oskari, qual é o tamanho do lago?

— Grande — respondi. — Mas já era para termos encontrado alguma coisa. — Parei de bater a perna, levantei o rosto na direção do vento e respirei fundo. — Que cheiro é esse?

O presidente também parou e passou a mão no rosto antes de inspirar. Ele virou a cabeça, olhando em todas as direções.

— Gasolina? Algum tipo de combustível?

— Também estou achando.

— O escapamento do helicóptero?

— Não, esse cheiro é diferente. Mais forte.

Enquanto eu falava, uma coisa boiando na água chamou minha atenção. Uma coisa prateada, brilhante, que ondulava na superfície do lago. Estendi o braço e empurrei a água, fazendo o objeto boiar até nós para que eu pudesse dar uma olhada.

— É um peixe? — perguntou o presidente.

— Parece uma pardelha — eu disse, vendo como a luz se refletia nas escamas. Ela brilhava em tons de verde, azul e vermelho, como uma gota de gasolina na superfície de uma poça. — Esse lago é cheio de pardelhas. Tem bremsas e percas também.

— Ele está morto? O que o matou?

Balancei a cabeça e observei espantado quando outros peixes vieram boiando, brilhando sobre as ondas suaves. No começo, eram poucos; em seguida, apareceram mais e mais, até estarmos cercados por peixes mortos. Havia centenas deles, cintilando e reluzindo na superfície do lago Tuonela.

— O que é isso? — O presidente girou de um lado para outro, olhando para todos aqueles cadáveres prateados que subiam e desciam no ritmo das ondas.

— Tem alguma coisa na água — eu disse, esfregando os dedos e sentindo a oleosidade do lago. Também conseguia sentir o gosto. — É algum tipo de combustível. — Agora eu via, a superfície brilhava como um arco-íris onde a luz incidia. Estava coberta de combustível. — De onde está vindo isso?

— Dali.

Seguindo em frente, encontramos uma enorme cauda azul e branca em meio ao redemoinho de neblina.

Era maior do que a minha casa, reta e pontuda, erguendo-se sobre o lago como uma faca. Na frente, pintada em cores fortes, estava a bandeira americana.

— É o meu avião — disse o presidente. — Esse é o *Air Force One*.

Observei incrédulo enquanto avançávamos, arrastando o freezer para ver os destroços do aeroplano gigante parecendo um fantasma.

— Ele deve ter deslizado pela água. — O presidente olhou para trás de nós, como se esperasse encontrar algum tipo de rastro. — Passou a noite toda aqui. Queria saber por que não afundou...

Ao chegarmos perto, porém, deu para entender por quê. O avião devia ter caído no lago, como o presidente disse, e deslizado pela superfície até colidir com uma das ilhotas. A ponta estava levemente encaixada na parte rasa, na direção da bétula que crescia ali. O resto do avião imenso deitava-se em meio à água do lago, de maneira que os motores estavam completamente submersos. Parte da cauda também estava embaixo d'água e a listra azul que passava pela lateral do avião desaparecia sob o lago no meio da fuselagem.

— É enorme. — Parei de bater a perna e sacudi a cabeça, sem conseguir tirar os olhos dele. — Minha *aldeia* não é tão grande.

— E tem vinte metros de altura, mais ou menos um prédio de seis andares.

— *Air Force One*. — Eu me segurei no freezer e deixei as pernas penduradas na água, balançando com a leve corrente. — É enorme — repeti. — É todo seu?

— Bom, mais ou menos. — Ele ficou olhando para o avião e balançou a cabeça. — Tinha um monte de gente a bordo. Não uma tripulação inteira, mas... — Ele perdeu a voz no meio da frase.

Tirei os olhos do avião e virei para o presidente, vendo seu rosto cheio de dor.

— Talvez elas estejam bem — eu disse, sem acreditar muito na possibilidade. Metade do avião estava embaixo da água e havia uma longa marca de queimado que subia da parte inferior da asa mais próxima. Ela se estendia até a parte de trás do avião, e imaginei que

devia ter algo a ver com aqueles mísseis que eu vira riscando o céu na última noite.

— Derrubaram — disse o presidente. — Como você me contou. — Ele respirou fundo e suspirou. — A parte da frente está acima do nível da água; talvez algumas pessoas tenham conseguido chegar lá com segurança.

Suas palavras quase foram abafadas pelo estrondo rítmico do helicóptero que pairava sobre nós. Mas o som não se afastou. Daquela vez, continuou bem acima de nós. Então começou a descer, soprando a água e formando grandes ondas que reverberavam ao nosso redor.

Olhei para o vulto escuro que se aproximava. O movimento das pás da hélice e o corpo do helicóptero ficavam cada vez mais nítidos à medida que a névoa era dissipada.

— Que inferno — o presidente gritou. — Não vão desistir nunca?

Cordas foram lançadas do helicóptero, caindo ao meu lado na água.

— Vira esse troço! — ele gritou.

— Quê?

— Vira esse troço!

Demorei um pouco para entender o que ele queria dizer, mas, assim que entendi, viramos o freezer de ponta-cabeça na água, com a porta aberta dentro do lago.

As cordas tremularam e vi pernas e botas surgirem da lateral do helicóptero. Os homens de Hazar desceram em nossa direção, com armas a postos.

— Mergulhe! — gritou o presidente. Afundamos e emergimos dentro do bolsão de ar do freezer.

— E agora? — eu disse, cortando a água na escuridão. — Mais alguma ideia?

O presidente cuspiu água e respirou com dificuldade, mas não disse nada.

— E o avião? — Minha voz soava fria dentro da caixa. — Será que conseguimos entrar sem que nos vejam?

— Talvez. Não sei.

Alguma coisa se mexeu sobre nós, acertando o freezer. Uma corda, talvez, ou outra coisa. Botas. Ou mãos.

— Vão nos pegar a qualquer momento — eu disse. — *Dá pra entrar no avião?*

— Não sei! — ele berrou. — Não sei, Oskari.

— Precisamos tentar. Vamos lá, Presidente, senão vamos perder o voo.

Quando o freezer começou a ser levantado acima de nós, mergulhamos em direção ao avião.

OUTRO MUNDO



O BARULHO DO HELICÓPTERO SE TORNOU SURDO E REPETITIVO, e a superfície da água se mexia acima de nós como um teto trêmulo. O monstro enorme que era o *Air Force One* se estendia à nossa frente, com bolhas subindo à sua volta e uma asa que cortava as profundezas do lago. Seu corpo imenso se espalhava pela escuridão lá embaixo. Parecia bastar apenas um empurrãozinho para que todo o avião desaparecesse nas profundezas geladas — um lugar que minha imaginação havia povoado de criaturas aterrorizantes com tentáculos e monstros de garras afiadas.

Tentei não pensar nessas coisas enquanto nadava rápido em direção ao avião.

Aqui e ali, partes da máquina brilhavam no escuro, com feixes de luz que cintilavam das janelas e se espalhavam pela água obscura. Vermelhos, verdes e laranja acendiam e apagavam, e me lembrei de quando encontrei a cápsula de escape do presidente entre as árvores, temendo que um alienígena saísse lá de dentro.

Passamos pela asa, onde um motor estava acoplado inutilmente, pendendo sobre o abismo. O segundo motor estava completamente destruído, retalhado pelo míssil que havia deixado um rasgo na lateral da asa e uma cicatriz negra que subia até a traseira do avião.

Também havia um buraco na fuselagem, logo atrás da asa, por onde o presidente me guiou, atravessando as bordas de metal retorcido para entrar no avião. Logo subimos à tona num pequeno bolsão de ar e

tentei manter a calma e controlar a respiração, mas era difícil não ter medo. A ideia de ficar preso ali e afundar de vez no lago me aterrorizava.

— Foi uma boa ideia? — perguntei, torcendo para que a resposta fosse “sim”.

— Ainda não sei. Estamos na área dos secretários agora, mas deve estar seco na minha suíte e no piso superior. — A voz do presidente estava abafada por causa do pouco ar.

— Será que conseguimos chegar lá? — Lutei contra aquela terrível sensação de pavor.

— Talvez, mas ainda tem muito chão.

— O caminho vai estar livre? — Não queria morrer afogado lá embaixo, onde ninguém nunca me encontraria. Meu pai nunca descobriria o que havia acontecido comigo e me procuraria na floresta para sempre.

— Tomara. Venha comigo.

— Tá bom — respondi, e voltamos a mergulhar, abrindo caminho pela barriga do *Air Force One*.

Nadar pelos corredores do avião era terrível e eu parecia estar em outro mundo. Luminárias horizontais no chão e no teto lançavam um brilho tênue e avermelhado pela água, dando a impressão de que estava manchada de sangue. Elas acendiam e apagavam, às vezes com um súbito clarão verde ou laranja que piscava por um instante e depois sumia. Objetos planavam em câmera lenta, balançando com a corrente suave. Sacos, papéis e pastas estavam à deriva lá dentro, como se flutuassem. Um sapato. Um paletó estufado como uma água-viva. Uma almofada que veio em minha direção parecia um animal pré-histórico surgido da escuridão. Portas se abriam e se fechavam, mostrando de relance a visão perturbadora de homens e mulheres ainda presos em seus assentos, com braços flutuando e cabelos balançando como algas. Também havia outras formas que mal se podia distinguir, mexendo de um lado para outro como monstros à espreita nas sombras.

Subíamos para respirar sempre que possível, ficando alguns momentos naquele ar parado. Em seguida, voltávamos a mergulhar e avançar pelos escombros flutuantes. Adentramos cada vez mais o avião, subindo por corredores cheios de papel e passando por portas apertadas. A posição enviesada da aeronave fazia que tudo lá dentro ficasse disposto num ângulo esquisito, me deixando confuso e desorientado. Às vezes era difícil dizer o que estava para cima e o que estava para baixo e, em alguns lugares, a água estava tão cheia de escombros que meu arco se enroscava e me deixava mais lento. Então, tirei-o das costas e comecei a nadar com ele na mão.

Sempre que eu inspirava o ar e voltava a mergulhar tinha a sensação de que seria a última vez, que a qualquer momento chegaríamos a um beco sem saída e tudo estaria perdido: engoliríamos água e tossiríamos até não haver mais nenhuma esperança.

— Quase lá — o presidente disse quando subimos para respirar.

Olhei para ele sob a luz opaca e assenti sem falar nada.

— Você está bem? — ele perguntou.

Assenti mais uma vez.

— Assustador, né?

— Sim.

— Bom, não falta muito agora. Pronto?

Respirei fundo e estava prestes a concordar novamente quando uma coisa encostou na minha perna. Sem pensar, chutei e recuei em pânico até dar de costas com o presidente. Milhões de imagens horríveis passaram pela minha cabeça: monstros, formas sombrias e desconhecidas.

— Está tudo bem — o presidente dizia. — Está tudo bem. — Mas eu mal conseguia ouvir. Podia ouvir meu coração batendo em meus ouvidos e tentava me afastar daquilo, empurrando a água e criando ondas no pequeno bolsão de ar.

— Tire isso de mim! — eu disse me aproximando do presidente. — Tire isso de mim! — Eu o pressionei contra a parede, tentando escapar e soltando o arco.

Então vi o rosto da coisa.

O corpo emergiu ao meu lado, rompendo a superfície da água com um estalido.

Os olhos da mulher estavam abertos, cravados sobre mim, mas ela estava morta. Havia um buraco escuro em sua testa, limpo e sem sangue, lavado pela água. Seu cabelo flutuava em volta da cabeça como se estivesse vivo, balançando de um lado para outro no ritmo da corrente.

— Não olhe pra ela — o presidente disse, me segurando. — Não olhe.

Eu me virei para ele, sem conseguir tirar a imagem da cabeça, sabendo que ela estava bem atrás de mim.

— Apenas respire — o presidente disse. — Respire e fique calmo. Não falta muito agora. A cozinha é por aqui e lá tem uma escada para o segundo andar.

— Você conhecia essa mulher? — perguntei, voltando a me acalmar. — Ela está...?

— O nome dela era Patricia Young. Era uma das minhas assistentes. Estamos na área dos altos funcionários agora.

— Aquele buraco. Ela levou um tiro?

— Sim, acho que sim. Parece que Morris fez o serviço completo para cobrir os rastros dele. — O presidente me segurou. — Pronto para mergulhar de novo?

— Meu arco caiu.

— Deixe pra lá.

— Não posso.

— Você não precisa dele.

— Preciso encontrar. — Naquele momento, era a única coisa que importava, a única coisa que me ligava à minha casa e ao meu pai. Olhei a água escura abaixo. — Você está vendo?

— Deixe pra lá, Oskari. Você vai...

Mergulhei, tateando na escuridão. A mulher morta foi empurrada pela água contra minhas pernas, roçando no meu corpo enquanto eu estendia a mão em busca do arco. Eu precisava encontrá-lo. Era meu dever levá-lo para casa.

Girei na água, mexendo as mãos de um lado para outro na vã esperança de encontrá-lo. Tateei absolutamente tudo. Meus dedos tocavam todos os objetos que encontravam, examinando-os e descartando-os até... ali. No fundo da cabine, preso em alguma coisa.

Subi para respirar, agitando o cadáver de novo, e voltei a mergulhar, tentando soltar o arco. Uma ponta estava presa debaixo de uma cadeira que devia ter virado quando me desesperiei. Então forcei os ombros contra a parede e empurrei a cadeira com os pés. Ela resistiu no começo, mas logo cedeu, e o arco flutuou para o outro lado. Tomei impulso e o segurei de volta à superfície, saindo da água com tudo.

— Peguei. — Ergui o arco para mostrar ao presidente.

— Agora está pronto? — ele perguntou.

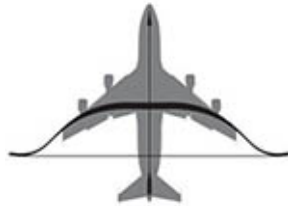
Nadei um pouco para trás e fiz que sim com a cabeça.

— Vamos logo, então.

Respiramos fundo e mergulhamos novamente, mas, daquela vez, eu sabia o que eram aquelas formas escuras indefinidas: corpos de pessoas que estavam no avião. E havia muito mais ali: homens e mulheres entrançados à deriva, flutuando entre papéis, canetas e sapatos perdidos.

Seus braços pareciam se estender para nos pegar enquanto passávamos por eles.

AIR FORCE ONE



QUANDO FINALMENTE CONSEGUIMOS NOS ARRASTAR para fora da água, não paramos para descansar. A sensação de que Hazar e Morris estavam logo atrás exigia que continuássemos em frente.

— Por aqui — disse o presidente, e fui atrás dele pelo corredor sentindo muita dor. Minha roupa não parava de pingar no carpete bege. À nossa volta, o avião rangia e gemia como se estivesse se preparando para morrer.

Passamos por uma sala com cadeiras e arquivos esparramados pelo chão e uma grande mesa oval de reunião fixada no centro. Tive a impressão de que havia pernas humanas saindo de baixo da mesa, mas virei o rosto e fixei os olhos nas costas do presidente, que me guiou até uma grande porta pesada. Depois de entrarmos na cabine, ele trancou a porta.

— Acho que estamos seguros aqui. — O presidente limpou o rosto e pressionou as mãos ao longo de cada braço para tirar um pouco da água das mangas da camisa. — Mesmo que eles entrem no avião, nunca vão conseguir passar por essa porta. Foi projetada para manter os terroristas do lado de fora. — Ele deu um sorriso forçado. — Agora é você que está na minha área, Oskari.

Assenti com a cabeça e também apertei as minhas roupas para tirar um pouco da água do lago.

— Ali fica a cozinha. — O presidente apontou para o cômodo à minha esquerda. — A enfermaria e minha suíte estão aqui atrás. — Apontou

por sobre o ombro. — Essas escadas levam ao centro de comunicações e à cabine de pilotagem. Venha comigo.

Chacoalhei as mãos para secá-las enquanto o seguia, olhando de relance para a enfermaria e trombando com o presidente quando ele parou na minha frente.

— Esta é nossa saída — ele disse, colocando a mão na porta à esquerda. A grande porta ficava na parede da aeronave, com uma maçaneta vermelha na lateral. As palavras VIRE PARA ABRIR estavam impressas sobre ela. — Dá para abrir daqui se precisar. — O presidente olhou para mim. — Você já viu o presidente dos Estados Unidos saindo do *Air Force One*? Acenando para as multidões?

Fiz que não.

— *Nunca* viu isso na tv?

Fiz que não outra vez.

— Bom. — Ele suspirou. — Quando isso acontece, é por essa porta que ele sai... que *eu* saio. Era para ter saído por ela hoje de manhã. — Ele fez uma pausa. — Enfim, vamos ao que importa. Por aqui. — Ele abriu a porta à sua direita e entramos em seu escritório. — Você já esteve na Casa Branca, Oskari?

— Não.

— Bom, a partir de agora, pode dizer que sim. Quando estou nessa sala, ela é a Casa Branca.

A escrivaninha de madeira escura, disposta no canto oposto, permanecia fixa em seu lugar, mas não havia mais nada em cima dela. Papéis, arquivos e o notebook que deviam estar ali se espalhavam sobre o carpete marrom ou se empilhavam sobre o sofá de couro no outro lado da sala. A cadeira do presidente também estava lá, com as rodinhas viradas para o teto, como um animal morto. Uma cortina estava aberta na parede, revelando um selo presidencial azul e dourado e uma fileira de cinco janelas do tipo vigia. Todas as persianas estavam fechadas, deixando entrar pouca luz pelas frestas. O lugar exalava madeira, couro e graxa de sapato.

— Dê uma olhada aí. — O presidente apontou para o sofá. — Veja se consegue achar meu celular; esse daqui quebrou de vez. — Ele tirou o telefone do guarda-costas do bolso e o jogou para o lado. Foi até a escrivaninha e começou a abrir as gavetas. Acima dele, havia uma

pequena abertura no teto, com um tubo de plástico pendurado como um fio de teia de aranha. Na ponta, uma máscara amarela pendia e balançava ao ser tocada pelo presidente. Outras máscaras como aquela pendiam do teto sobre o sofá do canto.

Remexi os papéis e pastas, jogando-os ao chão atrás de mim até encontrar um smartphone preto encaixado entre dois assentos.

— Aqui!

— Muito bem. — O presidente deu a volta na escrivaninha e pegou o celular da minha mão. Ligou-o e esperou a tela acender. — Surpresinha — ele disse. — Não tem sinal. — Ele ergueu o telefone e deu algumas voltas, depois jogou o aparelho no chão e chutou a mesa. — Que inferno! Por que não tenho um celular por satélite como aquele traidor do Morris?

— Alguma outra ideia? — perguntei.

— Certo. — Ele esfregou o rosto. — E agora? Pense, pense, pense... Ah! Lá em cima. O centro de comunicações e a cabine de pilotagem. Se temos alguma chance de pedir ajuda, deve ser lá em cima. — Ele virou e saiu correndo da sala. — Venha, Oskari.

Voltamos pelo corredor e subimos a escada que dava para o centro de comunicações. Lá, apesar do ângulo do avião, as mesas ainda estavam no lugar, fixadas nas paredes à esquerda e à direita. Todo o resto estava uma bagunça. Em cima das mesas havia grandes fileiras de equipamentos eletrônicos carbonizados, com as telas rachadas, como se tivessem sido quebradas de propósito. Fios saíam de pedaços de plástico como vísceras. Cinco grandes cadeiras de escritório e outras peças de equipamentos eletrônicos se amontoavam na parede esquerda, cobrindo o que pareciam ser mais corpos, e o chão estava forrado de papéis soltos, fios e laptops com as telas rachadas. Máscaras amarelas de oxigênio pendiam do teto, balançando devagar de um lado para outro. Um cheiro forte pairava no ar, misturado com um toque de queimado.

O presidente parou na minha frente e olhou ao redor. Se apoiou na parede e balançou a cabeça, incrédulo.

— Não dá para usar nada disso para pedir socorro.

— Mas por que as luzes ainda estão acesas? — perguntei.

— Luzes de emergência, acho. Este não é um avião qualquer. A fuselagem é dez vezes mais forte que a de um avião de passageiros civis. Ele é projetado para suportar uma explosão nuclear vinda da terra: todas as janelas são blindadas, há um sistema de interferência contra radares inimigos, sinais luminosos para confundir mísseis, infravermelho para desorientar sistemas inimigos...

— Então como ele foi derrubado?

O presidente ergueu as sobrancelhas.

— Boa pergunta, Oskari. Só consigo pensar em uma resposta: Morris. Ele deve ter sabotado os sistemas. Tinha vinte e seis membros da tripulação neste avião. Seguranças, secretários... mais de quarenta pessoas no total e ele simplesmente... descartou todo mundo como se não fossem nada. Um homem que eu considerava meu amigo. Acho que ele tinha razão: o presidente não pode ter amigos.

— Eu sou seu amigo — eu disse.

— Sim, você é. E já provou isso várias vezes. Venha, a cabine dos pilotos é por aqui, talvez tenhamos mais sorte por lá. — Ele passou pelos escombros e entrou pela porta que dava para a próxima sala. — A sala da tripulação. — Porém, mantive os olhos cravados em suas costas, evitando ver mais cadáveres enquanto o seguia até o outro lado e entrava na cabine dos pilotos.

Pensei que, para pilotar um monstro como aquele, seria preciso uma cabine enorme, mas ela era bem apertada, na verdade. Tinha espaço suficiente para uma mesa pequena com duas cadeiras atrás do lugar do piloto e do copiloto, mas nada além disso.

A ponta do avião estava um pouco erguida por estar sobre os bancos de areia da ilhota, de maneira que a janela inclinada nos proporcionava uma boa vista da superfície dos dois lados do lago. À nossa esquerda, dava para distinguir a margem, mas, de onde estávamos, ela não parecia mais que um risco escuro.

— Você acha que podemos chegar até lá antes que eles nos vejam? — perguntei.

— Talvez valha a pena tentar.

A neblina ainda pairava sobre a água, mas estava um pouco mais fina que antes. Havia um brilho que sugeria que o sol tentava aparecer e dissipar a névoa. Talvez ela sumisse até meio-dia. Imaginei que o céu

estaria azul naquela tarde, quase sem nuvens. Mas não tinha certeza se viveríamos o bastante para vê-lo.

Ali havia o mesmo cheiro forte de fumaça e equipamentos queimados do centro de comunicações, e uma variedade de bipes e barulhos sibilados soava a todo instante. Os alarmes tocavam num coro ritmado com o piscar das luzes na cabine.

O presidente foi direto para a parte da frente, entre os lugares do piloto e do copiloto, debruçando-se para olhar o conjunto de equipamentos. Era um agrupamento desconcertante de chaves, mostradores, telas e botões. Alguns estavam apagados, outros permaneciam acesos, piscando como se pedissem atenção.

— Deve ter alguma coisa aqui — ele disse. — Tem que ter um rádio, *alguma coisa*. — Ele examinou os mostradores e botões, apertando este e aquele, balançando a cabeça. — Como será que eles aprendem para que serve tudo isso?

Ele se debruçou, tocando o acelerador do avião. Na mesma hora, o avião içou e começou a tremer como se os motores estivessem tentando ligar. Uma sirene de alarme disparou, enchendo a cabine de pilotagem, e uma série de luzes vermelhas acenderam no painel de instrumentos.

O presidente deu um pulo para trás, espantado, soltando a alavanca. As luzes apagaram, a sirene silenciou e o avião parou de tremer.

Ele colocou uma mão nas costas do banco do piloto e a outra no peito.

— Caramba. Quase tive um ataque do coração. — Ele olhou para mim. — Incrível. Parece que ainda tem energia para os motores. Sempre me falaram que ele foi projetado para aguentar impactos que destruiriam um avião normal.

— Acho que as pessoas não foram projetadas para aguentar os mesmos impactos. — Apontei com o queixo para a frente do banco e ele viu o piloto estatelado no chão.

O presidente tirou um paletó de trás da cadeira do copiloto e o colocou sobre o homem morto.

Virei o rosto e olhei pela janela, observando o lago se agitar alguns metros abaixo do vidro à minha esquerda. Alguma coisa na água me incomodou.

— Você não achou um rádio, né? — perguntei. — Alguma coisa para pedir ajuda?

O presidente me olhou por um longo momento e balançou a cabeça.

— A verdade é que não sei como nada disso funciona, Oskari.

— O que vamos fazer, então? O que vamos fazer agora?

Ele se sentou na ponta do banco do piloto para ficar na minha altura, e pôs as mãos nos meus ombros.

— Olhe pra mim — ele disse, fazendo-me virar. — Vamos conseguir, Oskari.

— Como?

— Só temos que ficar quietinhos e esperar o exército chegar. Eles já devem ter nos encontrado a essa altura.

— Usando aqueles satélites?

Ele fez que sim.

— Os mesmos que Morris está usando?

— Provavelmente.

Olhei pela janela, observando a água mais uma vez. Tinha alguma coisa errada. Me debrucei para olhar, perscrutando e franzindo a testa.

— O que foi? — perguntou o presidente, levantando-se. — Está vendo alguma coisa?

— Está subindo — disse. — A água.

— Não, não pode ser... — Ele se apertou ao meu lado e olhou para baixo.

— Presidente, acho que estamos afundando. Não podemos ficar aqui por muito tempo.

Mas havia outra coisa na água também. Enquanto observávamos, a neblina rodopiou como um tornado e o movimento na superfície do lago aumentou, a água agitava-se mais e mais. Me lembrei da vez em que uma pedra tinha acertado o para-brisa do meu pai. O vidro tinha ficado no lugar, mas havia rachado de maneira circular, com um buraco no meio e milhares de fendas minúsculas que partiam dele. Era dessa maneira que o lago estava naquele momento.

— Um helicóptero? — murmurei.

Uma vibração fez o avião tremer. Não era tão violenta como na hora em que o presidente tocara os controles, mas mais suave.

— Sim. — O presidente concordou. — Mas de quem? Do exército ou de Morris?

A vibração continuou a chacoalhar o avião à medida que outros sons perturbadores ecoavam na cabine de pilotagem. Nós dois olhamos para cima. Havia um barulho de passos e de raspagem, como se algo estivesse sendo arrastado sobre a fuselagem. Em seguida, ouvimos um som estranho, que parecia um arranhão metalizado, seguido por dois estrondos fortes.

— Tem alguém no teto. — Mal dava para ouvir minha voz, tamanho era o nó na minha garganta. — Você acha que são seus soldados? — O som inconfundível de botas logo acima ressoou pela cabine. — Os Seals?

O presidente não respondeu. Apenas balançou a cabeça e continuou olhando fixamente para o teto, como se fosse conseguir uma visão de raios X.

Os passos estavam bem acima de nossas cabeças, seguindo para a frente do avião.

— Não estou gostando nada disso... — disse o presidente.

Eu também não estava e acompanhei o barulho, até que pararam acima do assento do piloto.

— Parecem dois pares de botas.

— Só dois?

Assenti e olhei de lado para o presidente. Só dois pares. Nós dois sabíamos o que aquilo significava. Para confirmar nossos piores medos, um rosto apareceu na janela, de ponta-cabeça, olhando para dentro da cabine.

Morris.

Ele pareceu surpreso ao nos ver, mas, então, cruzou o olhar com o presidente e sorriu. Naquele momento, parecia um demônio, com um brilho triunfante nos olhos. Inclinou um pouco a cabeça e acenou antes de desaparecer de vista.

A próxima coisa que vimos foi Morris descendo para prender com força uma massa que parecia argila na janela.

O presidente reagiu imediatamente, puxando meu braço em direção à porta.

— Explosivos! — ele gritou. — Vamos sair daqui!

SEM SAÍDA



O PRESIDENTE ME EMPURROU para fora da cabine de pilotagem, fazendo-me cambalear na sala da tripulação, onde trombei numa das camas à direita. Tropecei e caí de joelho, mas o presidente me segurou e me levantou.

— Continue correndo! — ele gritou. — Saia! Saia! — Ele bateu a porta atrás de si, gritando para que eu corresse mais rápido pelo centro de comunicações em direção à escada.

Só tínhamos conseguido descer alguns degraus quando a explosão devastou o andar de cima do *Air Force One*.

Por um segundo, todo o ar do mundo pareceu ter acabado. Meus pulmões esvaziaram, um forte choque atingiu minha cabeça e meus olhos pareciam inchar dentro do crânio. Parei de ouvir depois da explosão, e todas as minhas articulações estalaram e doeram muito. Em seguida, o avião tremeu à medida que a pressão e o calor avançavam atrás de nós. Um verdadeiro inferno.

Uma parede sólida de força correu pela cabine do piloto, arrastando um caos de estilhaços e escombros, uma nuvem violenta de destruição que passou quebrando tudo pela sala da tripulação, chamuscando o que tocava. A porta do centro de comunicações cedeu à sua força, explodindo e deixando que a energia enchesse a sala também, juntando pedaços de vidro partido, plástico e papel queimado no caminho.

Estávamos no meio da escada quando a força da explosão chegou até nós. Àquela altura, tinha perdido boa parte da intensidade, mas mesmo

assim nos desequilibrou, jogando-nos para o corredor lá embaixo, onde caímos estatelados sobre o carpete bege úmido. Fragmentos da sala da tripulação e do centro de comunicações nos bombardearam, como uma chuva pesada sobre folhas.

Na mesma hora, tentei me levantar, mas meu corpo não me obedecia. Minhas pernas pareciam de borracha e meus braços tremiam. Minha visão estava turva e eu mal conseguia pensar.

O avião se encheu de fumaça e um cheiro terrível de plástico queimado fez meus olhos arderem e minha garganta secar. Comecei a tossir e levei a mão à boca, com medo de que o barulho nos denunciasse, embora não ouvisse nada além do zumbido agudo em meus ouvidos.

O mundo parecia girar em câmera lenta à minha frente enquanto eu me recuperava dos efeitos da explosão. O presidente estava deitado ao meu lado, procurando se concentrar, mas olhava nervosamente de um lado para outro. Ele estendeu o braço para me tranquilizar e ficamos parados, um ao lado do outro, tentando nos recuperar.

— ... atrás de nós — disse o presidente.

— Quê? — Tentei me sentar e me aproximei. Esfreguei o rosto com as duas mãos e coloquei o dedo nas orelhas, mexendo a cabeça até parte da audição voltar ao normal.

— Eu disse que eles vão vir atrás de nós.

— É melhor voltar? — Com algum esforço, virei para olhar a porta de segurança, em parte oculta pela fumaça, e tive um calafrio só de pensar em voltar pelo caminho por onde tínhamos entrado.

— Muito arriscado. Já estamos afundando. — O presidente tossiu. — Nós dois vimos isso. Talvez os bolsões de ar não existam mais. — Ele limpou os olhos irritados. — Tivemos sorte no caminho na vinda. Daqui a pouco o avião inteiro vai estar embaixo d'água. Aquela explosão só fez piorar as coisas.

— A porta lateral, então. Aquela por onde você sai e acena.

O presidente se levantou, apoiando-se na parede enquanto olhava pelo corredor. Lágrimas corriam por suas bochechas, e ele fechou bem os olhos algumas vezes, tentando se livrar dos efeitos da fumaça ardida.

— Eles virão atrás de nós. Nunca vão parar, Oskari. Nunca. — Ele balançou a cabeça. — Mas eles não querem me matar, não ainda. Hazer

disse que quer...

Lembrei o que Hazar tinha dito sobre empalhar o presidente e colocá-lo à mostra. Era horrível demais até pensar.

Ele olhou sério para mim.

— Acho que está na hora de me entregar.

Ele estava acabado. Seus ombros estavam curvados e ele mal conseguia ficar em pé. Seus olhos vermelhos transbordavam lágrimas e ele se contorcia, tossindo para expelir a fumaça dos pulmões. Sua pele estava cheia de cortes, esfolados e arranhões; parecia um homem derrotado. E eu apostava que também parecia derrotado. A coisa mais lógica a fazer era desistir. Estávamos em menor número, sem armas e encurralados num canto quase sem saída.

Porém, eu tinha o sangue dos caçadores nas veias.

Eu tinha uma noite e um dia para descobrir que tipo de homem era. Eu precisava saber como ouvir e lutar com unhas e dentes por minha presa. Não conseguiria nada de graça.

Palavras de Hamara.

Um menino entrou na floresta, mas um homem retornaria de lá.

Olhei para o presidente e franzi a testa.

— Não.

— O quê?

— Eu disse não. Tenho o sangue dos caçadores nas veias.

— Acabou, Oskari. Estamos derrotados. Já aguentamos coisa demais. Você deve fugir quando eles me levarem; saia pela porta que te mostrei.

— O avião se inclinou enquanto ele falava, jogando-nos contra a parede.

— Falo para eles que você morreu.

— Não — eu repeti, sentindo o medo ir embora. Eu tinha aguentado coisa demais *mesmo*, mas isso não significava que deveria fugir. A hora de fugir já tinha passado. Eu me movia sem medo naquele momento, e minha perspectiva estava mudando.

— Sr. Presidente! — A voz de Hazar ecoou pelo andar de cima. — Cadê você, sr. Presidente?

Olhamos um para o outro, mas o frio que se instalara dentro de mim não era mais tão forte.

— Sr. Presidente? — A voz cantarolada serpenteava pela fumaça. — Não me faça te procurar.

— Preciso me entregar — murmurou o presidente. — *Preciso*. É a única forma de te proteger. — Ele virou em direção às escadas.

— Sr. Presidente? Está se escondendo de mim?

— Não. — Eu segurei seu braço. — Não é a única forma. Já te falei: não vou desistir. Está na hora de lutar.

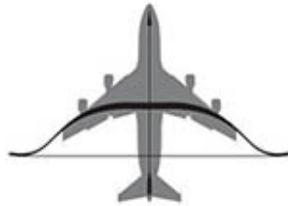
— Lutar? — Ele abaixou os olhos para mim. — Com quê? Com seu arco e flecha?

— Meu pai sempre falou que sou esperto. — Era bom saber que eu não fugiria. Me fazia sentir forte e confiante. — Você também é esperto, Presidente. Juntos podemos derrotar esses homens, tenho certeza. De uma vez por todas.

— Como? Você tem uma ideia?

— Tenho, sim — respondi. — Venha comigo.

O PLANO



HAZAR NÃO GRITOU DE NOVO.

Um silêncio perturbador tomou conta do avião. Fumaça e poeira pairavam no ar, filtrando a luz tênue que entrava pelas frestas das persianas fechadas. Gotejava. Ouvia-se um ruído ocasional de metal pela cabine. De vez em quando alguma coisa mudava de lugar, deslizando pelo chão conforme a água entrava no avião e o inclinava um pouco mais sobre o vazio.

Eu me abaixei na escuridão, com o arco a postos, espremido num canto da suíte presidencial. Era um risco e tanto, mas meus instintos me diziam que aquele era um bom lugar para nosso confronto final. Era assim que tinha que ser.

O espaço, triangular, era um pouco menor que a sala de casa e terminava numa ponta que era o nariz do avião. Duas camas estavam anguladas de maneira que suas cabeceiras se tocavam, e era ali que eu esperava, abaixado no canto.

Meu pai tinha me ensinado a usar o que havia no ambiente como camuflagem, então foi isso que fiz. Lençóis, travesseiros, almofadas e tudo mais que eu pudesse encontrar estavam espalhados pelo chão, criando uma confusão de formas e sombras. Uma pilha no canto estreito não era em nada diferente dos escombros amontoados por todos os cômodos do avião. O lugar ideal para se camuflar. Nada ali parecia fora do comum.

Só era preciso esperar.

Tap. Tap. Tap.

Ergui uma mão e a coloquei em forma de concha atrás da orelha, virando um pouco a cabeça.

Tap. Tap.

Alguém descia do centro de comunicações. Só uma pessoa. Pesada, mas andando devagar para não fazer barulho.

O som cessou e fechei os olhos, ouvindo.

Eu me concentrei na respiração, obrigando-me a ficar calmo.

Um coração firme se reflete em uma mão firme.

Quem quer que tivesse descido a escada esperava na porta da enfermaria. Imaginei Morris espreitando lá dentro, conhecendo a disposição, sabendo onde procurar. Primeiro, examinaria os lugares mais óbvios — atrás das mesas e cadeiras, dentro de armários. Faria o mesmo naquele quarto, ignorando o que estava bem embaixo de seu nariz.

Um chiado estático crepitou no silêncio. Curto e sonoro.

Pssst!

— Já encontrou o presidente?

Pssst!

— O que diabos você está fazendo aí embaixo...?

— Shh! — foi a resposta, e o rádio ficou em silêncio.

O avião gemeu e se inclinou para o lado, fazendo a cabine tremer. Destroços escorregaram e bateram nas paredes.

— Que inferno — alguém disse, depois voltou a ficar em silêncio.

Só se ouvia o som de gotas pingando.

E de sapatos no carpete.

Morris estava vindo.

Ele não era um caçador, isso estava claro. Eu teria conseguido me mover pelo corredor e passar pela sala do presidente sem fazer um ruído sequer. Mas Morris não. Ele devia achar que estava indo bem, mas seus sapatos se arrastavam no carpete felpudo, suas roupas roçavam na parede e sua respiração sibilava no ar. Só faltava assobiar para avisar que estava chegando.

Percebi quando ele estava atrás da porta. Ergui o arco o suficiente para, naquela posição, puxar a corda ao máximo. Tomei um fôlego curto e esperei. Esperei. Esperei.

Eu tinha o sangue dos caçadores nas veias.

A escuridão cintilava em meus olhos, e a fumaça e a poeira pareciam brilhar.

A porta raspou o carpete ao abrir, fazendo um som semelhante ao de uma onda suave na margem do rio. Por alguns segundos, pareceu que tinha aberto sozinha. Ninguém apareceu. Então, uma silhueta surgiu no batente, entrando de lado, apresentando-se como o menor alvo possível.

Na mesma hora, soube que aquele não era Morris. O guarda-costas tinha uma constituição mais forte e seu cabelo era cortado rente. Ele também usava um terno. Aquele homem estava usando uma jaqueta justa, e era mais magro e baixo.

Hazar estava de costas para a parede e entrou devagar no quarto, com a pistola erguida à sua frente.

— Agora! — murmurei e me levantei, puxando a corda do arco.

Enquanto eu me levantava, o presidente apertou um interruptor, acendendo todas as luzes do quarto, obrigando Hazar a cerrar os olhos por instinto. Mas ele tinha me visto de relance antes e virou a arma para o lado, apertando o gatilho.

Disparou duas vezes, emitindo um estrondo terrível naquele quartinho. As balas acertaram a parede bem ao lado de onde eu estava.

Não esperava que o agressor fosse reagir tão rápido. Meu instinto de sobrevivência tomou conta, fazendo-me virar e soltar o arco, que caiu inofensivo no chão. O avião balançou mais uma vez. Perdi o equilíbrio e bati a parte de trás da cabeça na mesa de madeira ao meu lado. Caí no chão, atordoado.

Ao mesmo tempo, o presidente pulou da mesa atrás da porta para o chão, apontando um pesado extintor de incêndio contra o rosto de Hazar. Porém, o movimento do avião o atrapalhou e deu a Hazar tempo suficiente para se recuperar da surpresa. Ele jogou o corpo para trás e ergueu a arma; assim, o extintor de incêndio passou de leve por seu antebraço e acertou a parede ao lado. O presidente perdeu o equilíbrio por causa do peso do extintor e, logo em seguida, Hazar bateu o cano da pistola com força na cabeça de sua presa, que começou a sangrar.

O presidente gritou de dor, levou as mãos à cabeça e caiu no chão. Então, Hazar subiu em cima dele, prendendo-o no chão e pressionando

a pistola embaixo de sua orelha esquerda.

De onde eu estava caído, atordoado e com a visão embaçada, vi Hazar cerrar os dentes e colocar a mão esquerda em torno da garganta do presidente.

— Finalmente — ele grunhiu, como um animal que finalmente captura sua presa.

— Por favor — implorou o presidente.

Hazar olhou de relance na minha direção e fechei os olhos, fingindo-me de morto.

— Não... — O presidente tinha dificuldade até de sussurrar.

Arrisquei abrir os olhos outra vez, mexendo a cabeça para ver o que estava acontecendo. Hazar ainda prendia o presidente ao chão: uma mão em sua garganta e a outra segurando a pistola. Ele estava com os dentes à mostra e os olhos arregalados de fúria.

Aproveitei a chance para alcançar o arco, fechando os dedos em torno dele e puxando-o para perto.

Hazar apertou a pistola com mais força e respirou fundo.

— Minhas ordens são para levar você vivo, mas agora...

— Ordens? — Hazar apertava a garganta do presidente tão firme que a voz dele estava rouca. — Que... ordens? O que diabos você quer de mim?

— Não tenho tempo para isso. — A voz de Hazar era grave e selvagem.

— Fale — o presidente insistiu.

Hazar riu sarcasticamente e apertou a pistola com mais força, quase enfiando-a na pele do presidente.

— Não vai fazer nenhuma diferença para você agora, mas não era para ser assim.

— Fale — pediu o presidente novamente, tentando afastar a cabeça da pistola.

Hazar respirou fundo e cerrou a mandíbula, inchando os músculos do rosto. Olhou de relance para mim — que fechei os olhos — e limpou a garganta.

— Você seria mantido em cativeiro. Filmado em vídeo que passaria ao vivo na internet, documentando todos os momentos de sua prisão.

— O quê?

Abri os olhos um pouquinho para ver Hazar se abaixar, deixando sua cara a milímetros do rosto do presidente. Abriu um sorriso perverso quando começou a sentir que havia vencido. Havia capturado sua presa.

— Depois de sete dias, você seria decapitado — ele disse. — As imagens revoltariam o mundo e todos saberiam que a guerra contra o Terror não acabou. O governo americano dobraria os fundos para a CIA, as extradições recomençariam e todo mundo faria vista grossa para torturas e interrogatórios. *Esse era o plano.*

— Que... diabo... de terrorista é você? Pensei que você fosse... um tipo de caçador.

— É o que aquele idiota do Morris pensa. — Hazar virou a cabeça em minha direção. Fechei os olhos novamente, mas ele estava distraído naquele momento. Estava se divertindo. — Mas eu sou muito mais que isso, sr. Presidente: eu sou um consertador. Eu conserto as coisas. Eu transformaria você num mártir. Todo mundo te amaria. Os Estados Unidos teriam o orçamento antiterrorista de volta e um vice-presidente prontinho para tomar posse.

— *Ele* sabe disso? É por isso que vocês têm acesso às imagens de satélite? *Ele* está junto nessa?

— Quem você acha que planejou tudo isso? E que vice-presidente não quer ser presidente? Porém, isso só pode acontecer se o presidente morrer.

— Você não precisa fazer isso — disse o presidente.

— Você ficaria surpreso com o número de vezes que ouvi essa frase. Tanta gente fala...

De algum lugar no fundo do avião, ouvi um rangido longo, como o gemido de um monstro gigante, e tudo foi arremessado. A cabine se inclinou ainda mais, afundando a cauda e fazendo a ponta do avião se levantar e girar.

Abri os olhos a tempo de ver Hazar ser arremessado para o lado, com a pistola apontada para a outra parede.

Aproveitando a chance, o presidente pareceu despertar como um animal selvagem. Era como se o temor pela vida tivesse finalmente libertado algo dentro dele. Ele deu um grito aterrorizante, expondo toda a sua força e agressividade em uma explosão. Ele se virou e pulou

sobre Hazar, segurando seu braço armado com uma mão e enchendo sua cabeça de socos.

— Não vou morrer! — ele berrou, socando Hazar. — Não vou morrer!

Levantei com um salto e corri para o outro lado cheio de entulhos, mas o presidente estava se virando bem sem mim. Hazar deixou a arma cair, e ela deslizou para longe, perdendo-se em meio à bagunça enquanto ele tentava se defender. O presidente parecia um louco, esmurrando-o com os dois punhos repetidas vezes, até Hazar parar de se mexer. Só então o presidente se levantou e deu um passo para trás para olhar o homem estendido no chão.

— Primeiro é meu guarda-costas e agora o vice-presidente. Quem é o próximo?

Seus ombros subiam e desciam enquanto respirava furioso, e seu rosto estava distorcido de tanta raiva.

— Você acabou com ele — eu disse.

O presidente olhou para mim e se sacudiu, como se para expulsar o demônio que havia tomado conta dele. Ele fechou os olhos, deu um longo suspiro e, quando os abriu novamente, parecia ter voltado ao normal. Estava assustado e confuso, como na noite anterior ao sair da cápsula.

— Você... você acha que ele morreu?

Eu me abaixei ao lado de Hazar e coloquei o indicador embaixo de seu nariz, sentindo o calor de sua respiração.

— Não. — Balancei a cabeça. — Mas ele apagou.

— Morris teria ficado orgulhoso de mim — ele disse, passando a mão na garganta.

— *Eu* estou orgulhoso de você.

O rádio no cinto de Hazar soltou um chiado estático, fazendo que nós dois virássemos a cabeça para olhar.

Pssst!

— Hazar? — A voz murmurada de Morris sibilou na suíte. — Hazar? O que está acontecendo? Hazar? *Hazar?* Que inferno! — O rádio desligou com um clique.

— Ele ouviu os disparos — eu disse. — Sabe que tem alguma coisa errada.

Os olhos do presidente se arregalaram e ele tombou sobre a parede do outro lado quando o avião gemeu e se moveu mais uma vez. Ele voltou a se equilibrar e começou a remexer os lençóis e travesseiros, jogando-os para o lado.

— O que você está fazendo?

— A arma — ele disse. — Precisamos achar a arma.

— Esquece a arma — falei. — Você precisa dar um jeito *nele*. Amarre esse cara ou... sei lá. Ele vai acordar a qualquer momento.

— Mas e o Morris?

— Deixe o Morris comigo. — Tirei uma flecha da aljava. — Vou caçar aquele Morris.

— Como assim? Não, Oskari, ele é muito perigoso.

Vi que ele estava inseguro, mesmo depois de tudo pelo que tínhamos passado juntos, e fui tomado de fúria e decepção. Senti outra vez tudo que havia sentido quando estava sobre a plataforma, com todos olhando para mim enquanto tentava puxar o arco.

— Por que ninguém nunca acha que sou capaz?

— Não é isso. Só não quero que nada aconteça com você, Oskari. — Ele estendeu o braço para me deter, mas eu já estava a caminho da porta.

CONFRONTO FINAL



TENTEI IMAGINAR QUE ESTAVA CAÇANDO À NOITE NA FLORESTA atrás de casa. Em vez de árvores e arbustos que bloqueavam meu caminho, porém, havia cadeiras viradas e pilhas de papéis. Em vez de rastejar em torno de seixos e descer em silêncio por declives cheios de lama, eu precisava desviar de bolsas e laptops quebrados, andando por um carpete úmido inclinado em direção à cauda do avião.

O arco estava na minha mão, com uma flecha encaixada na corda.

Eu era um caçador novamente. Não estava mais fugindo, não tinha mais medo.

Morris era minha presa.

Eu me concentrei na minha respiração, lenta e regular. Andava apenas alguns milímetros de cada vez, sem emitir som algum. Eu me movia como neblina ao atravessar a sala do presidente e me arriscar na escuridão.

As persianas continuavam abaixadas, cobrindo as janelas e impedindo a luz de entrar completamente na cabine. Fumaça e poeira se mexiam no ar.

Ele estava lá fora. Eu conseguia ouvir sua respiração, o ruído de seus sapatos no carpete.

Ali.

Perto.

A um metro de distância.

A porta de segurança que o presidente havia trancado estava aberta, como a havíamos deixado enquanto preparávamos a armadilha, induzindo-os a se separar — o que funcionara. Morris estava do outro lado da porta, na sala de reuniões pela qual tínhamos passado.

Xuc!

Levei um momento para entender que som era aquele. As persianas. Morris estava abrindo as persianas.

Xuc!

Estava tentando eliminar minha vantagem, a escuridão.

Xuc!

A luz invadiu a cabine.

— Chega de se esconder no escuro, sr. Presidente. Está na hora de aparecer. — Sua voz baixa entrou no corredor como o murmúrio de um espírito maligno.

Entrei de lado na enfermaria, imóvel e prestando atenção.

Xuc!

— Você sabe que vou te achar.

Ergui o arco e puxei a corda, focando o que eu tinha que fazer. Era ele ou eu. Eu precisava fazer aquilo. Minha flecha tinha que voar no ângulo certo.

Xuc!

— Não tem onde se esconder, sr. Presidente.

Puxei a corda como se minha força soubesse que eu precisava dela mais que nunca. Estiquei-a até meu ombro e ao longo do peito. Eu segurava o arco firme com a mão esquerda e meu braço parecia de madeira sólida. A corda machucava os dedos da minha mão direita à medida que eu puxava mais e mais. Trouxe-a até meu nariz sem vacilar. Finalmente, chegou até onde qualquer homem conseguiria puxar: minha bochecha. O arco estava posicionado com todo seu potencial de força. Mas não tive nenhum arroubo de euforia nem minha respiração acelerou. Eu tinha conseguido: tinha puxado o arco. Mas não era hora de celebrar; era hora de caçar.

E caçar é coisa séria.

O som do sapato de couro no carpete. No corredor, naquele exato momento.

Xuc!

Dei um passo de lado para fora da enfermaria e o encarei. Bastou um passo, e o arco continuou firme na minha mão, a corda continuou na minha bochecha, a flecha continuou nos meus dedos.

Morris me viu e deu um passo em minha direção, depois hesitou e me encarou, confuso.

Então atirei.

Soltei a flecha, forte e reta, que voou na direção dele pelo corredor, como em câmera lenta. Eu vi cada vibração da haste de madeira e cada agitação da flecha empenada. Era um míssil mortal, voando contra o alvo.

Ela acertou seu peito em cheio.

Mas nada aconteceu. Morris foi atingido bem no coração, mas a flecha quicou como um graveto lançado por uma criança.

Morris deu um passo para trás, surpreso, e olhou para baixo. Seus olhos brilhavam na minha direção e seu lábio se contorceu.

— Ora, ora — ele disse, abaixando um pouco a pistola. — Sapatos pequenos.

Eu estava incrédulo. Tinha me escondido e puxado o arco o máximo possível e, mesmo assim, Morris ainda estava em pé. Eu tinha fracassado.

— Você causou uma bela de uma encrenca, garoto, mas agora está na hora de deixar os adultos cuidarem das coisas.

— Isso podia ser verdade ontem — eu disse sem pensar.

— Como assim?

Engoli em seco e senti minha raiva voltar.

— Eu disse que isso podia ser verdade ontem. Mas hoje é meu aniversário.

Ergui o braço por sobre o ombro e peguei a última flecha da aljava.

Morris me observou, ainda com um sorriso no rosto.

— E daí? Quem se importa?

Encaixei a flecha e ergui o arco.

— Hoje é o dia em que eu viro homem.

— Sério? — Ele balançou a cabeça. — Um arco e flecha contra Kevlar? Meu Deus, você nem deve saber o que isso significa, não é? — Ele tocou o peito com a mão esquerda. — Colete à prova de balas. Seu idiota.

Comecei a puxar a corda para trás.

— Que bom que hoje você vira um homem — Morris disse, começando a erguer a arma. — Porque isso significa que não vou matar um...

O sorriso se desfez de repente. Seus olhos se arregalaram e seu rosto mudou de cor.

— ... um... — Seu corpo deu um tranco, como se ele tivesse levado um soco. — ... um... — Ele levou a mão ao peito e soltou um estranho som engasgado ao cair de joelhos. — ... um... garoto.

Morris se ajoelhou na minha frente, balançando de um lado para outro. Então, todo o seu corpo ficou tenso como se ele tivesse sido eletrocutado. Ele tombou para a esquerda, soltando a arma e escorregando até encostar na parede.

Eu ainda estava parado, com o arco puxado, quando o presidente apareceu atrás de mim, meio correndo, meio escorregando. Ele trombou comigo, fazendo-me soltar a flecha, que escorregou e desapareceu entre os escombros empilhados na parede do outro lado.

— Oskari, está tudo bem com você? — Ele parou ao meu lado e colocou a mão no meu braço, fazendo-me baixar o arco. — Meu Deus, Oskari, você é muito corajoso. Você acabou de enfrentar um membro da minha equipe de segurança. Esses caras são muito fortes e ele era o melhor de todos.

— Eu... o quê...? Eu matei o Morris? — Não entendia o que tinha acontecido.

— Ele já estava morto — o presidente me disse. — Fragmento de bala perto do coração, lembra? Toda essa adrenalina deve ter movido o fragmento e...

— Eu matei o Morris? — voltei a perguntar, virando para olhar para o presidente.

Seu rosto se suavizou.

— Não, Oskari. Ele já estava morto. Confie em mim.

O avião soltou um longo rangido abaixo de nós, mais alto que os anteriores, e se inclinou pela última vez antes de começar a deslizar para dentro do lago.

O barulho de água corrente encheu a cabine e olhamos pelo corredor, vendo o lago invadir violentamente o avião. O *Air Force One* estava

prestes a deslizar dos bancos de areia e desaparecer nas profundezas do lago.

— Estamos afundando! — gritou o presidente. — Precisamos sair daqui!

GAME OVER



— E HAZAR? — gritei enquanto corríamos em direção à sala do presidente. — Você amarrou Hazar?

— Sim.

— Ele vai se afogar.

— Não há nada que podemos fazer — ele respondeu. — Não temos tempo. Precisamos nos salvar. — Ele parou em frente à porta e segurou a alavanca vermelha. — Você é mais importante, Oskari. Hazar vai ter que se virar sozinho. — Ele girou a alavanca e abriu a porta, deixando entrar uma rajada de ar frio que cheirava a combustível de aviação.

Havia outra coisa também: o som do helicóptero acima. Eu tinha me esquecido completamente dele porque não o ouvia dentro da aeronave fechada, mas, naquele momento, hesitei. Os homens de Hazar ainda estavam lá em cima, esperando pelo chefe.

— Pule! — gritou o presidente.

Olhei a superfície do lago lá embaixo.

— Agora! — Ele me empurrou para fora.

Com o arco na mão, atingi a superfície e mergulhei enquanto o presidente caía na água ao meu lado. Emergimos juntos para inspirar o ar fétido e nadamos para longe do avião, em direção à margem.

O helicóptero continuava a pairar lá em cima, esperando em vão que Hazar completasse sua missão.

— Temos que mergulhar — eu disse. — Eles vão nos ver.

O presidente assentiu e respiramos fundo antes de mergulhar e nadar para o mais longe possível. Depois de nadar alguns metros, voltei à tona para respirar e vi o avião desaparecer lentamente lago adentro. A cauda que antes se estendia orgulhosa, decorada com a bandeira dos Estados Unidos, estava embaixo d'água, e a parte chamuscada na traseira do avião também já havia afundado. Parecia que o lago estava engolindo o *Air Force One*.

Voltei a mergulhar e observei por entre a escuridão do lago o corpo imenso da aeronave deslizar para trás como uma fera abatida. A água parecia ferver com as bolhas que emergiam em torno do avião, vindas dos bolsões de ar que haviam salvado nossas vidas. As luzes continuavam cintilando em vermelho, verde e laranja. Porém, já não dava para ver a maioria delas agora, pois não eram intensas o suficiente para atravessar a escuridão na qual afundavam. Mais alguns minutos e o avião estaria no fundo do lago, levando Morris e Hazar junto.

Quando voltei à superfície novamente, o presidente também olhava para o avião. Toda a parte atrás das asas já estava submersa. Só dava para ver a frente da aeronave, onde ficavam a sala e a suíte do presidente, além do centro de comunicações e da cabine de pilotagem no andar de cima.

O helicóptero permanecia sobrevoando, criando ondas no lago.

— Venha — eu disse, tremendo. — Eles não podem nos ver.

O presidente observou por mais um momento, mergulhou e me seguiu em direção à margem, passando sob os incontáveis peixes mortos prateados que brilhavam na superfície do lago.

A água estava oleosa por causa do combustível e, toda vez que subíamos para respirar, o cheiro forte ardia nas minhas narinas e me deixava tonto. À medida que nos aproximamos da margem, porém, o odor foi ficando mais fraco, sendo lavado gradualmente de nossa pele e roupa cada vez que mergulhávamos.

Eu não conseguia acreditar que tínhamos derrotado Hazar e Morris, mas também não conseguia deixar de pensar em Hazar amarrado na suíte presidencial, entrando em pânico com a morte iminente à medida que o avião era puxado para o fundo. A presença constante dos homens no helicóptero também me preocupava. Bastaria que um deles olhasse para o outro lado do lago para nos ver fugindo.

Quando estávamos perto da margem, olhei para a nave que sobrevoava os restos do avião. Estava quase todo submerso — a porta pela qual tínhamos pulado estava embaixo d'água e a ponta do jato estava num ângulo mais agudo, na direção da copa das árvores anãs da pequena ilha que havia sustentado o *Air Force One* durante a noite.

Mas algo chamou minha atenção.

Um movimento.

Pisquei para tirar a água dos olhos. Talvez tivesse sido algum pássaro curioso ou algum escombro que havia se mexido com a corrente do helicóptero.

Mas vi novamente. Um movimento na janela da cabine de pilotagem do avião.

— O que é aquilo? — perguntei, limpando o rosto para tentar clarear a vista.

O presidente parou ao meu lado e virou para olhar.

— Não estou vendo nada...

Algo pareceu crescer dentro da janela. Um vulto escuro que se lançou para cima como uma mariposa saindo de um casulo.

— Hazar — eu disse. Só podia ser.

— Mas eu o amarrei.

— Não o suficiente.

Enquanto assistíamos, Hazar deu um impulso para sair pela janela quebrada da cabine de pilotagem e se arrastou até a ponta do jato. Parou, se levantou e olhou para o lago na nossa direção.

— Ele não pode nos ver — o presidente disse.

Mas Hazar ergueu uma mão e apontou para nós, fazendo sinal para os homens no helicóptero.

— Sim, pode — eu disse.

Um dos soldados se debruçou para fora e entregou uma coisa para Hazar. Parte da arma que eu tinha visto antes.

— Volte a nadar — eu disse. — Agora.

Nós dois viramos e começamos a nadar o mais rápido possível em direção à margem. Eu sabia o que Hazar faria na sequência. Ele ia montar aquele rifle, encaixando todas as partes no lugar, o que não demoraria muito.

— Mais rápido! — gritei para o presidente, que estava começando a ficar para trás. Nós dois estávamos exaustos, mas eu sabia de algo que me fazia nadar mais rápido: Hazar era um bom atirador. Tinha visto Patu correr para salvar sua vida em vão.

Chegamos à parte rasa e nos levantamos no chão macio, atravessando a água rapidamente até a margem. A ampla encosta enlameada ficava a uma distância de mais ou menos vinte metros das árvores da floresta. Aqui e ali, pilhas de madeira flutuante jaziam como ossos velhos, e pedras e seixos ásperos cobriam a terra como se tivessem caído do céu. Aquelas pedras gigantes eram a única proteção entre a margem e a floresta.

— Continue! — gritei. — Até as pedras!

Corremos, tropeçando, até um conjunto de seixos cinza-escuros, pulando atrás deles para nos esconder a tempo de escapar do primeiro tiro de Hazar, que atingiu o chão no meio da margem. A bala zuniu por nós e atingiu a lama com um baque que lançou uma grande gota de lama no ar cinzento. O som do disparo chegou até nós uma fração de segundo depois, um alto BANG! que ecoou pelo lago, fazendo os pássaros fugirem para as árvores.

Se tivéssemos demorado um segundo a mais, o tiro teria atingido o presidente.

— Ele escapou? — o presidente perguntou. — Como ele conseguiu escapar?

— Não importa — respondi. — Não é isso que importa.

Eu me arrastei para o lado e me atrevi a dar uma olhadinha pela fenda estreita entre as duas rochas. O helicóptero ainda estava lá, e Hazar estava em pé ao lado da janela da cabine do avião, com o rifle no ombro.

Foi tudo o que vi antes de voltar. E fiz bem em voltar, porque ele tinha me visto. Assim que me escondi, uma bala acertou a fenda entre as rochas, fazendo voar fragmentos afiados e atingindo a lama atrás de mim com uma pancada surda.

Mais uma vez, o som do disparo crepitou no ar um momento depois.

— Ele tem uma boa mira telescópica — eu disse. — E atira bem.

— Meu Deus — o presidente disse. — Isso nunca vai acabar?

— Vai — eu disse. — Vai.

Se tentássemos chegar até as árvores, Hazar nos mataria. Se tentássemos chegar até a água, Hazar nos mataria. Se ficássemos parados, Hazar entraria no helicóptero e viria nos matar.

A única coisa que nos restava era atacar.

Lembrei o que meu pai havia me ensinado, o que tinha me falado no dia anterior, a caminho do Território das Caveiras. As duas coisas mais importantes: minha faca e meu kit de fogo.

Enquanto estiver com eles, vai conseguir sobreviver a qualquer coisa, em qualquer lugar. Sempre ande com eles. Nunca os coloque na bolsa e não vá perder, hein? Lá fora, podem ser a diferença entre a vida e a morte.

Minha faca e meu kit de fogo.

E meu arco.

— Tive uma ideia — eu disse. — Me arranje um graveto.

— O quê?

— Um *graveto*. Do tamanho de uma flecha.

Enquanto o presidente vasculhava a pilha de madeira atrás de nós, tirei a faca da bainha e a coloquei no chão à minha frente. Em seguida, peguei o kit de fogo no bolso, aliviado por ver que o tubo à prova d'água ainda estava selado.

— Este serve? — perguntou o presidente, me mostrando um graveto levemente arqueado.

— Tem que servir. — Usei a faca para deixá-lo menor e fiz uma incisão numa das pontas. Rapidamente afiei a outra com dois ou três cortes rápidos. Feito isso, cortei uma tira fina da barra da camiseta e a pus entre os dentes enquanto abria o tubo à prova d'água.

— Faca e kit de fogo — disse o presidente, começando a entender.

Assenti sem olhar para ele e peguei um dos fósforos à prova d'água.

— Acho que isto é uma emergência, certo? — ele perguntou.

— Certo — eu disse com os dentes cerrados.

Abri a tampa do tubo amarelo e tirei quatro dos fósforos.

Eu os segurei em volta da ponta afiada da flecha com a mão esquerda, usando a direita para tirar o pedaço da camiseta da boca. Prendi o algodão ao redor dos fósforos com um nó simples; depois encaixei a flecha improvisada no arco.

Não havia nenhuma pena de voo e o graveto era torto demais para ir reto, mas torci para que servisse. Era tudo que me restava.

De joelhos, puxei o arco rangendo os dentes e reunindo todas as forças que ainda tinha. Meu braço tremeu, mas investi toda minha energia naquilo. Era nossa última chance.

Quando a corda tocou minha bochecha pela segunda vez naquele dia, soube que meu plano daria certo.

— Acenda — eu disse, apontando a flecha para o céu.

O presidente já estava com um fósforo na mão e o acendeu na lateral da caixa. Quando o fósforo tocou a ponta da flecha, os outros quatro se acenderam com um chiado. Esperei até ter certeza de que estavam acesos e, então, soltei a corda.

Sem as penas, a flecha virou e girou no trajeto, mas voou alto. Arremessada por toda a força do arco, ela subiu e subiu, arqueando sobre as rochas, a lama e o lago, até finalmente começar a descer, caindo onde já não dava mais para ver.

Então, apesar do som do helicóptero, ouvimos o claro VUMP! de combustível pegando fogo e grandes labaredas apareceram sobre o alto dos seixos.

— Deu certo — murmurei e me arrastei para olhar pela fenda entre as rochas.

O que vi parecia o inferno.

— Olhe! — Segurei o braço do presidente e, juntos, nos levantamos para ver a superfície do lago queimando e dançando numa imensa muralha de chamas. Tudo à nossa frente estava pegando fogo, lançando chamas em alguns lugares, irrompendo em enormes colunas em outros. O fogo parecia vivo, correndo de um lado para outro do lago, incendiando todas as gotas de combustível ao avançar em direção ao avião.

Não dava para ver Hazar. As chamas estavam muito altas. Mas o helicóptero ainda estava visível. Vimos como as pás da hélice sopravam as chamas quando a aeronave tentou voar mais alto, mas já era tarde demais. O fogo incandescente queimava tudo muito rápido para que algo escapasse. Envolveu o avião, tragando seu corpo coberto de combustível, sorvendo cada espaço com ar, correndo para dentro dos tanques de combustível e detonando numa erupção gigantesca.

O helicóptero foi tragado pela bola de chamas, engolido pela nuvem laranja e preta que subia aos céus. Ele girou e se debateu, e contribuiu para aumentar a explosão, estourando em mil pedaços.

A rajada de calor se dissipou pela superfície do lago, enchendo a margem de escombros. Pedacos de metal e plástico voaram em todas as direções como uma saraivada de balas. As pedras nos protegeram do pior, mas não conseguiram nos proteger da onda violenta que nos derrubou. Tampouco da chuva de fragmentos que parecia cair daquele céu ardente, atingindo o barro e se espalhando até as árvores lá atrás.

Tudo foi dominado pelo calor, pelo barulho e pela fumaça e, no meio do furacão de fogo, senti um baque cortante na cabeça e muita dor.

TRADIÇÃO É TRADIÇÃO



NÃO SENTI NADA NEM PENSEI EM COISA NENHUMA além da lenta queda pelo espaço infinito. Mas logo o vazio foi tomado pelo cheiro de combustível queimado. Um cheiro forte e repulsivo que invadiu minha garganta e enegreceu meus pulmões. Comecei a tossir. Ao mesmo tempo, senti uma vaga pulsação atrás da cabeça e lembrei que tinha batido bem ali quando... quando mesmo? Ontem? Um ano atrás?

Não, não fazia tanto tempo assim. Foi na suíte do presidente. Eu tinha pulado para distrair um homem chamado Hazar e...

— Presidente? — Abri os olhos e me sentei. — Presidente?

Ele estava deitado ao meu lado, pressionado contra as rochas em posição fetal. Seu rosto estava coberto e suas mãos envolvidas na cabeça.

— Presidente?

A fumaça pairava à nossa volta, densa e preta, e o chão estava coberto por pedaços de metal retorcido e plástico quebrado. O som de fogo crepitando me fez olhar para trás e encontrar uma série de pequenas chamas queimando entre as árvores, o que me lembrou da queda do avião na última noite. Pilhas emaranhadas de madeira também queimavam, como se o mundo todo fosse pegar fogo.

— Presidente? Você está vivo?

Eu não conseguia pensar direito. Entorpecido pela explosão ensurdecadora, tive a sensação de que meu cérebro havia derretido na

minha cabeça, e tudo estava vago. Havia uma coisa, porém: um som familiar que ficava mais alto a cada segundo.

Tá-tá-tá-tá-tá.

Um helicóptero.

NÃO! A palavra explodiu na minha cabeça. Eles não podiam ter sobrevivido. Eu tinha visto a explosão... eu os vi queimar e estourar em mil pedaços. Nem Hazar poderia ter sobrevivido àquilo.

O som chegou mais perto, vindo do lago em nossa direção e, ao erguer a cabeça, vi dois helicópteros voando lado a lado.

Outros caçadores. Outros homens vindo atrás do meu amigo.

Eu me levantei, cambaleando pela tontura e me apoiando nas rochas enquanto os observava chegar à margem e pairar como insetos pretos gigantes.

A fumaça rodopiou como um tornado abaixo deles. Cordas foram jogadas dos dois lados e homens de preto deslizavam para baixo, armados com fuzis automáticos e submetralhadoras.

— Não — eu disse, saindo de trás das rochas e cambaleando a céu aberto para enfrentá-los. Eles não pegariam o presidente. Ele era meu.
— Não. — Abaixei a mão para segurar o cabo da faca e tirá-la da bainha.
— Não.

— Está tudo bem — disse o presidente ao meu lado, já em pé. Seu rosto estava ensanguentado e suas roupas, em farrapos. Ele ergueu o braço e segurou minha mão para que eu não sacasse a lâmina. — Esses homens estão comigo.

Tentei tirar a faca mesmo assim, mas ele segurou minha mão com firmeza e balançou a cabeça.

— Eles nos encontraram, Oskari. A equipe de resgate. É hora de ir para casa.

Atrás das rochas, perto da linha da água, três dos soldados continuaram no chão embaixo do helicóptero, voltados em direções diferentes, à procura de ameaças. Outros quatro correram em nossa direção com suas armas apontadas para mim. Quando se aproximaram, o presidente deu um passo manco à frente e ergueu a mão.

— Que bom ver vocês. Baixe a guarda, capitão — ele disse, mas sua voz estava baixa e eles ignoraram a ordem. Os homens se colocaram entre nós, escoltando o presidente para longe enquanto os outros

continuaram a apontar as armas para mim. Me perguntei se realmente tinham vindo para nos resgatar. Talvez fossem outros homens que trabalhavam para Hazar.

— Eu mandei baixar a guarda, capitão! — o presidente ordenou, erguendo a voz e se separando deles. — E cuidem bem desse rapaz. — Ele voltou e empurrou os soldados para o lado para colocar a mão no meu ombro. — Se não fosse por ele, vocês teriam um novo presidente agora.

O capitão me olhou muito sério. Ele tinha o rosto quadrado e o cabelo raspado. Sua sobrancelha estava franzida e ele me deu um rápido aceno de cabeça antes de se voltar para o presidente.

— Senhor, por favor, venha conosco. Temos um jato no aeroporto de Rovaniemi esperando para levá-lo a Helsinque.

O presidente acenou com a cabeça e olhou para mim, assegurando-me de que estava tudo bem, e os soldados nos cercaram enquanto esperávamos um dos helicópteros tocar o solo. Quando pousou, os homens nos escoltaram pela costa em direção à linha da água.

— Espere! — exclamei, lembrando algo de repente. — Meu arco!

Um dos soldados fez menção de me segurar, mas o presidente o deteve.

— Deixe o garoto.

Corri de volta até as pedras e procurei entre os escombros até encontrar o arco que Hamara tinha me entregado no dia anterior. Eu mal conseguia acreditar que fazia apenas um dia que eu tinha deixado meu pai para trás e me aventurado sozinho na floresta.

— Não pode se esquecer disso — o presidente falou, olhando para o arco enquanto subíamos a bordo do helicóptero.

Sentamos de frente um para o outro, e os soldados prenderam nossos cintos. Coloquei o arco sobre os joelhos e olhei para o presidente, que estava exausto e ferido. Em poucos segundos, o helicóptero levantou voo sobre o lago, virou, apontou para baixo e acelerou sobre as árvores.

— Quero que você contate o Pentágono e mande prender o vice-presidente — disse o presidente para o capitão. — Agora. — Seu jeito não era mais o de antes, era o de um homem acostumado a dar ordens. Não mais de um homem que precisava ser guiado pela mata.

— Sim, senhor — o capitão falou em seu comunicador, passando a mensagem adiante.

— E não vamos para Rovaniemi. — O presidente manteve os olhos em mim enquanto gritava para ser ouvido em meio ao barulho do helicóptero.

— Senhor, essas são nossas ordens — disse o capitão. — De lá, o senhor vai ser levado para...

— Não é para lá que vamos. — Ele continuava sem olhar para os soldados. — Vamos levar Oskari para casa primeiro.

— O senhor está falando do menino? Podemos levá-lo para casa depois...

— Eu sei que você só está fazendo seu trabalho, capitão. — O presidente olhou para o soldado sentado ao meu lado. Era um olhar que desafiava o homem a desobedecê-lo. — Mas lembre-se de quem eu sou. Você recebe ordens de mim e eu estou mandando levar este rapaz para casa. É o mínimo que podemos fazer por ele.

O capitão pausou.

— Você entendeu?

— Sim, senhor. Hum... O senhor tem alguma localização? Precisamos saber onde fica a casa dele, senhor.

O presidente olhou para mim e arqueou as sobrancelhas.

— Para onde você quer ir, Oskari?

— Para o Território das Caveiras.

— O... *o quê?* — O presidente pareceu surpreso e se aproximou, como se não tivesse entendido direito.

— O Território das Caveiras — repeti. — É onde meu pai está me esperando.

— Foi o que eu entendi. Parece um lugar sério.

— E é.

O presidente assentiu e virou para o capitão.

— Você ouviu o homem. Leve-nos para o Território das Caveiras.

— Hum. Você tem as coordenadas? — perguntou o capitão.

— Sudoeste do lago — respondi.

O capitão passou as instruções pelo microfone, repetindo-as para o piloto. Imediatamente, o helicóptero virou para o oeste.

— Nenhuma coordenada? — perguntou o capitão. — Nada mais?

Fiz que não, pensando em como poderia explicar.

— Espere aí — eu disse, tirando o cinto de segurança e olhando pela janela atrás de mim.

A mata parecia se movimentar para trás numa velocidade incrível enquanto roçávamos a copa das árvores. Observando a infinidade de árvores e montanhas em volta, procurei alguma coisa conhecida.

— Venha para a cabine do piloto — disse o presidente, tirando seu cinto e me levando para a frente.

— Senhor — advertiu o capitão —, realmente preciso pedir para o senhor... — Bastou uma olhada do presidente e ele parou o que estava dizendo. Assentiu e fez uma saudação. — Senhor.

Avançamos para a cabine. Por cima do ombro do piloto vimos o lago Tuonela logo abaixo. Daquela altura, parecia ainda maior do que eu imaginava. Igual ao mar. A neblina havia se dissipado e a fraca luz do sol refletia na superfície. Perto de uma margem, a água ainda queimava e uma forma escura flutuava sob a superfície.

Olhei para o presidente e tive certeza de que ele estava pensando em todas as pessoas que morreram na aeronave. Hazar e Morris podiam ter merecido afundar com ela, mas os outros, não.

— Senhor — disse o capitão —, acabei de receber uma informação do Pentágono. O vice-presidente foi encontrado morto no banheiro alguns momentos atrás. Parece que escorregou num sabonete e bateu a cabeça.

— Sabonete?

— Foi a informação que recebi, senhor.

— Você já escorregou num sabonete no banheiro, capitão?

— Acho que não, senhor.

— Eu também não. Acho que alguém o *ajudou* a escorregar. O tipo de pessoa que o ajudou a organizar todo esse plano, porque Deus sabe que ele não conseguiria ser tão perverso sozinho. Alguém silenciou o vice-presidente, *dentro do Pentágono*, e quem quer que tenha sido ainda está lá agora. — O presidente pensou por um momento. — Capitão, mande a segurança trancar o lugar. Alguém de lá sabe quem armou essa para mim.

— Trancar, senhor? Todo o Pentágono?

— Essas são as minhas ordens. Dê um jeito.

— Sim, senhor.

Passamos voando pela cachoeira e apontei para o piloto o caminho a seguir sobre o topo da montanha, descendo e passando pelas cicatrizes na floresta onde os aviões haviam caído e, depois, para onde meu pai estaria esperando.

Quando chegamos ao Território das Caveiras, eu não conseguia acreditar em como ele era pequeno.

No dia anterior, parecia enorme; era o meu mundo todo. Agora, parecia uma plataforma em pedaços, com um conjunto de trailers velhos, SUVs amassados e abrigos temporários.

Mas era o meu lugar. Meu pai estava lá e isso me deixou exultante. Era a minha casa.

O barulho havia atraído os homens para fora de seus abrigos e trailers, e estavam todos parados, com o pescoço estendido e as mãos sobre os olhos, para ver nossa chegada. Hamara estava lá, inconfundível, e também Davi, que quase me fizera perder o equilíbrio antes ao me dar aquele tapa nas costas. Eu podia ver alguns dos meninos também: Risto e Broki, protegendo os olhos, e meus amigos Jalmar e Onni, parados perto deles.

O piloto girou o helicóptero sobre o Território das Caveiras e, quando finalmente começamos a descer, vi meu pai ao lado da nossa perua, com o rifle no ombro. Ao pousar, o presidente mandou o piloto desligar o motor. Voltamos para a parte central do helicóptero enquanto o capitão puxava a porta e descia, com a arma apontada para os caçadores. Os outros soldados desembarcaram na sequência, alguns abaixados, outros em pé e movendo-se num arco, mantendo as armas a postos.

Quando desci, vi o choque e a surpresa na cara de meu pai. Eu nunca o tinha visto daquele jeito antes e fiquei com lágrimas nos olhos. Eu estava tão aliviado por estar em casa, por ver meu pai de novo, e sabia que ele sentia o mesmo.

Ele ficou parado ao lado da perua por um segundo, incrédulo, depois avançou, devagar no começo, mas logo desatou a correr.

Um dos soldados parou na frente dele, apontando a arma para seu peito.

— Aquele é meu filho! — meu pai gritou, e ergueu a mão para apontar. — Meu filho!

Eu também queria correr para ele, mas me contive. Tinha uma coisa que precisava fazer antes.

Era tradição.

Limpei as lágrimas dos olhos e me ajeitei, alto e forte, segurando o arco na mão direita e olhando para a frente enquanto atravessava o Território das Caveiras passando pelos outros.

Caminhei até Hamara e parei na frente dele, olhando em seus olhos.

— O arco tradicional — eu disse, estendendo-o para ele.

Hamara abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. Ele olhou para mim e em seguida para os soldados e o helicóptero. Então, encarou atônito o homem que tinha vindo ficar ao meu lado.

— O arco tradicional — repeti, tentando fazê-lo olhar para mim. — E eu trouxe este homem da floresta. Ele é o meu troféu. Foi o que a floresta me deu.

— Você é o...? — Ele não conseguia tirar os olhos do presidente. — Você é o...?

— O arco tradicional — repeti, segurando a mão de Hamara e enfiando a arma entre seus dedos.

Finalmente, ele pegou o arco e olhou para mim.

— Este é o...?

Não respondi. Deixei que ficasse boquiaberto, e caminhei até meu pai, levando o presidente comigo.

— Oskari? — Meu pai estava ao mesmo tempo pasmo, confuso e preocupado. Eu nunca tinha visto aquela cara. — O que está acontecendo?

— Pai, quero te apresentar uma pessoa — eu disse. — Este é o... — Hesitei. — Este é o Bill.

O presidente deu um passo à frente e estendeu a mão.

— Bill? — meu pai perguntou, olhando de mim para o presidente e de volta para mim.

— Bill — confirmou o presidente. — E você é Tapio?

Sem palavras, meu pai só conseguiu assentir enquanto estendia uma mão hesitante para cumprimentar o presidente.

— Ouvi falar muito de você — o presidente disse. — Oskari me contou que você é um ótimo caçador. Bom, só para você saber — ele

soltou a mão do meu pai e segurou meu ombro —, seu filho também é. Ele é muito bom em salvar presidentes também.

— Você salvou o presidente? — Lágrimas brotaram dos olhos de meu pai, que se voltou para mim. — Você trouxe o *presidente* da floresta?

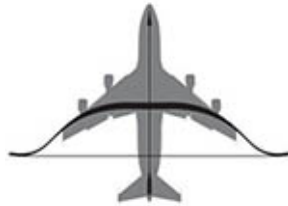
— Mas preciso te contar uma coisa — eu disse. — Eu bati o quadriciclo. Acho que ele está...

— Estou pouco me lixando pra isso. — Meu pai pareceu ganhar vida de repente. Ele me agarrou e me puxou, me abraçando apertado. Então se abaixou e falou em meu ouvido: — Poxa, Oskari, o presidente dos Estados Unidos? Sua mãe estaria muito orgulhosa de você. *Eu* estou muito orgulhoso... mas... você não podia ter se contentado com aquele cervo?

Ouvi alguém limpar a garganta e olhei ao redor. Hamara estava parado atrás de nós com uma câmera na mão. Ele encolheu os ombros e deu um sorriso envergonhado.

— Tradição é tradição.

FOTOGRAFIA



OS DIAS SEGUINTEs FORAM MUITO DOIDOS. Depois que os helicópteros do exército partiram com os soldados e o presidente, nossa aldeia foi tomada por vans, câmeras e pessoas com microfones. Todos queriam fazer um milhão de perguntas sobre o que tinha acontecido. Falaram com meu pai e com Hamara, filmaram a vila, e acompanharam as autoridades finlandesas e norte-americanas tirando o *Air Force One* do lago.

As equipes de investigação montaram uma base fora da aldeia, e o céu se encheu de helicópteros. Quando ouvia o barulho deles à noite, eu sonhava com Hazar, Morris e chamas na mata. Sempre acordava desses pesadelos com os estranhos barulhos da aeronave sendo retirada das profundezas do lago Tuonela e cortada em pedaços para ser levada embora.

Dois dias depois que saí da floresta com o presidente como troféu, um soldado veio à nossa porta.

Meu pai e eu estávamos na janela, olhando os repórteres e as equipes de filmagem que esperavam pacientemente que saíssemos. Eu me perguntava se ainda havia alguma coisa que eu pudesse dizer a eles. Já tinha contado tudo que recebi permissão para contar — a equipe do presidente tinha sido muito clara quanto a isso.

O soldado que abriu caminho pela multidão naquele dia tinha o rosto severo e barbeado, e seu uniforme era impecável. Sob o braço,

carregava um grande pacote embrulhado em papel pardo. Ele veio direto à nossa porta e bateu três vezes.

Meu pai olhou para mim e saiu do quarto. Ele atendeu a porta e ouvi o burburinho antes de o soldado ir embora e meu pai fechar a porta com um estalo. Quando ele voltou, o soldado já tinha desaparecido na multidão.

— É para você. — Ele me entregou o pacote.

— O que será que é? — Hesitei antes de pegá-lo e colocá-lo sobre a mesa, desembulhando com cuidado para ver o que havia dentro.

— Sei exatamente onde colocar isso. — Meu pai sorriu e pôs o boné para trás. — Pegue seu casaco.

Quando saímos de casa, levei o pacote embaixo do braço, como o soldado tinha feito, embrulhado em papel pardo novamente. Meu pai caminhou ao meu lado e ignorou os repórteres, abrindo caminho por eles e seguindo em direção ao fim da aldeia. A rua estava cheia de carros dos visitantes, além das picapes enferrujadas dos moradores. Ao passar pelas outras casas, todas de madeira como a nossa, alguns repórteres nos seguiram, de câmeras a postos, empurrando uns aos outros para se aproximar de nós.

Mas não falei nada para eles. Mantive os olhos fixos e caminhei pela tarde ensolarada, sentindo o ar fresco no rosto.

Quando chegamos ao fim da aldeia, paramos na entrada do Chalé de Caça. Duas vezes do tamanho de nossa casa, era o maior estabelecimento da aldeia, com dois andares sustentados por vigas enormes que pareciam tão antigas quanto aquelas do Território das Caveiras. Era para lá que os homens iam quase toda noite e, até então, um lugar quase proibido para mim. Só tinha entrado lá poucas vezes.

— Entre primeiro — disse meu pai.

A porta rangeu quando a abri.

Olhei ao redor, vendo os homens nas mesas. Caçadores fortes e durões, barbudos e bronzeados pelo sol. Alguns conversavam calmamente, outros riam e bebiam juntos. As paredes de madeira em volta eram decoradas com galhadas e crânios de animais premiados, cada um com sua própria história. O ar estava carregado com o cheiro de tabaco, cerveja quente e suor.

Sentado sozinho no bar, Hamara foi o primeiro que nos viu entrar.

Como sempre, usava seu gorro de lã tão enfiado na cabeça que seu pouco cabelo grisalho sumia embaixo dele. Sua grande barba estava desgrenhada e seu casaco, aberto, revelando uma blusa suja e a barriga inchada. Em sua mão direita, segurava uma grande caneca de cerveja. Olhou feio para os repórteres apinhados atrás de nós e, em seguida, olhou para mim.

Quando os outros nos viram, fez-se um silêncio que percorreu a sala, até que o único som fosse o murmúrio brando da tv.

Meu pai me deu um empurrãozinho com o cotovelo e fomos em direção à parede oposta. Minhas botas ecoavam no chão de madeira. Todos olhavam para mim, mas era Hamara quem mais me preocupava. Seus olhos pareciam me perfurar como raios.

Quando passamos ao seu lado, parei e me forcei a encará-lo.

Ele retribuiu o olhar fixo, cerrando os lábios. Então, um leve sorriso se abriu e as rugas no canto de seus lábios se contraíram.

— Oskari — ele disse, com um leve aceno de cabeça —, eu te julguei mal.

— Sim.

— Eu duvidei de você.

— Sim.

— Bom, acho que ninguém mais vai repetir esse erro. — Ele limpou a garganta. — Andei pensando em que tipo de homem seu feito o torna. Um urso significa força; um alce, inteligência; mas um presidente? — Ele ergueu as sobrancelhas e bufou. — Você me deixou sem resposta. — Seu sorriso se alargou, e ele deu uma risada baixa ao olhar para meu pai. Então voltou-se novamente para mim. — Você tem alguma coisa para pendurar na parede?

— Tenho.

— Melhor colocar lá, então, meu jovem. Tradição é tradição.

Ele apontou para o fundo da cabana, nos observando enquanto caminhávamos até a parede do fundo. Lá estavam as fotos de todos os caçadores com seus troféus. Hamara, aos treze anos, estava ajoelhado ao lado de um cervo. Davi aparecia com seus faisões, Jalmar com coelhos, e outros meninos posavam com lebres, lúcios, tetrazes-grandes, tetrazes-vermelhos e alces.

No topo da parede estava a foto do meu pai com seu urso, recolocada em seu lugar de direito. Estava mais apagada, vincada e danificada por ter me acompanhado em minha aventura, mas estava no lugar certo.

Ao lado das fotos, pendia o arco tradicional com a aljava que eu havia carregado nas costas.

— Sua foto — disse Hamara, parando ao meu lado, e tirando a mão do bolso.

Desembrulhei novamente o pacote antes de entregá-lo a Hamara. Ele o examinou por um momento, assentindo com aprovação. Então deu um passo à frente e prendeu-a acima de todas as outras.

Meu pai colocou a mão no meu ombro e eu me endireitei ao ver o recorte do *Washington Post* enquadrado. A manchete dizia:

CAÇADOR FINLANDÊS DE 13 ANOS RESGATA O PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS

Abaixo, havia uma fotografia do presidente deitado no chão como uma presa de caçador, parecendo cansado e sujo, mas apoiado num ombro e sorrindo para a câmera. Eu estava de pé ao seu lado, segurando o arco de caça tradicional. Atrás, havia um esquadrão das Forças Especiais e dois helicópteros *Black Hawk*. Outros helicópteros pairavam sobre a copa das árvores ao fundo.

Era a foto que Hamara havia tirado no dia em que voltei da floresta com Bill. O dia em que mostrei ao mundo que tipo de homem eu era.

AGRADECIMENTOS

O tempo e o esforço dedicados a um romance não vêm apenas do autor. Há muitas pessoas envolvidas no processo de produção de um livro até que ele chegue às prateleiras, então eu gostaria de agradecer a todos que participaram e fizeram de *A grande caçada* o que é. Agradeço especialmente ao brilhante Barry Cunningham por me apresentar a Oskari e me presentear com essa oportunidade incrível. Obrigado também a Jalmari Helander e Petri Jokiranta por darem a Oskari seu primeiro sopro de vida, e a Will Clarke por me deixar viajar com esta história. Obrigado a todas as Chickens, especialmente a Rachel L. por suas observações clarificadoras e indispensáveis e pelo apoio editorial, e Rachel H. e Elinor, com seu trabalho ótimo e persistente. Obrigado também à minha agente, Carolyn. Acima de tudo, obrigado aos meus primeiros leitores e maiores incentivadores: minha esposa e meus filhos. Eles são minha primeira e última opinião, e são aqueles que precisam conviver com os meus olhares perdidos e com a minha falta de memória quando me perco em meu próprio mundo.



DAN SMITH nasceu em 1970 e é autor de obras para o público adulto e infantojuvenil. Morou em diversos países que o inspiraram a escrever, como Serra Leoa, Indonésia, Espanha e Brasil. Hoje vive em Newcastle com a esposa e dois filhos.

Copyright do texto © 2015 by Dan Smith

Edição original em língua inglesa publicada em 2015 com o título de *Big Game* por The Chicken House, 2 Palmer Street, Frome, Somerset, BA11 1DS

Baseado na história original de Jalmari Helander e Petri Jokiranta, 2015

Baseado no filme original produzido por Subzero Films, Altitude Film Entertainment e Egoli Tossell

O autor assegura seus direitos morais.

Todos os direitos reservados.

A Editora Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Big Game

CAPA kakofonia.com

PREPARAÇÃO Paula Marconi de Lima

REVISÃO Julia Barreto e Renato Potenza Rodrigues

ISBN 478-88-418-326-5

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 782, cj. 35

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3777-3500

Fax (11) 3707-3501

site . : www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br